

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA
ULRICH

IDADE E ANOS DE ESCOLARIDADE

Estudo de Insuficiências observáveis em crianças de 7 anos inseridas numa turma de 2º
Ano do Ensino Básico

Carolina Monteiro

Relatório realizado na área Científica de Prática de Ensino Supervisionada no âmbito do
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor António Montiel

Ano Letivo 2012/2013

julho de 2013

Para ser professor, também é preciso ter as mãos purificadas. A toda a hora temos de tocar em flores. A toda a hora a Poesia nos visita.

Sebastião da Gama

Dedico este Relatório final à minha família, que muito me apoiou ao longo deste percurso de vida assim como aos meus amigos.

Sem todos vocês a concretização deste sonho nunca seria possível!

Quero deixar aqui alguns agradecimentos, em especial à minha querida amiga Paula, que muito me ajudou ao longo de todo este percurso.

À minha família, mãe, pai, irmão e avós que sempre me apoiaram neste sonho desde menina.

Aos meus amigos no geral, que sempre foram incansáveis comigo.

E por fim, aos meus professores, que muito me ensinaram e contribuíram para o meu crescimento profissional.

Um sincero obrigado a todos vós pela dedicação, amor, carinho e compreensão.

Resumo

O propósito deste Relatório Final prende-se com a problemática do ingresso precoce no Ensino Básico e as implicações do mesmo nas crianças. Para tal partiu-se de 3 questões principais:

- Como é que se manifesta uma entrada prematura de uma criança no 1º Ciclo?
- Quais são os alertas que a literatura nos dá em relação a um ingresso prematuro no Ensino Básico?
- Quais as recomendações que encontramos na literatura sobre o desenvolvimento infantil em idade escolar?

Questões estas que nos remetem para outras duas interrogações que as complementam:

- As insuficiências observadas derivam de falta de atitude ou maturidade dos alunos?
- As insuficiências observadas derivam de falta de competência dos alunos?

Neste sentido desenvolveu-se um trabalho de pesquisa com base em dados obtidos em sala de aula (Notas de Campo) e na observação e acompanhamento do método utilizado pela professora residente e nos seus registos. Na leitura de literatura diversa, na observação de outros estudos caso bem como no trabalho direto e constante com as crianças durante vários meses, que apresentavam este tipo de problema.

Após a compilação de todos os dados, registos e análises foi possível encontrar, se não respostas concretas para as questões levantadas, pelo menos perceber a influência e o condicionamento de determinados fatores sobre as mesmas.

Palavras-chave; Insuficiência, Aprendizagem, Ensino

Abstract

This Final Report intends to recognise the impacts in children of an excessively early entrance in school. For that purpose 3 main questions arose;

- What are the signs observed in children of that early school entrance?
- What are the alerts revealed in the literature on this subject?
- What are the recommendations found in that same literature regarding the child development during school age?

These questions lead to two other interrogations;

- The insufficiencies revealed in the observed children are lack of maturity?
- The insufficiencies revealed in the observed children are lack of competence?

In order to try and answer these questions a research work was made based in data obtained during classes (Field Notes) and also from the observation of the children. Another important help was following the teacher's methods and her personal records from the behaviour and progress of the children. The reading of several books on the subject, and the study of a few case studies of similar situations, as well as the direct and constant work for some months with these children, made possible the present report.

After the compilation of all data, research, and analysis, it was possible to understand the influence and the conditioning factors of a too early school entrance in under aged children.

Key words; Insufficiency, Learning, Teaching

Índice

Introdução	1
Capítulo 1	4
1.1 – Referencial Teórico	4
1.1.1- Insuficiência	4
1.1.2- Ensino	4
1.1.3- Aprendizagem	5
1.2 - Desenvolvimento da criança em idade escolar	6
1.3 - Legislação Portuguesa	24
1.4 - O papel do professor	26
Capítulo 2	29
2.1 - Metodologia	29
2.1.1- Posicionamento paradigmático (qualitativo e interpretativo)	29
2.2 - As notas de campo como instrumento da recolha de dados	31
Capítulo 3	34
3.1 - Análise de Dados	34
Capítulo 4	50
Considerações Finais	50
Referências Bibliográficas	59
Webgrafia	61
Anexos	62
Nota de Campo - 1	62
Nota de Campo - 2	64
Nota de Campo – 3	66
Nota de Campo – 4	68
Nota de Campo – 5	71

Nota de Campo – 6	73
PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO - Daniel	76
CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Daniel	85
PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO - Deila	89
CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Deila	98
PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO - Eduardo	101
CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Eduardo	109
PLANO DE ACCOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO - Gonçalo	112
CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Gonçalo	120
PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO -Tiago	124
CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Tiago	132
Relatório de aprendizagem do primeiro período do segundo B - 1º período	136
Relatório de aprendizagem do segundo período do segundo B - 2º período	139
Relatório de aprendizagem do terceiro período do segundo B - 3º período	143

Introdução

Este Relatório Final está inserido na área científica de Prática de Ensino Supervisionada e encerra o percurso formativo de três anos de Licenciatura em Educação Básica e um curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar ou Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

O Relatório tem como referência o último período de estágio, numa turma do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizado numa Escola em Monte Abraão, E.B1/ J.I Monte Abraão 2.

Segundo informação obtida no Relatório de Avaliação Externa de Escola (IGE, 2007), a freguesia de Monte Abraão, situada na cidade de Queluz, concelho de Sintra e distrito de Lisboa, que acolhe esta escola tem as seguintes características populacionais:

- Mais de 22.000 indivíduos;
- A população residente é maioritariamente oriunda dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e de países fora da Comunidade Europeia;
- Pertencem a um estrato sociocultural médio-baixo;
- São constituídos na sua maioria por uma estrutura etária jovem;
- Grande número da sua população ativa encontra-se a desempenhar funções no setor terciário (comércio e serviços), sendo ainda de notar bastante presença masculina no setor da construção civil;
- O nível de escolaridade dos agregados familiares é muito reduzido (4º, 6º e 9º anos de escolaridade obrigatória);
- Baixos rendimentos familiares que se traduz num elevado número de alunos subsidiados.

A turma onde estagiei é do 2º ano do Ensino Básico e composta por 25 crianças.

No grupo encontram-se seis alunos que apresentam diversas dificuldades no processo de aprendizagem. Segundo a opinião da professora cooperante, trata-se de crianças que entraram demasiado cedo para o Ensino Básico e que, por isso, não estão a conseguir alcançar os objetivos programados. Alguns não se mostram minimamente

interessados em aprender ou cooperar com o responsável em sala de aula e outros não conseguem bons rendimentos apesar de se empenharem e esforçarem por evoluir e acompanhar todo o processo de aprendizagem.

A referência a estas seis crianças com dificuldades é relevante para o trabalho que aqui se inicia pois, por decisão da professora cooperante, grande parte da PES foi feita em relação direta com as mesmas. Não tendo sido um percurso fácil, julgo que foi uma experiência muito enriquecedora para a minha evolução enquanto professora, pois permitiu-me observar diversas situações, variadas estratégias utilizadas pela professora em sala de aula, bem como as diferentes maneiras como os alunos reagem, nomeadamente no que diz respeito a estas seis crianças com dificuldades na aprendizagem.

Tudo o que pude e tive o privilégio de presenciar e visualizar, foi-me suscitando interesse, mas ao mesmo tempo levantou algumas questões e entre elas encontra-se a problemática que decidi estudar no presente Relatório Final.

A problemática que em concreto me interessou incide no tema da idade adequada das crianças a cada ano de escolaridade. Uma vez que a professora da turma justificava as dificuldades das crianças com a idade prematura de ingresso no 1º Ciclo, quis estudar quais eram as insuficiências que observava. Por isso, o título proposto foi: Estudo de insuficiências observáveis em crianças de 7 anos inseridas numa turma de 2º ano do Ensino Básico.

O nosso propósito de estudo concentra-se pois no seguinte ponto: Como é que se manifesta uma entrada prematura de uma criança no 1º Ciclo?

Antes de responder diretamente a esta pergunta, interessa-nos observar outras duas:

1. Quais as recomendações que encontramos na literatura sobre o desenvolvimento infantil em idade escolar?
2. Quais são os alertas que a literatura nos dá em relação a um ingresso prematuro no Ensino Básico?

Assim, dedicaremos o primeiro capítulo a responder a estas questões.

Mas, a pergunta fundamental sobre as manifestações de insuficiências que podem derivar de uma entrada prematura no 1º Ciclo, vai-nos obrigar a identificar qual o tipo de insuficiências de que estamos a falar:

- ❖ As insuficiências observadas derivam de falta de atitude ou maturidade dos alunos?
- ❖ As insuficiências observadas derivam de falta de competência dos alunos?

Esperamos que as respostas obtidas no 1º Capítulo (Referencial Teórico) nos permitam conferir e entender se as crianças que integram a turma de estudo revelam de facto as dificuldades que estavam referenciadas. Falaremos também da legislação portuguesa referente à entrada para o 1º Ciclo do Ensino Básico e por fim abordaremos o papel que o professor desempenha numa sala de aula, nomeadamente quando existem estes casos.

No 2º Capítulo iremos mencionar e explicar a metodologia utilizada para a recolha de dados e elaboração deste Relatório Final.

Recorreremos à investigação qualitativa, tendo por base a observação diária em sala de aula, as notas retiradas *in loco* sobre as diversas situações presenciadas, as vivências experimentadas com as crianças, e as respostas das mesmas face aos diversos estímulos a que estavam sujeitas. Apresenta-se igualmente uma sumária descrição sobre as 5 características essenciais de uma análise qualitativa.

O 3º Capítulo será dedicado à análise dos dados que foram recolhidos ao longo de todo o percurso que realizei em estágio e que são sem dúvida fundamentais para se perceber as questões acima referidas. Dados esses que são na sua essência as Notas de Campo referentes a cada um dos alunos que manifestavam as insuficiências de aprendizagem e os Relatórios Periódicos facultados graciosamente pela professora residente.

Por fim, no 4º Capítulo iremos fazer uma conclusão de tudo aquilo que será falado ao longo deste Relatório Final. Tentando apresentar as possíveis conclusões inferidas de todo o material analisado, bem como todo o trabalho realizado junto das crianças.

Capítulo 1

1.1 – Referencial Teórico

Antes de iniciar este Capítulo, onde se insere toda a pesquisa feita para a elaboração do Relatório Final, cabe uma definição sumária dos 3 conceitos chave que são os pilares orientadores e de sustentação de toda a problemática posteriormente analisada. Pode dizer-se que dois deles são as suas pedras angulares, e o 3º, sendo exterior, não deixa de não ser pertinente a sua integração na temática com vista a uma melhor perceção do trabalho. Os conceitos são os seguintes: Insuficiências, Ensino e Aprendizagem.

1.1.1- Insuficiência - gramaticalmente é um substantivo feminino que traduz a falta de algo. Ou que existe em quantidade diminuta ou deficitária.

Deficiência, incapacidade, escassez.

No caso do presente trabalho, a insuficiência apresenta-se como um conjunto de todos os sinónimos supra mencionados. Por um lado, a criança com algum tipo de insuficiência demonstra falhas na sua comunicação ou capacidade de retenção ou memorização das matérias lecionadas. E por outro, uma incapacidade ou grande dificuldade de perceção, compreensão e expressão. Quer seja um problema do foro psíquico ou mental, quer seja por falta de interesse e empenho, quer ainda por problemas físicos, como é o caso da surdez ou dificuldades de visão, essa espécie de “bloqueio” leva a uma deficitária aprendizagem que se torna visível logo nos primeiros estádios de ensino. Assim fala-se em Insuficiência de Aprendizagem quando o grau de resposta do aluno e a sua capacidade de apreensão fica abaixo do expectado, ou do que normalmente se encontra em crianças com a mesma experiência e sujeitas ao mesmo método de ensino.

1.1.2- Ensino - Ato ou feito de instruir, doutrinar, passar conhecimento.

Sistema constituído pelo conjunto de métodos, princípios e ideias utilizados para a passagem desse mesmo conhecimento. Pressupõe a interação de 3 elementos: o docente (professor), o discente (aluno), o objeto do conhecimento (matéria a ensinar). Segundo as antigas escolas, ensino era a transmissão pura e dura dos conhecimentos

adquiridos por parte do professor que era o detentor dos mesmos. O aluno era um mero receptor, sem qualquer intervenção no processo. Era suposto que absorvesse tudo o que o professor tinha para divulgar. Hoje em dia este processo tem uma nova visão (as correntes cognitivas) e consequente análise. O professor é um fornecedor do conhecimento, atua como ponte entre este e o estudante por intermédio de um processo de interação. Desta forma, o aluno compromete-se com a sua aprendizagem e toma igualmente a iniciativa de ir em busca do saber. Esta transmissão de conhecimentos assenta na perceção baseada na escrita e oratória. O docente expõe fomentando e estimulando as técnicas de participação e debate entre os discentes e criando necessidade de encontrar mais informação. Este processo leva à mencionada busca do saber por parte dos alunos. Com o correr dos tempos o acesso a novas formas de informação e portanto ao conhecimento e cultura (internet e novas tecnologias) mudaram os paradigmas do ensino.

1.1.3- Aprendizagem - gramaticalmente é um substantivo feminino que traduz aquisição de conhecimentos e formação.

Aprendizagem é o processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação. Este processo pode ser analisado a partir de diferentes perspetivas, de forma que há diferentes teorias de aprendizagem. Aprendizagem é uma das funções mentais mais importantes em humanos e animais e também pode ser aplicada a sistemas artificiais. (wikipedia). É um processo de transformação na estrutura mental do aluno de uma forma qualitativa e que leva a uma modificação definitiva e duradoura no comportamento do indivíduo. Vários autores dedicaram-se a estudar este processo e tudo o que lhe está associado, e, embora não exista grande unanimidade de opiniões, é geralmente aceite que cada indivíduo aprende ao seu modo, ao seu ritmo e ao seu estilo. Existem assim 5 estilos de aprendizagem; Visual – Auditiva – Olfativa – Verbal/escrita – Ativa.

1.2 - Desenvolvimento da criança em idade escolar

Neste 1º Capítulo ir-se-á tenta-se estudar quais são as manifestações que são expetáveis numa criança que entrou prematuramente no 1º ciclo, e para tal, responder às 2 perguntas antes formuladas.

- 1- Quais são as recomendações existentes na literatura sobre o desenvolvimento infantil em idade escolar?
- 2- Quais os alertas lançados pela mesma literatura sobre esse ingresso em idades muito jovens?

Neste âmbito pretende-se ainda perceber quais são as manifestações das insuficiências destes alunos nas suas atitudes e competências e que se revelam como consequência da inadequação etária ao nível de ensino.

É bem verdade que desde o seu nascimento o ser humano inicia um processo de crescimento e desenvolvimento que se desenrola por fases e que leva em última análise ao estado de adulto, com todas as suas capacidades e potencialidades perfeitamente desenvolvidas e utilizadas. Muitos se debruçaram sobre este tema da psicologia do desenvolvimento estudando e formulando hipóteses e teses, na tentativa de explicar e compreender melhor a complexidade do desenvolvimento humano. Freud (1856-1939) foi um dos que legou muitas das teorias e práticas ainda hoje seguidas e aplicadas na abordagem psicanalítica e sua terminologia, sendo sua a afirmação de que o comportamento é governado por processos tanto inconscientes como conscientes. Mais ainda, que a personalidade tem uma estrutura que se desenvolve com o decorrer do tempo.

(...) Existem três partes; o **id**, que é o centro da libido; o **ego**, (...) o executivo da personalidade; e o **superego**, que é o centro da consciência da moralidade. (Freud *in* Bee, 2008, p.46)

Com o decorrer do tempo e a evolução do pensamento humano e do interesse nos seus comportamentos e reações, outros se foram dedicando a estudar os fenómenos comportamentais e cognitivos das crianças. Jean Piaget, psicólogo Suíço, (1896-1980) é disso um exemplo sendo o seu legado teórico atualmente seguido e aceite como válido.

Segundo este psicólogo está na natureza do organismo humano adaptar-se ao seu ambiente.

Em vez disso a criança (como o adulto) busca, de forma ativa, compreender o seu ambiente. Neste processo, ela explora, manipula e examina os objetos e as pessoas do seu mundo. (Bee, 2008, p.48)

Para Piaget, pese embora o facto de as crianças poderem viver em ambientes totalmente diferentes, existem no entanto aspetos que são muito semelhantes e que de certa forma favorecem a uma similaridade nos estádios de desenvolvimento do pensamento da criança. Assim propõe uma sequência fixa de quatro estádios, cada um tendo origem no estádio precedente e que consiste num sistema completo de conceitos, estratégias e suposições. Já Vygotsky (1896-1934) nos diz que, “formas complexas de pensamento têm as suas origens em interações sociais e não na exploração individual de cada criança”. (Bee, 2008, p.48)

Uma abordagem diferente pode ser encontrada nas Teorias da Aprendizagem, que centram a sua teoria na forma em como o ambiente molda a criança muito mais do que em como a criança compreende as suas experiências. Os processos mais conhecidos são: o condicionamento clássico (Pavlov) e o condicionamento operante. Sendo o 1º sobejamente conhecido pelos inúmeros estudos e casos trabalhados, difere do 2º pelo seguinte facto – enquanto o clássico,

envolve a associação de uma antiga resposta a um novo estímulo, o condicionamento operante envolve a associação de uma nova resposta a um antigo estímulo, através da aplicação dos princípios adequados de reforço. (Bee, 2008, p.49)

Dando um impulso a esta teoria e variando a sua perceção num aprofundamento do estudo do comportamento da criança Albert Bandura (1977;1982;1989) traz para a cena atual neste capítulo a noção de que a aprendizagem nem sempre requer um esforço direto, já que ela pode ocorrer como resultado de observar alguém realizar alguma ação. Um exemplo disso é:

As crianças aprendem maneiras de brigar e bater vendo as pessoas na vida real e na TV. Elas aprendem a ser generosas observando outras pessoas doarem dinheiro ou alimentos. (Bee, 2008, p.50)

Face ao exposto vamos retroceder até aos primeiros estádios (jardim-de-infância) onde todo este processo posterior tem o seu início. Desde os primeiros meses em que o bebé responde a estímulos sensoriais (se a mãe toca na bochecha ele vira a cabeça para sugar) que se desenvolvem as respostas emocionais. A criança começa a registar sensações de bem-estar, quando acariciada pelos pais, pegada ao colo, ou embalada por exemplo, e este tipo de respostas emocionais vão continuar pela vida fora atravessando todas as fases da existência. Durante este período (0-2 anos) tudo o que o bebé apreende passa pelas descobertas sensoriais e motoras. Alguns autores identificam o desenvolvimento psicológico infantil em três etapas: “primeira infância (0 aos 2 anos), segunda infância (2-3 aos 6-7 anos) e terceira infância (6-7 aos 11-12 anos)”. (Manual da Educação Infantil - O educando, 2002. Vol.2, p.164). Assim, após os primeiros anos em que se criam as bases para uma outra fase de desenvolvimento cognitivo a criança parece estar, segundo vários autores, alguns já mencionados, apta a um novo desafio, o da escolarização. Aí irá descobrir e desenvolver uma série de normas, regras e estratégias para examinar o mundo e saber interagir com ele.

Sendo a escola do 1º ciclo a etapa que sucede ao jardim-de-infância, é necessário um maior conhecimento mútuo destas duas instituições, fomentar a articulação e facilitar a transição. (Cadernos de educação Infância nº 58/1, 2001, p.32)

Com a entrada no 1º ciclo a criança é colocada perante esquemas abstratos (ex: soma, subtração, multiplicação etc.) que lhe permitirão construir um pensamento lógico, que estabelece regras internas sobre os objetos e as suas inter-relações. A par com estes esquemas que se encontram nos programas de Matemática, inicia-se igualmente o estudo da Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Expressão e Educação Físico-Motora, Expressão Musical, Plástica e Dramática.

Do ponto de vista da criança esta é uma grande mudança que, se por um lado se traduz numa embriaguez da novidade, por outro é igualmente stressante já que envolve a separação da família, contacto com outras crianças, normas que terá que obedecer e regras para respeitar. O que não é raro que suscite grandes tensões. É nesta altura que se

fazem amigos, que se aprende a brincar, a satisfação das diferentes descobertas traz uma excitação para a maior parte das crianças. Descobrir que se sabe escrever o nome, ou que se sabe um jogo e até que se pode ganhar é uma sensação única nesta fase. Uma vez que a adaptação humana se faz num plano cognitivo, a inteligência torna-se numa função vital básica para que o organismo se adapte o mais perfeitamente possível ao mundo que o rodeia e no qual tem que sobreviver. À medida que a criança cresce, a sua necessidade de ter “ferramentas” que lhe permitam essa interação, cresce. Os “porquê” e “o quê” infantis são disso uma prova. A curiosidade e a necessidade de saber são intrínsecas do ser humano.

A idade dos 6/7 anos foi estabelecida como aquela onde se agudiza a ânsia de desenvolver os mecanismos de adaptação, onde se evidencia a capacidade exploratória da criança, intelectualmente a capacidade de absorção de novos conceitos, regras, símbolos, emoções e linguagem estão a desabrochar. Faz pois todo o sentido iniciar a transição de um desenvolvimento sensoriomotor para um intuitivo e pré-operacional.

Este processo baseia-se na atividades do sujeito, uma vez que é a própria criança quem constrói o seu edifício cognoscitivo em contacto com o ambiente e a partir da resistência dos objetos e das situações sociais. (Manual da Educação Infantil - O educando, 2002. Vol. 2, p.166)

Torna-se claro então que a escolaridade é muito importante, porque vai permitir à criança evoluir percorrendo os diversos estádios e atingindo um nível lógico que a capacita para o mundo atual.

Segundo Michael Cole e Steven Schribner (1974) a escolaridade é essencial para se “aprender a aprender”. Crianças sem escolaridade têm dificuldade em extrair da sua experiência pessoal a regra geral. Então, se uma criança está mentalmente apta a ingressar no Ensino Básico por volta dos 6/7 anos, e por tudo o que acima foi exposto, é nessa idade que a transição do jardim-de-infância para o 1º Ciclo deve acontecer. Como se explica a existência de dificuldades de aprendizagem detetadas em tão tenra idade e num estádio tão precoce de instrução?

Estas dificuldades, segundo consenso bastante generalizado da comunidade científica internacional, advêm, de um modo geral, da sua lentidão na maturação das funções intelectuais específicas necessárias ao trabalho escolar e/ou a deficiência na memorização de estímulos auditivos e visuais, das suas dificuldades de generalização e na elaboração de conceitos e de deficiências na linguagem, na imaginação, na capacidade criativa e na percepção, em especial na percepção visual. (Dias e Chaves, 2000. Vol.4, p.389)

Parece então delinear-se alguma dúvida se, do ponto de vista da capacidade da criança, será assim tão fácil deliberar quanto a uma idade “correta” para ingressar no Ensino Básico, pelo simples facto que cada criança tem o seu ritmo de crescimento e desenvolvimento.

(...) é muito difícil utilizar um calendário de entrada na escola que se adequa a todas as crianças, uma vez que cada criança tem o seu ritmo, não nos parece muito sensato estabelecer uma regra igual para todos. (Franco, Gabinete de Psicologia Clínica, dissertação para Centro Social da Ericeira, online, p.3)

Não se pode esperar que uma criança que tem o seu despertar mais tardio tenha a mesma capacidade e progrida tão rapidamente como aquela que foi precoce na sua evolução. Por outro lado o papel do professor é de capital importância no progresso, desenvolvimento e despertar das crianças. Tome-se, o exemplo apresentado por Papalia, Olds e Feldman (2001) do realizador de cinema japonês *Akira Kurosawa*, que em criança teve um desenvolvimento lento, com dificuldades de aprendizagem que o isolavam silencioso a um canto, sendo alvo de chacota quer por parte do professor que lhe fazia sentir a sua incapacidade frente aos colegas, quer por parte dos próprios colegas. Foi pela mão de um professor, já no seu 3º ano de escolaridade, que a confusão em que vivia se começou a desvanecer. Esse professor deu-lhe a conhecer as suas capacidades e mostrou que o facto de responder aos desafios colocados em aula de forma diferente isso não queira dizer que fosse menos bom que os outros, pelo contrário, era de valorizar a sua diferença. Com esta atitude um aluno medíocre no início da escolaridade passou a ter um desempenho excelente nas disciplinas que mais gostava e a progredir com mais facilidade.

De acordo com Piaget, as crianças aos 7 anos entram no estágio das operações concretas. Pensam logicamente, porque adquiriram a capacidade de considerar

múltiplos aspetos de uma situação em vez de se focarem apenas num só aspeto como acontecia até aí, pese embora o facto de apenas serem capazes de o fazer sobre situações reais e não no abstrato. Começam igualmente a perder o seu egocentrismo para terem em atenção o outro, o que as torna mais flexíveis no julgamento moral. É nesta fase entre os 7 e os 12 anos que a diferença entre realidade e fantasia se torna mais perceptível. Bem como se nota um progresso na capacidade de classificação, nas relações lógicas, de causa e efeito, a competência com os números é outra faculdade que conhece um grande impulso. É pois agora (7 anos em diante) que a compreensão da relação entre o todo e as suas partes se torna mais nítida na mente da criança. Da mesma forma que o raciocínio lógico que parte de uma premissa geral acerca de uma classe para uma conclusão acerca de um membro particular dessa classe faz agora todo o sentido. Bem assim, o raciocínio lógico que parte das observações particulares para uma conclusão geral (Papalia *et al*, 2001, p.421). O mesmo se passa com os fenómenos causa/efeito, sendo esta a idade em que a criança começa a perceber esta relação dual. O ingresso no Ensino Básico vai trazer, por um lado, o despertar de novas capacidades que até então não utilizava por não estar preparada para o fazer. Por outro lado, vai aperfeiçoar outras capacidades que embora existentes não estavam tão aprimoradas nem desenvolvidas. É este o caso da capacidade de ordenar diversos itens por ordem de dimensão. A esta faculdade chamou Piaget *seriação* – capacidade de ordenar por série (maior/menor, mais escuro/mais claro, mais alto/mais baixo, etc.). De salientar ainda que é nesta idade que a criança tem maior capacidade para compreender, visualizar e usar as relações espaciais, assim aos 7 anos a criança sabe na perfeição o caminho para a escola, o tempo que demora a percorrê-lo e o que encontra pelo caminho. “Tanto a capacidade para usar modelos como a capacidade para comunicar informação espacial desenvolvem-se com a idade.”. (Gauvain, 1993, p.99-121)

A grande diferença que existe entre a resposta de uma criança de 6 anos e uma de 7 ou 9 anos, por exemplo, para encontrar objetos escondidos, é bastante notória. Enquanto as mais velhas conseguem perceber, identificar e corresponder às necessidades do seu interlocutor sobre o assunto as mais novas apenas conseguem encontrar os objetos sem descreverem o processo utilizado para realizar a tarefa. Apenas se referiram alguns dos avanços cognitivos das crianças a partir dos 5 anos de idade mas que bastam para se antever que é através deles que, quando iniciam a sua vida académica, a predisposição para,

aritmética e a sua maior capacidade para manipular símbolos, pra compreender a inclusão de classes e seriação (...) possibilitam o cálculo. (Papalia *et al* 2001, p.425)

É pelos 6/7 anos que conseguem contar mentalmente, bem como realizar operações simples como por exemplo $5+3$. Utilizando a contagem a partir do 5, depois 6, o 7 e por fim o 8, para chegarem ao resultado. No entanto será necessário aguardar pelos 9 anos (em geral) para que seja capaz de contar em sentido ascendente e descendente sem qualquer problema e total compreensão da operação que realiza.

Surge então uma nova dúvida: Deve a criança ingressar mais cedo ou mais tarde no 1º ciclo? A opinião mais generalizada é de que a idade mais adequada seja a dos 6/7 anos. Mas o crescente grau de insucesso e deficiências de aprendizagem observados, pode indicar, uma certa imaturidade para a compreensão e absorção dos conceitos inerentes a este estágio de aprendizagem, o que por sua vez pode sugerir que se coloque a questão de até que ponto não será mais benéfico para a criança ingressar mais tarde no 1º ciclo, permitindo um maior grau de desenvolvimento perceptivo-motor. Pese embora o facto, de que esta dificuldade na aprendizagem resulta de problemas intrínsecos do indivíduo.

São desordens intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que se devem a uma disfunção do sistema nervoso central (SNC) e que podem ocorrer ao longo da vida. Problemas nos comportamentos de autorregulação, na percepção e na interação social podem coexistir com os distúrbios de aprendizagem. (Hammill, 1990)

O que de certa forma aponta para uma possível resposta de que quanto mais cedo forem detetados e acompanhados estes casos, maior probabilidade de sucesso existirá já que se torna essencial dar apoio a estas crianças e suporte que permita a sua evolução antes da aprendizagem propriamente dita. “Ensiná-las a aprender antes de serem defrontadas com factos a aprender.”. (Dias *et al*, 2000. Vol.4, p.391)

Parece pois existir neste ponto alguma contradição. Por um lado, quanto mais cedo for detetada a dificuldade de aprendizagem da criança, melhor. Por outro o ingresso adequado, passe o termo, para o Ensino Básico está provado ser entre os 6 e os

7 anos. Interessa pois ponderar sobre os prós e os contras desta situação que tem suscitado tanta controvérsia no meio educacional. Muito embora cada caso seja um caso, existem fortes evidências de que os argumentos negativos têm um peso relevante, ainda que se analisem os casos individualmente. Assim, e numa primeira análise, parece fazer todo o sentido o ingresso da criança no ensino básico com 5 anos, a ideia de que quanto mais cedo começar a aprendizagem maiores serão as probabilidades de vir a ser um excelente aluno e ter um percurso académico brilhante, são os principais alicerces desta teoria. Acresce o interesse demonstrado pelas atividades escolares, que em muitos casos apenas é a curiosidade pela descoberta de algo novo e desafiante. Mas uma questão se coloca: Está a criança efetivamente apta e suficientemente “madura” para iniciar este novo percurso?

Para além do argumento da inteligência e interesse demonstrado um outro argumento se junta a este 1º. O 2º visa sobretudo o problema da idade prevista por lei. Com isto pretende-se dizer que na mesma turma do pré-escolar haverá colegas que transitam diretamente para o 1º ano do Ensino Básico (idade prevista pela lei) e outros ficarão mais um ano à espera muitas vezes por uma questão de meses. Este facto pode provocar a desmotivação nas crianças que ao ingressarem um ano mais tarde correm o risco de achar as tarefas simples em demasia. Mas bem vistas as coisas será que estes aspetos têm um peso assim tão significativo na vida de criança e na posterior vida de adulto? Ou estarão outros aspetos bem mais relevantes em jogo?

É no período escolar que as capacidades de armazenamento de informação se tornam mais evidentes à medida que o cérebro evolui descartando ligações neurológicas que deixaram de fazer falta e como consequência vai aumentando a sua capacidade de retenção de informação. Segundo os investigadores do processamento de informação a nossa memória é um sistema de arquivo que se processa em 3 etapas:

codificação, armazenamento e recuperação. (...) A codificação atribui um «código» ou «rotulo» à informação (...) As dificuldades em qualquer uma das três etapas podem causar problemas de memória. (Papalia *et al*, 2001, p.429)

Só pelos 10 anos de idade é que a criança demonstra que as componentes verbal e visual da memória operatória se separaram na totalidade, ao ser capaz de proceder à

identificação das cores de números num cartão, por exemplo, ao mesmo tempo que memoriza os próprios números. Com o passar do tempo a criança toma consciência de como a memória funciona e aprende formas de memorizar informação, chama-se a este processo “estratégias mnemónicas” ou por outras palavras técnicas para memorizar. De entre as possíveis cita-se apenas a Repetição - repetir conscientemente um número por exemplo, para ajudar a fixá-lo. A Organização – agrupar por categorias, por exemplo animais, peças de roupa, alimentos, de forma a não perder a informação apresentada. A Elaboração – associação da informação a reter com algo que nada tem a ver com a mesma, exemplo disto mesmo é imaginar uma história em que façam parte integrante os objetos que se pretendem memorizar. (Papalia *et al*, 2001)

É igualmente com a entrada no 1º ciclo que as capacidades seletivas das crianças começam a desenvolver-se. Nesta fase a concentração e atenção ao que é importante torna-se bastante nítida.

A maior parte das crianças no período escolar consegue concentrar-se mais tempo e pôr em foco a informação que necessitam e querem, ao mesmo tempo que excluem a informação irrelevante. (Papalia *et al*, 2001, p.432)

É esta capacidade de concentrar a atenção conscientemente que leva a que as crianças mais velhas errem menos que as mais jovens e que, conseqüentemente, ainda não atingiram este tipo de maturidade. Também neste nível etário se dão grandes progressos no desenvolvimento linguístico das crianças. Embora aos 6 anos de idade já tenham um vocabulário de milhares de palavras e sejam capazes de utilizar fórmulas gramaticais complexas o fato é que vão ser necessários vários anos de aprendizagem para dominarem aspetos específicos da linguagem, tome-se em consideração apenas dois dos muitos exemplos que se podem dar. O simples facto de durante os primeiros anos de escolaridade a criança não usar a voz passiva nem frases que tenham como auxiliar o verbo “ter”. É igualmente com o decorrer dos primeiros anos de escolaridade que a criança vai desenvolvendo a capacidade de perceber a relação entre as instruções e os resultados. Ou seja, as crianças mais pequenas estão menos aptas a dar instruções corretas para a realização com sucesso de uma determinada tarefa porque ainda não percebem que existe uma relação entre o que se disse (instrução) e o que se faz (resultado). Sabem que se lhes pediu que realizassem uma determinada tarefa,

cumprem-na mas não são capazes de dar instruções para que outros a possam igualmente realizar com sucesso.

Com o despertar para as tarefas de escrita e leitura dos anos iniciais da escolaridade a criança desenvolve o gosto pela leitura (recreativa ou académica) tendo neste processo os pais e os educadores um papel preponderante. No entanto, o peso e a influência dos colegas e pares são igualmente decisivos. Aquelas que estudam, trabalham e lêem em grupo têm tendência a manter o gosto pela leitura mesmo após o 1º ano de escolaridade altura em que se nota um decréscimo de hábitos e atitudes positivas de leitura. Poder-se-á então afirmar que encorajar as crianças a partilhar opiniões, trabalhos e atividades é benéfico para o seu desenvolvimento e crescimento.

Um estudo com 60 alunos do 4º ano demonstrou que as crianças progredem mais quando escrevem com outras crianças especialmente amigos. (Daiute, Hartup, Sholl, Zajac, 1993, p.442-443)

Este facto deve-se a um aspeto singular e extremamente forte numa amizade: a confiança. O amigo é alguém que se conhece bem, que nos conhece bem e sabe como atuamos, como pensamos e até onde vamos, sabe o nosso comportamento, e espera um compromisso que será recíproco. Está mais à vontade o que leva a uma maior coragem para enfrentarem juntos o mesmo desafio e exporem as suas ideias.

Pegando uma vez mais nas ideias apresentadas por Franco, imaginado a criança como um computador em instalação, o “*hardware*” será recebido até aos 18 meses, iniciando-se depois uma fase de instalação do mesmo, ou seja uma fase muito menos ativa em termos de maturação dos sistemas infantis. Para de novo até aos 4 anos se dar um período de intensa atividade cerebral. Nos momentos das idades intermédias ou seja entre os 4 e os 6 nos e entre os 8 e os 10 anos a aprendizagem e a nova informação não têm por norma resultados muito positivos. Perante esta constatação torna-se perceptível que as estruturas cerebrais têm momentos de evolução, de grande atividade e momentos de maturação e processamento onde a atividade decresce para se fixar, por assim dizer. E percorrer estas etapas dando-lhes o tempo certo para ocorrerem, faz parte do desenvolvimento da criança, não se pode ultrapassar etapas, já que é necessário que cada estágio receba e processe os estímulos adequados. Não se pode passar a uma nova etapa enquanto a anterior não estiver devidamente absorvida e integrada. Lançar novos

estímulos (desadequados para a altura) pode comprometer o desenvolvimento infantil. Ouve-se igualmente com frequência que a criança é sobredotada, e como tal é de encorajar e estimular essa particularidade infantil. No entanto, não é possível afirmar-se tal facto sem a entrada na escola e feita a avaliação da reação da criança perante um novo meio educativo e os novos programas escolares. Aliás a dita “sobredotação” pode ocorrer devido ao intenso crescimento das conexões cerebrais que se manifestam antes dos 6 anos. Decidir a matrícula antes dos 6 anos baseia-se em critérios que escamoteiam aspetos de sobeja importância. Tem como base a avaliação de conhecimentos adquiridos, grau de destreza cognitiva e intelectual, obediência aos níveis da expectativa dos adultos e raramente se avalia o grau de maturidade de personalidade de criança, a sua conduta na adaptação e a dinâmica afetiva.

Partindo do princípio de que a criança fez a sua entrada no 1º ciclo com a idade dita normal, entre os 6 e os 7 anos, e que desenvolveu as capacidades inerentes à idade no jardim-de-infância, trará consigo um *background* que lhe proporciona evoluir para uma fase de aprendizagem instrumental, onde adquire capacidades culturais básicas essenciais ao seu desenvolvimento global enquanto ser humano em formação.

Neste período do desenvolvimento dão-se uma série de aprendizagens do tipo instrumental como a leitura e a escrita ao mesmo tempo que continua o desenvolvimento que levará, através da adolescência, até à incorporação na sociedade adulta. (Manual da Educação Infantil – O educando, 2002. Vol.2, p.164)

Desde que entra na escola, a criança é estimulada a passar de um estágio de esquemas sensoriomotores para esquemas simbólicos, mais aperfeiçoados e que lhe vão permitir dar nome às coisas, reproduzir situações, utilizar objetos em sentido figurado, em suma, ajustar-se à realidade. A sua capacidade lógica é ativamente estimulada de modo a que se adapte e se desenvolva no mundo que a rodeia.

A Teoria de adaptação de Piaget defende que a adaptação cognitiva se baseia num equilíbrio em cada momento entre acomodação e assimilação. (Manual da Educação Infantil - O educando, 2002. Vol.2, p165-166)

Da mesma forma, a criança nesta fase da sua vida desenvolve-se emocionalmente, construindo formas de expressão socialmente adequadas e o controlo das suas próprias emoções primárias.

As primeiras experiências escolares condicionam o conceito sobre si própria e a autoestima, sendo igualmente importante o relacionamento com os companheiros que a vai habilitar a conhecer as suas características intrínsecas, e que em última instância vai resultar na aceitação ou recusa e na demonstração das capacidades sociais.

Ao entrar no mundo da escolarização a criança adquire a capacidade de avaliar situações exteriores que lhe provocam novas emoções. Emoções essas que aprenderá a conhecer, dominar e organizar ao longo da vida. A este processo de aprender as regras de exprimir as emoções dá-se o nome de processo de socialização.

Entre os 7 e os 9 anos não é frequente que as crianças sejam capazes de disfarçar os seus sentimentos. (...) têm uma base para se relacionarem socialmente. (Manual da Educação Infantil - O educando, 2002. Vol.2, p.167)

Ainda no campo do desenvolvimento social e emocional, é importante salientar que é nas crianças do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico que se começam a notar formas mais maduras de resolução de conflitos, passando da necessidade de intervenção de um adulto (fase pré-escolar) para soluções de compromisso entre elas, ou soluções provisórias, e se existir alguma necessidade de ajuda a mesma será encontrada e procurada entre os companheiros preferencialmente a um adulto.

É durante o 1º ciclo que a criança desenvolve a sua capacidade de retenção de informação a memorizar. Se é no seu ambiente de vivência que encontra a informação a processar e memorizar, vai ser na sua mente que esses processos de memória vão ter lugar e, o fim será quando for possível recuperar a informação memorizada, ou seja, quando conseguir “lembrar” a informação. Para tal adquirem estratégias como por exemplo: a revisão (ler e reler), a organização (associação de elementos) e o rastreio. O aluno do 1º ciclo deverá, ao transitar para o 2º ciclo ser capaz de classificar, formando categorias com diversos objetos:

(...) Os que pertencem à categoria dos redondos ou quadrados (critério da forma), dos vermelhos ou azuis (critério da cor) (...) podem ser diversos e de diferente grau de complexidade. (Manual da Educação Infantil – O educando, 2002. Vol.2, p.174)

É igualmente verdadeira a afirmação e constatação que nestas idades apenas o raciocínio lógico em problemas concretos, com objetos e situações presentes, deverá ser utilizado, dada a incapacidade da criança para responder a formulações abstratas como as que se irão posteriormente utilizar em equações algébricas, para citar apenas um exemplo.

No campo da linguagem, a eclosão da mesma deu-se na etapa anterior entre os 2 e os 5 anos, sendo alguns autores da opinião que é durante essa fase que a criança obtém uma capacidade de compreensão e uso da linguagem muito aproximadas à do adulto médio. No entanto, é com a entrada no 1º ciclo que o aluno desenvolve a capacidade de relacionar palavras, categorizando-as (ex: laranja é uma fruta). Nesta mesma categoria pode encontrar a pera ou o melão, aumenta significativamente o seu vocabulário, e começa a compreender e utilizar regras gramaticais mais complexas como seja a voz passiva, as formas condicionais ou conjuntivas dos verbos. Ganham competências nos diversos tipos de linguagem (figurada, comunicativa).

É assim espectável que, no final dos ciclos em estudo os alunos consigam identificar os elementos de uma comunicação (emissor/recetor) bem como os que não são linguísticos (olhar/gesto). Produção, compressão, ordenação, interpretação, transformação e memorização de mensagens, ordens, frases tanto na linguagem oral como na escrita. Leitura correta e expressiva, bem como a compreensão dos aspetos formais e conteúdos (fonética, ortografia, léxico, sintaxe e gramática) dos dois tipos de linguagem. Desenvolvimento do sentido crítico, da sensibilidade e criatividade. E, não menos importante, a noção de que é através da linguagem que a comunicação e a informação fluem e se divulgam.

Na área da matemática e segundo o Manual da Educação Infantil – Áreas Curriculares 1, 2002. Vol.3, é suposto que ao terminarem o 1º e 2º ciclos tenham competências que lhes permitam valorizar a importância da matemática na sua vida quotidiana, saibam usar o cálculo mental, a calculadora e os algoritmos na realização de cálculos bem como na resolução de problemas. Compreendam o sistema de numeração decimal, tenham aptidão para realizar previsões e estimativas em situação de cálculo.

Conhecer e identificar corpos, formas, figuras e relações geométricas, elaborar estratégias pessoais com vista a resolução de problemas, apenas para citar algumas. Iniciando-se este processo com ações simples de comparação, classificação, ordenação etc., até 10 elementos, e aos poucos ir introduzindo as operações básicas (soma, subtração, multiplicação e divisão). Ao mesmo tempo deve-se acompanhar este tipo de conteúdos com a leitura, e escrita simbólica e gráfica dos números mantendo sempre a referência direta da realidade do aluno. Não nos podemos esquecer, como ficou dito anteriormente, que nesta idade a realidade e não a abstração são essenciais para um desenvolvimento positivo do aluno.

Melhor ainda se se estender à compreensão dos passos e processos que se estão a seguir para a resolução de problemas colocados. Trata-se de que o aluno saiba encontrar, por si mesmo, a estratégia mais adequada para resolver a situação que se lhe colocou. (Manual da Educação Infantil – Áreas Curriculares I, 2002. Vol.3, p.329)

Em suma, esta aprendizagem da matemática deve realizar-se numa base constante de observação e experimentação com a realidade pois, só assim se permitirá aos alunos ganhar competências e agilidade mental para progredir no ensino e na vida. Mas nem só deste tipo de aprendizagem académica se faz o curriculum de um 1º ou 2º ciclos.

Outros aspetos igualmente importantes se desenvolvem e criam nesta fase da vida da criança. As capacidades físicas e psicomotoras, bem como o entrosamento no meio sociocultural, são outras das competências a desenvolver. Até aos 5 anos as crianças ganham um considerável domínio do seu corpo, o equilíbrio e a agilidade começam a ter maior expressão, à medida que o tónus muscular cresce a par com o desenvolvimento do sistema nervoso. A coordenação de movimentos e a destreza nos gestos chamados “motricidade fina” (Manual da Educação Infantil - O educando, 2002. Vol.2, p.179), aperfeiçoam-se até aos 8 anos, altura em que a rapidez de reação em jogos é fundamental e se torna mais visível.

Ao ingressarem no Ensino Básico e com a introdução aos desportos a capacidade motora ganha um novo impulso, a compreensão das regras dos jogos e a capacidade de as pôr em prática vai beneficiar todo o desenvolvimento cognitivo da criança. É igualmente nesta fase que a criança vai ficar mais desperta para as diferenças

entre elas, quer sejam de cariz socioeconómico, quer sejam de sexo, cor, cultura ou qualquer outro. Estas diferenças podem tornar-se para o docente uma fonte de ensinamentos e estratégias didáticas que sendo bem aproveitadas só trarão benefícios a todas as crianças.

Levar a criança a trabalhar o corpo e a perceber a sua interação e relação com as outras pessoas e o ambiente são fulcrais. Dar ao aluno um bom conhecimento sobre o seu próprio corpo é outro dos objetivos delineados para estes dois ciclos de aprendizagem. Assim, “no 1º ciclo do ensino básico, a atividade plástica, deve ser prioritária como técnica instrumental.”. (Manual da Educação Infantil – Áreas Curriculares I, 2002. Vol.3, p.395)

Quando chega à escola a criança traz a sua experiência e um determinado nível de conhecimentos, não lhe é desconhecido o meio social, cabe ao professor esmerilar esses conhecimentos e abrir-lhe novas portas para que ampliem a sua visão do meio e do mundo que as rodeia. Ao desenvolverem este tipo de capacidades nos alunos estão a potenciar a habilidade para que eles assumam responsabilidades, um papel na sociedade, sejam mais observadores e conscienciosos, saibam manipular e experimentar o seu próprio meio social. A maturidade escolar não diz respeito apenas à capacidade de desempenho e rentabilidade académica, é igualmente a capacidade de integrar uniforme e harmoniosamente novos espaços relacionais, de crescimento e desenvolvimento de si próprio e das suas capacidades.

Já se percebeu que a evolução da criança não pode, ou melhor não deve, ser forçada. Que cada criança tem o seu ritmo, o seu tempo de desenvolvimento físico, mental e psíquico, a sua capacidade própria e intrínseca, e que, a seu tempo, estará capaz de enfrentar novo desafios e atingir novas metas. Que riscos se corre então ao forçar uma entrada prematura da criança no 1º ciclo?

De acordo com a legislação Portuguesa em vigor a ideia de que as crianças devem ingressar para o 1º ciclo no ano em que celebram o 6º aniversário (ate 31/12) tornou-se vulgar e seguida sem grandes exceções, no entanto a lei preconiza bem mais do que isto, “(...) estão abrangidas na escolaridade obrigatória as crianças que fazem 6 anos até ao dia 15 de Setembro desse ano.”. (Franco, Gabinete de Psicologia Clínica, dissertação para Centro Social da Ericeira, online, p.3)

Mas como é igualmente sabido existem pais que pretendem que os seus filhos ingressem mais cedo no ensino básico, para estes casos é então necessária uma avaliação psicológica da criança que resultará num relatório elaborado pelo psicólogo que a avaliar, só de posse desse mesmo relatório e os pais poderão elaborar um requerimento à direção regional de educação pedindo a entrada antecipada da criança na escola. Prova de que existem limitações que devem ser tidas em conta encontrou-as e estudou-as Piaget.

Piaget descobriu importantes limitações no pensamento pré-operatório, comparado com aquilo que as crianças conseguem fazer quando atingem o estágio das operações concretas no período escolar. O conhecimento destas limitações é importante para pais, professores (...) (Papalia, 2001, p.314)

Está provado que uma criança com 5 anos não tem o desenvolvimento nem a maturidade de uma de 6 anos. Aprender requer capacidade de previsão e antecipação do porquê de aprender e para quê aprender. Se não está ainda “madura” suficiente para este processo vai limitar-se a fixar a nova informação sem a relacionar com conhecimentos que posteriormente irá adquirir. A frustração que tantos pais apontam como motivo para acelerar o ingresso precoce na escola tem que ser vista por dois prismas. 1º Existe uma frustração primária que é o facto de, por lei, a criança não poder ingressar no ensino básico antes de determinada idade. 2º A frustração secundária que reside no facto de a criança sentir que não é capaz, e aqui sim, é necessário o máximo cuidado e prevenir o perigo existente. Não se pretende afirmar com isto que todas as crianças com 5 anos que ingressam no 1º ciclo não estão em condições para terem um bom desempenho escolar, no entanto é preferível não se correr riscos desnecessários como seja a reprovação, que terá um impacto muito maior na criança, gerará com toda a certeza uma frustração bem maior do que aquela de não acompanhar os colegas aquando da entrada no 1º ano. É mais seguro termos a certeza que a criança atingiu o patamar de desenvolvimento adequado para enfrentar este novo desafio e etapa da sua vida. O último argumento apresentado pelos pais todavia tem algum fundamento. A desmotivação. Cabe aqui explicar que este problema é essencialmente um problema do sistema escolar, que, por norma, não investe na diferenciação pedagógica. O sistema preconiza uma aprendizagem homogénea, simultânea e quase cronometrada, ou seja, que todos os

alunos aprendem tudo igual, ao mesmo tempo e da mesma forma, independentemente da idade. Não se dá espaço para que a criança aprenda ao seu ritmo, e mais, descubra e firme o seu ritmo, sem que com isso seja inferiorizada ou marginalizada.

Qual será desta feita o papel do jardim-de-infância? Rapidamente pode dizer-se que é o local onde a criança tem espaço e tempo para ser efetivamente criança. Para brincar, fantasiar, experimentar, desenvolver-se a nível motor, de linguagem, social e eticamente. Apressar esta fase pode levar a uma desmotivação, défice de atenção e atrofiamento das capacidades sensitivas, sociais e intelectuais da criança. Entrar precocemente no ensino vai catapultá-la para um mundo de responsabilidade e de uma exigência emocional muito próxima do adulto, o que vai atrofiar o seu desenvolvimento, castrando o seu tempo de ser somente criança. Ela precisa de tempo para brincar, para se sentir bem emocionalmente, para ter tempo para si. O facto de uma criança ser capaz de ler, escrever e contar, não significa obrigatoriamente que tenha maturidade emocional para viver e agir de acordo com as regras do mundo dos adultos. Forçá-la ao ingresso prematuro é um erro. Não é por acaso que foi definida a entrada das crianças na escola aos 6 anos.

No entanto de acordo com Piaget, as crianças só pensam logicamente no estágio das operações concretas, no período escolar” (depois dos 7 anos). (Papalia, 2001, p.312)

O papel do jardim-de-infância e do pré-escolar é preponderante para o bom desenvolvimento de competências, para o treino da capacidade de concentração e para a estimulação da curiosidade e vontade de aprender. É no tempo da brincadeira que se facilita o desenvolvimento da imaginação, que se aprende a partilhar e cooperar. Brincar é pois uma forma muito importante de aprender. Se, como acima ficou exposto, é pelos 7 anos que a criança entra no período das operações concretas, que lhe irão permitir continuar a desenvolver as suas capacidades mentais, e se antes desta idade não tem respostas suficientemente “maduras” para compreender por exemplo, que duas coisas iguais permanecem iguais, mesmo alterando a sua aparência (a conservação de Piaget).

Mostra-se ao João, que tem 5 anos, dois copos transparentes e idênticos em altura e largura, contendo a mesma quantidade de água. (...) Após a resposta positiva, a água de um dos copos é despejada

num terceiro copo, mais alto e estreito (...) No período pré-escolar (...) o João dirá que um dos copos tem mais quantidade de água. (...) As crianças pré-operatórias não conseguem considerar altura e largura simultaneamente. Na medida em que se centram num aspeto, não conseguem pensar logicamente. (Papalia, 2001, p.315)

Este facto parece corroborar a ideia de que o ingresso no 1º ciclo deverá apenas acontecer aos 7 anos de idade e não antes, correndo-se o risco de a criança não estar com as suas capacidades cognitivas, psíquicas e mentais aptas a enfrentar as exigências que necessariamente irão surgir e que podem provocar reações adversas, nomeadamente atrasos e dificuldades mais ou menos graves de aprendizagem. Importante parece ser proporcionar à criança um crescimento gradual permitindo que se desenvolva ao seu ritmo, com segurança, antes de mergulhar no mundo novo que é o 1º ciclo do ensino. Portanto, o papel do jardim-de-infância é indiscutivelmente muito importante, porque é a porta para um futuro menos complicado e onde se adquirem as bases para uma infância mais segura:

Nos Estados Unidos, um nom jardim-de-infância é geralmente considerado como sendo aquele que estimula o desenvolvimento das crianças em todos os domínios – físico, social, emocional e cognitivo – através da interação ativa com educadores, outras crianças e materiais cuidadosamente escolhidos. (Papalia, 2001, p.340)

Vistas que estão as duas perguntas iniciais que nos propusemos abordar, vai-se tentar então analisar e estudar quais são os tipos de manifestações de insuficiências que as crianças podem apresentar, como consequência da sua entrada precoce no regime de Ensino Básico.

1.3 - Legislação Portuguesa

Como forma de corroborar tudo o que até este ponto se tem vindo a apresentar, e por ser um dos aspetos que está com vínculo normativo pelo ministério de Educação e Ciência, apresenta-se abaixo a informação contida no Despacho 5048-B/2013 de 12/4/13, que no corpo explicativo do próprio despacho refere;

(...) do regime de matrícula e de frequência no âmbito da escolaridade obrigatória das crianças e dos jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos, dos direitos e deveres do aluno (...)

e que no seu Artigo 3º - Frequência, diz explicitamente;

3 – A frequência do ensino básico ou do ensino secundário é obrigatória para os alunos com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos, (...)

De igual forma e ainda tomando como base a norma do referido despacho menciona-se o mesmo artigo mas a alínea anterior, ou seja a 2

A frequência da educação pré-escolar é facultativa e destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no 1º ciclo do ensino básico.

Por sua vez, no Artigo 4º - Matrícula, estão bem explícitas as condições de ingresso no 1º Ciclo do Ensino Básico.

5- A matrícula no 1.º ano do 1.º ciclo do ensino básico é obrigatória para as crianças que completem 6 anos de idade até 15 de setembro.

6- As crianças que completem os 6 anos de idade entre 16 de setembro e 31 de dezembro podem ingressar no 1.º ciclo do ensino básico se tal

for requerido pelo encarregado de educação, dependendo a sua aceitação definitiva da existência de vaga nas turmas já constituídas, depois de aplicadas as prioridades definidas no n.º 1 do artigo 10.º do presente despacho.

Por estas duas alíneas pode pois constatar-se que a idade que, de consenso e lei, é a mais aconselhável do ponto de vista das crianças e das suas capacidades cognitivas, psicológicas e mentais, para o início da vida académica (1º ciclo), é aos 6 anos.

1.4 - O papel do Professor

Uma vez que se pretende reportar a crianças com problemas específicos de aprendizagem, importa ainda referir que estas irão necessitar de auxílio no aspeto quantitativo do seu desenvolvimento muito mais do que no qualitativo. Ou seja, é essencial que se criem programas de enriquecimento onde as áreas da experiência estimuladora da aprendizagem estejam ajustadas ao nível de desenvolvimento em que cada uma das crianças se encontra de forma a proporcionar uma evolução correta e por assim dizer, segura. Por outras palavras, “ajudá-las na tarefa evolutiva, antes de as iniciar na tarefa académica”. (Dias *et al*, 200.p.391)

Torna-se imperioso que o contexto educacional onde estes alunos pertencem tenha sido alvo de uma excecional preparação através de programas educativos e de reabilitação individualizados e adequados portanto a cada um dos casos. Sendo a opinião de alguns autores que as DA - Dificuldades de Aprendizagem derivam em grande medida de uma fraca perceção visual, um trabalho mais aprofundado nesta área trará vantagens aos alunos. Das experiências realizadas neste campo ressalta a confirmação de que um treino mais sistematizado da perceção visual vai permitir uma melhoria significativa nos alunos com DA.

(...) o recurso à imagem no treino da perceção visual, conforme já se afirmou acima, favorece a aquisição de informação e permite um melhor e mais organizado armazenamento da informação. (Dias *et al*, 200.p.396)

Existindo a preocupação de apoiar e estimular estes alunos vai por outro lado contribuir para uma efetiva reabilitação social, já que com uma melhor *performance* escolar, reforça-se com toda a certeza a autoconfiança, a autoestima e a integração escolar destas crianças que tantas vezes se sentem marginalizadas face ao desempenho global da turma onde estão inseridas. Cada um destes alunos é detentor de um grau de inteligência normal e de uma acuidade sensorial igualmente dentro dos parâmetros da normalidade para a idade. No aspeto físico-motor os seus parâmetros são também normais.

“Os estudantes com dificuldades de aprendizagem classificam-se a si mesmos como menos competentes apenas frente à habilidade escolar.”. (Guedes.2010, p.12)

Então onde se descobrem os aspetos que confirmam as DA?

Várias opiniões se fazem ouvir sobre este assunto destacando-se aspetos como a hiperatividade infantil, problemas do foro psicomotor ou de orientação. Emocionalidade exacerbada, problemas de concentração e raciocínio, para mencionar apenas alguns. Resultando destes comportamentos e manifestações falhas no desempenho escolar bem como a já tão falada autoestima que se apresenta com níveis bastante reduzidos, podendo inclusivamente a criança demonstrar um sentimento de inferioridade bastante acentuado. À medida que cresce e se desenvolve os problemas de adaptação vão igualmente crescendo e deixando marcas. As suas DA, ainda que sejam devidamente acompanhadas e trabalhadas na medida do possível, não desaparecem, permanecem e acompanham o indivíduo pela vida. Não raros são os casos de deficiente ajustamento pessoal e comportamentos antissociais. A experiência que adquirem na escola é fundamental para auxiliar a criança a formar as autoperceções, no caso específico dos alunos com DA pode incorrer-se no risco de criarem um autoconceito de tal forma negativo que as vai estigmatizar no desempenho académico. E se a aprendizagem é sempre realizada com alguém – aprendemos com alguém em quem reconhecemos capacidade e conhecimentos para ensinar. Então uma vez mais o papel dos pais e dos professores é crucial no acompanhamento e apoio constante à criança. Os pais como primeiros educadores e formadores, os professores como coadjuvantes e detentores do saber académico.

Se o papel do professor é o de passar conhecimentos e estimular a curiosidade e o desejo de saber nos alunos por um lado, por outro, é igualmente seu papel o de se fazer perceber enquanto autoridade detentora do saber, por outras palavras deve ter a capacidade de se tornar próximo e inteligível para as mentes em formação. Fácil se torna então de entender que a relação professor-aluno se reveste de uma importância desmedida. O docente que consegue superar a desconfiança natural do “desconhecido” no aluno e progressivamente for conquistando quer a sua atenção, quer o seu empenho, quer a sua confiança e porque não amizade, terá junto do mesmo um ascendente benéfico que terá resultados positivos visíveis no desempenho académico de cada criança.

Para aprender é necessário que existe uma relação de condições entre factores externos e internos. Há necessidade de estabelecer uma mediação entre o educador e o educando. (Guedes, 2010, pp.15)

Será do conhecimento geral que o professor do 1º Ciclo tem um papel preponderante na vida de todas as crianças. Logo, pelo facto de ser esta a primeira profissão com a qual elas terão contato diariamente e que é através da aprendizagem e do percurso levado a cabo nesta fase que começam a consolidar grande parte dos conhecimentos que terão um papel fundamental na sua formação, no seu desenvolvimento escolar e profissional. Parte do professor por um lado fornecer bases de conhecimento e abrir caminho para aprendizagens diversificadas, utilizando todos os recursos que tiver ao seu alcance. Materiais vários, técnicas diversas e processos de desenvolvimento de conteúdos igualmente diversificados. Deve ainda servir-se das “aprendizagens integradas”, ou seja as que resultam das realidades vividas ou imaginadas que possam ter espaço e fazer sentido na cultura de cada criança. É requisito essencial que o docente do 1º ciclo seja extremamente paciente e com uma resistência psicológica bastante boa, para além do gosto e dedicação profundas à criança. De salientar que o professor nestas fases iniciais de crescimento infantil é um modelo, modelo esse que elas aprendem a seguir e a respeitar. Como tal, o seu posicionamento deve ter determinadas características: sentido de justiça ao lidar com crianças diferentes que apresentam ritmos de aprendizagem díspares bem como experiências de vida diversas. Embora autónomo e criativo o professor deve ter a capacidade de interagir e articular o seu trabalho com outros profissionais (psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras, terapeutas) bem como com os seus pares e os auxiliares de ação educativa. Como é óbvio o contato muito próximo com os pais e encarregados de educação e familiares é imprescindível.

Capítulo 2

2.1 - Metodologia

2.1.1- Posicionamento paradigmático (qualitativo e interpretativo)

Com base no texto *Investigação Qualitativa em Educação*, de Robert Bogdman e Sari Biklen (1994), infere-se que a investigação levada a cabo é qualitativa, pois entre outras coisas, recorro a um bloco de notas para registar diversas situações ocorridas ao longo do dia numa sala de 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico.

No entanto, com vista a um entendimento mais profundo sobre o que se entende por investigação qualitativa, estes autores apresentam cinco características essenciais

- *Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.*

Os investigadores despendem grande parte do seu tempo na observação, registo, e investigação de dados obtidos a partir da vivência diária e constante, pois defendem que as ações só serão bem compreendidas se forem observadas no ambiente natural onde ocorrem, entendendo de igual forma o contexto da história das instituições a que pertencem.

É passível a utilização de diversos instrumentos, apesar de a sua grande maioria recorrer apenas a um bloco de notas e lápis pois os dados são recolhidos *in loco* e complementados com toda a experiência e ensinamentos retirados do contacto direto. Mais tarde, todos os dados são revistos e organizados pelo investigador visto que estes são o seu instrumento principal de análise.

- *A investigação qualitativa é descritiva.*

Os investigadores não reduzem de forma alguma as muitas páginas de notas retiradas que possam ter. Sendo muito minuciosos, tentam analisar toda a riqueza dos dados recolhidos respeitando na medida do possível, a forma como estes foram registados. Estes dados são recolhidos em imagens ou palavras. E por fim, os resultados

escritos da investigação irão conter citações feitas com base nesses dados para ilustrar e caracterizar a apresentação.

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo. (...) A descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio. (Bogdman *et all.*1994, p.49)

- *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.*

As estratégias qualitativas patentearam o modo como as expectativas se traduzem nas actividades, procedimentos e interacções diárias. (Bogdman *et all.*1994, p.49)

Assim sendo, para os investigadores, o que se reveste de maior importância são as experiências vivenciadas, o caminho que foi percorrido e todos os instrumentos que foram necessários para o concretizar, muito mais que o mero produto final ao qual sem lhe retirarem importância, apenas utilizam como “conclusão”, se assim se poderá denominar.

- *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.*

Os investigadores, como já ficou explicado, recolhem os dados através do contato direto. Analisam-nos e posteriormente agrupam-nos de modo a obter um resultado mais homogéneo, com mais sentido e que apresente um leque maior de hipóteses tornando mais fácil encontrar respostas para as suas questões/dúvidas.

- *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.*

Os investigadores estão interessados na forma como as diferentes pessoas dão sentido às suas próprias vidas e como tal estão constantemente a questionar os sujeitos de investigação para perceber melhor,

aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem. (Psathas.1973, p.51)

2.2 - As notas de campo como instrumento da recolha de dados

Desde o início que é fundamental definir-se tanto o método como o instrumento a utilizar para que sejam os mais adequados à realidade observada e desta forma auxiliem a encontrar as respostas pretendidas. As Notas de Campo são assim um instrumento de eleição que é utilizado por muitos investigadores qualitativos.

Não obstante a existência de muitos outros métodos, como por exemplo os vídeos ou as fotografias, para citar apenas dois.

Este método – Notas de Campo – é o instrumento que serve de base à investigação nestas páginas apresentada, uma vez que faculta a análise de forma mais minuciosa de todas as minhas observações recolhidas no dia-a-dia da sala de 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico onde, desenvolvi a atividade, permitindo assim que se tente encontrar respostas para as questões que se colocam.

Estas Notas de Campo estão divididas em três partes distintas com vista à obtenção de uma melhor organização dos dados recolhidos:

- A primeira parte – **DESCRIÇÃO**. Exposição da situação observada tal e qual ocorreu no momento.
- A segunda parte – **INFERÊNCIAS**. Interrogações sobre a situação observada ou colocação de algumas observações.

- A terceira parte - **COMENTÁRIOS**. Tentativa de encontrar respostas para as questões colocadas, fundamentando com autores *experts* nas diversas matérias, de modo a torna-las mais perceptíveis e de mais fácil compreensão.

Foi a partir da recolha de Notas de Campo que começaram a surgir dúvidas e a formularem-se questões sobre algumas das situações vivenciadas e presenciadas, e que posteriormente me conduziram ao estabelecimento do tema e análise do problema que conduzirá à elaboração deste Relatório Final.

Falamos em análise qualitativa no ensino remete-nos para uma diversidade enorme de pontos a ter em conta se se seguir o raciocínio de Ericsson. Ele descreveu um conjunto de trabalhos de investigação como,

alternativamente denominados por etnográficos, qualitativos, observacionais-participativos, estudos de caso, simbólico-interacionistas, fenomenológicos, construtivistas ou interpretativos. (Erickson. 1986, p.119-161)

Pode tirar-se uma primeira ilação deste conjunto de abordagens. Trazem benefícios e são extremamente vantajosa em matéria de envolvimento tanto das crianças como dos investigadores e professores. Ter em conta todos os aspetos que estão diretamente ligados à criança (cultura, historia, ambiente, meio) é o mesmo que dizer que se busca apoio e conhecimento em disciplinas tão díspares e complementares como a Antropologia, as ciências sociais, humanidades e linguística, ou ainda à filosofia e psicologia. Restringir-se o estudo a uma investigação quantitativa, como tantas e tantas vezes tem sucedido ao longo dos anos, é o mesmo que impor barreiras ao bom resultado da avaliação de qualquer criança. Não importa ter apenas resultados de testes com valores diferentes para cada criança, importa para além deste tipo de conhecimento perceber outros aspetos da vida. O que significa para a criança a sua experiência no jardim-de-infância, e o que sente ao ingressar numa sala de aula onde a sua responsabilidade começa a crescer, é, poder-se-á dizer, de tanta importância como o resultado dos seus testes. Por outras palavras as ações praticadas no quotidiano têm peso na avaliação, da mesma forma que o comportamento. Para qualquer educador de infância este tipo de análise é uma ferramenta para as suas tomadas de decisão em sala

de aulas. “Não se trata aqui de uma questão de entendimento mas sim uma questão de utilidade.”. (Spodek. 2002, p.1040)

Para o educador ou professor ter na sua posse informação sobre a criança enquanto indivíduo e não apenas como aluno, é de capital importância. Só observando, analisando, quantificando todo o tipo de situações que propositada ou ocasionalmente possam ocorrer é que a sua avaliação sobre a criança toma forma e permite a tomada de decisões adequadas a cada caso.

Como posteriormente se verá uma análise quantitativa dos alunos em sala de aula, conjuntamente com a sua avaliação psicológica, e nível de aprendizagem permitiram não só a elaboração deste relatório como a identificação e encaminhamento das crianças para programas de apoio, com vista a auxiliá-las nas dificuldades que apresentam. Sem o trabalho do professor e/ou profissionais das respetivas áreas do saber (psicólogos, psiquiatras, psicopedagogos, etc.) dificilmente se identificam as necessidades de alunos especiais.

Capítulo 3

3.1 - Análise de Dados

Procede-se nesta fase à análise dos dados recolhidos ao longo da época de estágio, que contribuíram para a escolha deste tema para o Relatório Final.

Apresenta-se seguidamente a análise da primeira Nota de Campo (Anexo 1) que diz respeito a uma atitude do Eduardo e que revela a sua imaturidade e falta de responsabilidade e amor pelo que faz.

- Eduardo, depois de ter estado a fazer uma colagem no seu caderno, foi mostrar à professora o trabalho.
- Depois de ter obtido um elogio por parte da professora, voltou para o seu lugar, orgulhoso de si, e ficou sentado a observar durante algum tempo o trabalho concretizado.
- Em seguida pegou no lápis de carvão e começou a furar o tubo de cola que tinha em cima da secretária.
- Passou algum tempo a fazer isso, sem qualquer medo de estragar o trabalho que tinha feito no caderno.
- Acabou por estragar a colagem e disse - “Professora, o meu trabalho estragou-se!”.
- A professora que o tinha estado a observar respondeu “Eduardo, o trabalho não se estraga sozinho. Eu vi o que tu fizeste. Agora vais voltar a fazer de novo.”
- “Mas eu não tive culpa!”- Disse Eduardo.
- A professora olhou para ele e nem sequer foi necessário dizer mais nada.
- Eduardo virou-se para a frente e revoltado, com as lágrimas nos olhos voltou a fazer o trabalho.

Nota de Campo Nº 1 (05/12/2012)

Para que haja um melhor entendimento relativamente a esta descrição, é importante que se faça uma descrição da criança em questão.

O Eduardo é uma criança voluntariosa e irrequieta. Tem uma certa dificuldade em expressar aquilo que pensa ou sente e como muitas vezes não consegue dar resposta às mais diversas provocações dos colegas ou sempre que está sujeito a alguma contrariedade, responde com agressividade, seja ela física ou verbal.

Nos primeiros anos de vida, por não dominar os recursos da linguagem e, conseqüentemente, não conseguir exprimir verbalmente as suas contrariedades, a criança expressa a sua agressividade através de gritos, choro ou até com agressões físicas. Portal de educação/educare.pt (Agressividade Infantil)

Pese embora o facto de nesta fase de crescimento da criança a agressividade ter um cariz eminentemente de manipulação, porque o seu objetivo primordial é, ou chamar a atenção ou alcançar um determinado objetivo, por exemplo que a deixem brincar com um brinquedo que não está ao seu alcance ou que não lhe permitem utilizar. Ou ainda defender-se de alguma situação que não lhe é agradável, ou que para ela constitua um “risco”. Através deste comportamento a criança controla o seu ambiente descobrindo a forma mais eficaz de satisfazer as suas necessidades. Não será demais frisar que existem tendências agressivas que são inatas e que em situações de desconforto se manifestam não de uma maneira homogénea e idêntica mas de acordo com cada uma delas. Apesar destas situações ocorrerem com maior incidência quando a criança ainda não tem adquirida a linguagem verbal e usa a força para se exprimir. O Eduardo apesar de ter 7 anos revela imaturidade, nomeadamente a este nível.

Não assume a responsabilidade pelos seus atos, nem reconhece os seus erros, utiliza a chacota para inferiorizar os colegas, provavelmente devido à sua extrema necessidade de se ver reconhecido no mundo dos adultos. É uma criança que anseia por elogios ao seu trabalho, da mesma forma que após a realização da tarefa perde o interesse pela mesma e pelo resultado obtido ao ponto de ser por suas mãos que destrói o seu esforço. (vide notas campo 2,4,5).

Da análise efetuada ao processo curricular deste aluno pode retirar-se a seguinte informação: - O aluno participa e coopera nas atividades propostas. Tem dificuldade em aplicar conhecimentos; é criativo, mas pouco organizado; não se concentra e não está atento na sala de aula; possui uma boa capacidade de memorização, mas não aplica a informação que adquire; é pouco autónomo na elaboração das tarefas, e não demonstra

sentido de responsabilidade. É um aluno que revela uma boa autoestima, espírito crítico e que tenta relaciona-se e respeitar os outros. O Eduardo não consegue fazer a leitura de frases completas e não consegue escrever sem ajuda. Na área da matemática o aluno possui um razoável raciocínio lógico-dedutivo, mas tem muitas dificuldades na compreensão das questões propostas nas atividades realizadas. Na área de estudo do meio o aluno adquiriu algumas das noções básicas programadas para o 2º período. Na área de expressões artísticas e físico-motoras o aluno mostra algum empenho nas tarefas realizadas reconhecendo e aplicando algumas das noções rítmicas e espaço-temporais. O Eduardo mostra pouco empenho e concentração nas atividades escolares. Neste momento o aluno está a realizar aprendizagens do primeiro ano de escolaridade na área do português e está a progredir lentamente. O Eduardo não atingiu os objetivos propostos para o período escolar em análise (2º), na área do português, e conseguiu atingir na área da matemática e estudo do meio, porque tem ajuda na compreensão das questões escritas.

A nível familiar é filho único e o pai está frequentemente a trabalhar no estrangeiro, como tal, é uma criança que revela algumas carências mas também mimo excessivo. A mãe faz todas as vontades ao filho como forma de tentar compensar a ausência do pai. Talvez daí resulta a suaimaturidade. É visível que quando o pai está em casa, a criança fica mais calma e empenhada na escola. O aluno deixou de beneficiar de aulas de apoio educativo por opção dos encarregados de educação, no entanto está a beneficiar de um Plano de Acompanhamento Pedagógico. Ingressou com 5 anos no 1º ciclo.

Analisa-se de seguida a segunda Nota de Campo na qual também está presente a criança acima descrita juntamente com outra criança; o Gonçalo Castanheira, que se descreverá abaixo.

- Castanheira acabou de fazer um trabalho e mostrou à professora.
- Esta disse – “A letra está tão grande que não percebo nada do que está aqui escrito. Faz lá uma letra mais pequena e bem feitinha, que eu sei que tu consegues.”.
- Castanheira baixa o livro, pega na borracha e começa a apagar.
- Logo de seguida o Eduardo começa a rir, grita e diz – “Deixa lá ver Castanheira!”.

- A professora chama-o à atenção e este senta-se novamente, mas sempre a falar baixinho e a gozar com o colega.

Nota de Campo Nº2 (06/12/2012)

Antes de descrever e analisar o Gonçalo Castanheira, é importante frisar que, como já foi mencionado, se volta a encontrar o Eduardo que mais uma vez a revela a sua imaturidade, algo que nesta fase da sua vida já não deveria estar presente com este impacte.

O Gonçalo Castanheira é uma criança pouco esforçada mas que aguarda por reconhecimento do seu trabalho mesmo quando não se esforça. Revela baixa autoestima, e por isso, apesar de não se empenhar tanto quanto devia nas atividades propostas, precisa de ver o seu trabalho reconhecido. A autoestima é um processo muito importante no que concerne ao desenvolvimento da aprendizagem da criança, como tal é importante que o professor reconheça todos os aspetos positivos do trabalho e metas alcançadas pela criança e não apenas os negativos.

Piaget, Vigotsky e Wallon tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir de trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. (...) O desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras recetoras das informações que estão à sua volta. Através do contacto com o seu próprio corpo, com as coisas do ambiente, bem como através da interacção com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo capacidade afectiva, a sensibilidade e a auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. (Craidy & Kaercher, 2001, p. 27)

Não reage bem a chamadas de atenção por parte do docente, e corrige o seu trabalho com pouca vontade e com esforço. É no entanto uma criança com capacidades de aprendizagem e apreensão das matérias apresentadas, mas o seu pouco esforço encobre essas capacidades.

Da análise efetuada ao processo curricular deste aluno pode retirar-se a seguinte informação: - O aluno participa e coopera pouco nas atividades propostas. Esforça-se por aplicar os conhecimentos adquiridos; é pouco criativo e organizado; é concentrado e atento na sala de aula, no entanto não consegue perceber o que lhe é transmitido; é

pouco autónomo na elaboração das tarefas, mas demonstra sentido de responsabilidade. É um aluno que revela uma baixa autoestima, não mostra espírito crítico, mas relaciona-se respeitando os outros. O Gonçalo tem muitas dificuldades na oralidade, nomeadamente na articulação de algumas palavras. A sua leitura é muito hesitante, porque ainda não domina os casos da língua portuguesa; na escrita mostra uma caligrafia pouco perceptível e só escreve com ajuda. Na área da matemática o aluno mostra muitas dificuldades na aquisição e aplicação dos conhecimentos transmitidos. Na área de estudo do meio o aluno mostra ter adquirido as noções básicas programadas para o período em análise (2º). Na área de expressões artísticas e físico-motoras empenha-se em todas as tarefas realizadas reconhecendo e aplicando algumas noções rítmicas e espaço-temporais. O Gonçalo mostra muitas dificuldades na aquisição e aplicação dos conhecimentos transmitidos nas diferentes áreas curriculares. Na área de português o aluno está a trabalhar conteúdos do primeiro ano de escolaridade e tem obtido resultados positivos, nas restantes áreas e apesar do seu esforço, o aluno não consegue reter toda a informação transmitida. O aluno não realizou todas as aprendizagens previstas para o período.

Provém de uma família que lhe presta apoio, mas que não aceita bem a realidade da situação do filho, é pois uma criança pouco sociável que fica sempre no seu canto, é muito envergonhado e esconde-se muito dos amigos com medo de ser gozado. O Gonçalo beneficia de aulas de apoio educativo duas vezes por semana e também de um Plano de Acompanhamento Pedagógico. Ingressou com 5 anos no 1º ciclo.

Vimos todos em comboio, por ordem alfabética, até à sala.

- Assim que entrámos na sala, cada um foi-se sentar no respetivo lugar e o Eduardo coloca-se de joelhos em cima da cadeira e diz – “O Diogo trouxe um urso para a escola por isso é um bebé.”

- “Não sou não! Bebé és tu que não sabes falar e só bates.” – Respondeu Diogo.

- Eduardo ia a levantar-se da cadeira para se dirigir ao colega, quando intervenho colocando a mão à sua frente.

- “Onde vais Eduardo?” – Pergunto.

- “Ele chamou-me bebé!” – Diz Eduardo.

- “Mas eu ouvi que tu lhe chamaste primeiro” – respondo.

- Eduardo baixou a cabeça e voltou a sentar-se, enquanto os colegas falavam todos ao mesmo tempo, fazendo queixas.

- “Todos nós já tivemos peluches. Eu tenho um em casa e gosto muito dele. É por isso que sou uma bebé?” – Pergunto ao Eduardo.
- Eduardo responde negativamente com a cabeça.
- “Então não digas essas coisas aos teus colegas. É muito feio gozar com os outros. Entendido?” – Digo eu.
- Eduardo responde afirmativamente com a cabeça e iniciou o seu trabalho

Nota de Campo N°3 (07/12/2012)

Mais uma vez se pode observar o Eduardo em “confronto” com um colega de turma. Como já se percebeu nas descrições supra, o Eduardo não sabe lidar com as mais diversas situações, revelando imaturidade, partindo sempre para a agressividade.

Esta é apenas mais uma Nota de Campo para reforçar as necessidades que esta criança apresenta dentro da sala de aula, neste caso ao nível da agressividade.

Ao longo do processo de desenvolvimento da criança, há tendências agressivas inatas que emergem, embora estas possam ser diferentes, consoante a criança em questão. Nos primeiros anos de vida, por não dominar os recursos da linguagem e, conseqüentemente, não conseguir exprimir verbalmente as suas contrariedades, a criança expressa a sua agressividade através de gritos, choro ou até com agressões físicas. Nesta fase, a agressividade é essencialmente manipulativa, porque o seu objectivo é alcançar determinados fins, por exemplo, ganhar um brinquedo ou defender-se. Este comportamento é a forma que a criança encontra para controlar o ambiente, ou seja, é a forma mais eficaz para satisfazer as suas necessidades.

<http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=BF A9FD9EA20333E7E0400A0AB8002B36&opsel=2&channelid=0>

Analisa-se agora a quarta Nota de Campo que se debruça sobre mais uma criança, o Tiago Sousa, com base naquilo que foi possível observar e recolher no percurso de acompanhamento da mesma.

- Logo pela manhã os alunos iniciaram uma ficha de preparação para as provas de aferição.
- Apesar de haver alunos com nível equivalente ao 1º ano, também tiveram de a realizar.
- A ficha foi interrompida pelo intervalo da manhã e da hora de almoço.

- Quando regressámos à sala depois do almoço, o Tiago Sousa cheirava bastante mal.
- Dirigi-me a ele e perguntei em segredo – “Tiago fez cocó nas cuecas?”.
- Tiago olhou para mim envergonhado e respondeu – “Sim professora!”.
- Olhei para ele e disse – “ Tiago não te preocupe, sim? Vamos ligar paraa tua mãe e ela vem buscar-te. Está bem?”.
- O Tiago respondeu afirmativamente com a cabeça.
- Dirigimo-nos às auxiliares e pedi que ligassem à mãe do aluno para o vir buscar.
- Em seguida fomos à sala arrumar as coisas do Tiago e ele saiu para ir esperar a mãe.

Nota de Campo Nº4 (20/12/2012)

O Tiago Sousa é uma criança introvertida e sensível, que apresenta reações físicas fortes sempre que é submetido a algum tipo de pressão como por exemplo as avaliações; fica de tal forma nervoso que urina ou defeca nas cuecas, ou simplesmente adoece. (vide nota campo 10).

Tendo transitado com algumas falhas para o 2º ano demonstra medo de insucesso ao ser avaliado sobre matérias dadas. Revela dificuldades de dicção e por isso frequenta uma terapeuta da fala. Escreve tal e qual como pronuncia as palavras, por isso dá imensos erros ortográficos que já não são normais nesta fase, ou neste ano de escolaridade. Parece ser uma criança com capacidades de aprendizagem mas é pouco confiante em si próprio.

O Tiago é uma criança com dificuldades de aprendizagem, usufruindo de momento de terapia da fala é ainda de mencionar a sua baixa autoestima.

As dificuldades de aprendizagem específica” significa que uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização de linguagem falada ou escrita que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos. O termo inclui condições como problemas perceptivos, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia de desenvolvimento. O seu turno não engloba as crianças com problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiências visuais, auditivas, motoras, deficiência mental, de perturbação emocional ou de desvantagens

ambientais, culturais ou económicas. (Federal Register, 1977, citado por Correia, 1991)

É igualmente do senso geral no meio académico que o aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem por norma exhibe problemas ao nível dos relacionamentos, da autoestima e do comportamento, sendo a sua postura socialmente falante deficitária e que em última instância pode conduzir ao abandono escolar precoce.

Da análise efetuada ao processo curricular deste aluno pode retirar-se a seguinte informação: - O aluno participa e coopera nas atividades propostas. Relaciona e aplica conhecimentos; é pouco criativo, mas é organizado; é concentrado e atento na sala de aula; possui uma razoável capacidade de memorização; é autónomo na elaboração das tarefas, e demonstra sentido de responsabilidade. É um aluno que revela baixa autoestima, mostra espírito crítico e relaciona-se respeitando os outros. O Tiago mostra dificuldades na expressão oral, principalmente na articulação de algumas palavras. Realiza uma leitura pouco fluida e na escrita dá muitos erros ortográficos. Na área da matemática o aluno mostra boas capacidades de raciocínio lógico-dedutivo, mas tem dificuldades na compreensão das questões propostas nas atividades realizadas. Na área de estudo do meio o aluno adquiriu as noções básicas programadas para o período em análise (2º). Na área de expressões artísticas e físico-motoras, empenha-se em todas as tarefas realizadas reconhecendo e aplicando noções rítmicas e espaço-temporais. O Tiago mostra-se muito esforçado e empenhado para ultrapassar as suas dificuldades. É sociável e concentrado nas atividades propostas em sala de aula. O aluno realizou as aprendizagens previstas para o período em observação apenas na área curricular de estudo do meio, na área de português e matemática não conseguiu realizar com sucesso todas as aprendizagens previstas. O aluno está a beneficiar de aulas de apoio educativo duas vezes por semana; beneficia de apoio psicológico uma vez por semana com uma psicóloga e também está a beneficiar de um Plano de Acompanhamento Pedagógico elaborado pela professora titular de turma.

Provém de uma família em que os pais não têm muitas habilitações literárias e por isso não conseguem acompanhar o filho como gostariam. Revela carências a nível de higiene e alimentação, visto que a família tem algumas dificuldades monetárias. Não é filho único e os irmãos revelam as mesmas dificuldades a nível de aprendizagem e carências. Entrou com 5 anos para o 1º ciclo.

Este tipo de situações embaraçosas para o Tiago são recorrentes, pois ele apesar do esforço tem noção que não sabe o suficiente para conseguir obter resultados positivos nas avaliações. O peso do ambiente familiar é, neste caso, bastante importante. No entanto não é a sua baixa autoestima que justifica as suas dificuldades. Esta criança é muito nervosa e por isso acontecem este tipo de percalços com frequência.

Analisar-se-á de seguida uma menina, a Deila, que entrou para esta turma de 2º ano neste presente ano letivo, frequentando o 1º ano fora do país.

É uma menina que revela boas capacidades, mas encontra-se num nível completamente desfasado da restante turma, Isto porque, ingressou neste nível escolar sem saber ler, escrever, entre muitas coisas, que são fundamentais para um 2º ano do Ensino Básico.

- Entrámos na sala, cada aluno sentou-se no seu respetivo lugar e foram distribuídos os cadernos diários.
- Sentei-me ao lado da Deila para lhe dar uma aula sobre a letra Z.
- Dei-lhe uma imagem com a letra e uma Zebra desenhada.
- Assim que viu a imagem do animal, a Deila identificou-o dizendo o nome.
- Em seguida tivemos uma conversa sobre a letra, onde a aluna mostrou conhecimento de outras palavras onde a letra trabalhada se encontrava inserida.
- Depois fizemos alguns exercícios escritos, mas mantivemos sempre diálogo entre as duas.

Nota de Campo Nº5 (16/01/2013)

É uma criança que transitou para o 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico com uma grande lacuna a nível de conhecimentos básicos, já que não sabia ler nem escrever, nem reconhecer letras do abecedário. Não obstante esta dificuldade é uma aluna que demonstra grande vontade de saber, é aplicada nos exercícios e interessada nas matérias que lhe são apresentadas. Possui uma capacidade de raciocínio bastante elevada bem como um grau igualmente elevado de retenção e compreensão. Demonstra necessidade de atenção mas desfruta e usufrui da mesma mostrando resultados positivos na

aprendizagem em geral. É uma criança sossegada e atenta o que lhe permite absorver na totalidade o apoio que lhe é dispensado.

Ao contrário dos colegas, a Deila é uma criança que não se sente satisfeita somente com aquilo que vai aprendendo, por isso revela uma excelente iniciativa em querer saber mais e este facto pode ser observado nos trabalhos realizados com ela. Sempre que se inicia uma nova etapa de aprendizagem, ela demonstra que consegue relacionar a matéria nova com as mais variadas coisas.

(...) Portanto, quando o indivíduo pensa na coisa desejada, está criando ou aumentando uma certa tensão que o levará a agir no sentido de satisfazer o desejo surgido (...) Isto é, agimos conforme a motivação ao almoçar o prato desejado; nesse ponto estamos reduzindo ou desfazendo a tensão anteriormente provocada. Portanto, o desejo pode ser considerado como força que tem por objectivo aliviar tensões. (Camilo, 2006)

É precisamente esta motivação que parece animar a Deila, esta necessidade sempre constante de progredir, de ir mais além de se exceder a si própria na busca de conhecer mais, saber mais, fazer melhor, alcançar mais um passo. Esta ânsia de saber e realizar tarefas corretamente pode provir do facto da aluna se sentir em desvantagem face aos colegas de turma, já que, como foi mencionado veio de um 1º ano levado a cabo em África que não lhe deu as ferramentas adequadas ao ingresso no ensino nacional deixando-a com graves lacunas de aprendizagem. No entanto, este é um caso de empenho e vontade dignos de nota, e que estão a produzir lentamente os frutos ambicionados.

Da análise efetuada ao processo curricular desta aluna pode retirar-se a seguinte informação: - A aluna participa e coopera nas atividades propostas. Relaciona e aplica conhecimentos, que tem vindo a adquirir; é criativa e organizada; é concentrada e atenta na sala de aula; possui uma boa capacidade de memorização; é autónoma na elaboração das tarefas, e demonstra sentido de responsabilidade. É uma aluna que revela uma boa autoestima, espírito crítico e relaciona-se respeitando os outros. A Deila continua a trabalhar conteúdos do primeiro ano de escolaridade. No entanto já faz uma boa leitura de frases e pequenos textos; escreve com poucos erros ortográficos e já domina algumas regras gramaticais. Na área de matemática a aluna está a progredir, possui bom raciocínio lógico-dedutivo e já resolve situações problemáticas simples. Na área de

estudo do meio a aluna adquiriu as noções básicas programadas para o período analisado (2º). Na área de expressões artísticas e físico-motoras a aluna empenha-se com afinco em todas as tarefas realizadas e tenta reconhecer e aplicar noções rítmicas e espaço-temporais. A Deila é uma aluna concentrada e muito empenhada. A aluna tem progredido muito e já está a trabalhar alguns conteúdos do segundo ano na área da matemática e estudo do meio. Na área do português ainda está a consolidar alguns conteúdos do primeiro ano de escolaridade

Provém de uma família em que a mãe trabalha até tarde e como tal é uma criança que quando não está na escola, passa a maior parte do tempo na rua sozinha a brincar. Veio para esta escola e ingressou no 2º ano de escolaridade. Fez o 1º ano numa escola em África, quando chegou não sabia ler nem escrever e por isso tem um nível equivalente ao 1º ano do Ensino Básico, ou seja, teve de começar tudo do zero. Até agora não demonstra qualquer tipo de dificuldade de aprendizagem, simplesmente encontra-se completamente desenquadrada do resto da turma, até dos alunos que apresentam dificuldades. A Deila tem beneficiado de aulas de apoio educativo duas vezes por semana e de Português Língua Não Materna, também duas vezes por semana. A aluna está ainda a beneficiar de um Plano de Acompanhamento Pedagógico.

Seguidamente observar-se-á e descrever-se-á mais uma criança, o Afonso, que está referenciado como NEE (Necessidades Educativas Especiais).

- Entrámos na sala e fiquei incumbida de voltar a dar uma aula sobre um caso de leitura ao Afonso.
- Foram distribuídos os cadernos e sentei-me ao lado do Afonso de forma a dar-lhe apoio individualizado.
- O caso de leitura trabalhado foi o nh e o ch, que já tinha sido dado anteriormente.
- Pedi ao Afonso que escrevesse o seu nome completo e a data, no início da folha em seguida escrevesse o abecedário.
- O aluno demorou quase a manhã inteira para fazer esta tarefa, porque ia olhando para o ar, para o abecedário que está exposto na parede da sala e para o que já tinha escrito.
- Escrevi exercícios no caderno e lembrei os casos de leitura.
- O Afonso não se lembrava de nada.
- Pedi que lesse comigo os exercícios que tinha copiado no caderno.
- Esperou que eu lesse para repetir.

- Em seguida quando foi a vez de ler sozinho, não conseguiu.
- Esta aula durou o dia inteiro.

Nota de Campo N°5 (22/02/2013)

Como já foi mencionado anteriormente, o Afonso é uma criança que foi declarada NEE pelo profissional de ensino especial. Revela grandes dificuldades de aprendizagem, nomeadamente na retenção de informação, seja ela qual for. Independentemente disso, não demonstra qualquer tipo de interesse em aprender nem tão pouco se esforça por ultrapassar as suas dificuldades, necessitando de apoio individual constante. Este aluno está dado quase como causa perdida por parte da professora residente.

Poder-se-ia pensar que casos como o do Afonso são pouco comuns, e consequentemente não existem grandes apoios para crianças nestas condições. No entanto, este tipo de caso é infelizmente bastante recorrente. O número de casos de crianças com dificuldades de aprendizagem tem vindo a aumentar nos últimos 20 anos. Segundo Correia, 1997, “estes alunos constituem cerca de metade da população estudantil com Necessidade Educativas Especiais”.

Existindo ainda o facto de, neste caso específico, o apoio familiar não ser o adequado, como acima ficou referido.

Numa perspectiva orgânica, as dificuldades de aprendizagem são desordens neurológicas que interferem com a recepção, integração ou expressão de informação, (...) uma discrepância acentuada entre o potencial estimulado do aluno e a sua realização escolar. Numa perspectiva educacional, as dificuldades de aprendizagem reflectem uma incapacidade ou impedimento para a aprendizagem de leitura, escrita ou cálculo. Os alunos com dificuldades de aprendizagem podem apresentar problemas na resolução de algumas tarefas escolares e serem “brilhantes” na resolução de outra. (Guedes, 2010)

O Afonso está a beneficiar de apoio educativo duas vezes por semana beneficiando de um Plano Educativo Individual.

Da análise efetuada ao processo curricular deste aluno pode retirar-se a seguinte informação: - O Afonso é um aluno que não se exprime por iniciativa própria. Não

consegue ler palavras com os casos da língua; na escrita dá muitos erros ortográficos e não constrói frases sozinho. Na área de matemática o aluno só consegue fazer a leitura de números inteiros até 20, possui um baixo raciocínio lógico-dedutivo e não resolve situações problemáticas simples. Na área de estudo do meio o aluno mostrou dificuldades na aquisição dos conhecimentos transmitidos. Na área de expressões artísticas e físico-motoras o aluno empenha-se com afinco em todas as tarefas realizadas e tenta reconhecer e aplicar noções rítmicas e espaço-temporais. O aluno participa e coopera nas atividades propostas no entanto, mostra dificuldades em se expressar oralmente e por escrito. Não relaciona e não consegue aplicar conhecimentos; é criativo mas não é organizado; não se concentra e nunca está atento na sala de aula; possui uma baixa capacidade de memorização; não é autónomo na elaboração das tarefas, e não demonstra sentido de responsabilidade. É um aluno que revela baixa autoestima, não tem espírito crítico mas é completamente enturmado e acaba por ser o “bobo da corte”. Como não trabalha as mesmas matérias e é dado quase como um caso perdido pela professora, quando não tem nada que fazer distrai os colegas da turma e por vezes até prejudica a concentração dos que estão a trabalhar.

Provem de uma família que lhe proporciona apoio a nível escolar mas mesmo assim não evolui a sua aprendizagem. É uma criança muito sociável, brincalhona, teimosa, imatura e por vezes agressiva. Ingressou com 5 anos para o 1º ciclo, se bem que neste caso existem outros motivos que explicam as suas dificuldades de aprendizagem e imaturidade. É seguido por um psicólogo e para o ano deve frequentar uma turma específica para crianças referenciadas como NEE.

Encerra-se este capítulo de Análise de Dados, observando e analisando mais uma criança, o Daniel, que não é mencionado em nenhuma Nota de Campo por ser uma criança pacata e reservada, o que também não facilita a análise tal como foi levada a cabo para os restantes colegas.

No entanto, existem documentos que permitem analisá-lo, visto que pertence ao “leque” de crianças desta turma que revelam dificuldades na aprendizagem.

O Daniel é uma criança calada, sossegada, mas muito carinhosa. Normalmente não se mete em qualquer tipo de confusões, permanecendo a brincar com os colegas com quem mais se identifica. Apresenta dificuldades auditivas mas tem uma capacidade que o beneficia, que é ler os lábios para perceber aquilo que é dito a uma maior

distância. Escreve tal e qual como ouve aquilo que é dito mas demonstra ter uma boa capacidade de memorização.

Da análise efetuada ao processo curricular deste aluno pode retirar-se a seguinte informação: O aluno participa e coopera nas atividades propostas e esforça-se por comunicar verbalmente e por escrito. Relaciona e aplica conhecimentos; é organizado; é concentrado e atento na sala de aula; possui uma boa capacidade de memorização; é pouco autónomo na elaboração das tarefas, mas demonstra sentido de responsabilidade. É um aluno que revelou ter autoestima, espírito crítico e que se relaciona respeitando os outros. O Daniel mostra dificuldades na expressão oral, principalmente na articulação de algumas palavras. Realiza uma leitura pouco fluida e na escrita dá muitos erros ortográficos. Na área da matemática o aluno mostra boas capacidades de raciocínio lógico-dedutivo, mas tem dificuldades na compreensão das questões propostas nas atividades realizadas. Na área de estudo do meio o aluno adquiriu todas as noções básicas programadas para o período em análise (2º). Na área de expressões artísticas e físico-motoras, empenha-se com afinco em todas as tarefas realizadas reconhecendo e aplicando noções rítmicas e espaço-temporais. O Daniel mostra-se muito esforçado e empenhado para ultrapassar as suas dificuldades. É sociável e concentrado nas atividades propostas em sala de aula. O aluno atingiu os objetivos propostos para este período escolar na área da matemática e estudo do meio, mas não na área de português.

Provém de uma família onde existem mais irmãos, mas estes não apresentam dificuldades de aprendizagem. É uma criança que tem imenso apoio por parte dos pais, a nível escolar e não só. O aluno está a beneficiar de aulas de apoio educativo, duas vezes por semana e beneficia de um Plano de Acompanhamento Pedagógico. Ingressou com 5 anos no 1º ciclo.

Esta criança, como já ficou supra descrito, apresenta dificuldades auditivas o que restringe a sua aprendizagem e o seu progresso. A criança que não ouve corretamente irá reproduzir deficitariamente as palavras e os sons, seja na oralidade seja na escrita. No entanto o Daniel usufrui de uma trunfo que utiliza para tentar colmatar a sua dificuldade que é a leitura dos lábios, o que faz dele uma criança necessariamente atenta e concentrada. Por seu turno esta “obrigatoriedade” leva-o a que seja discreto e sossegado para conseguir atingir objetivos de aprendizagem e progresso. A discrepância que parece ser mais aceite internacionalmente é a que figura no *PublicLaw 94-142*, hoje denominada *IndividualswithDisabilitiesEducationAct* (IDEA) que diz o seguinte:

As dificuldades de aprendizagem específica significa que uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever soletrar ou fazer cálculos matemáticos (...) O seu turno não engloba as crianças com problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiências visuais, auditivas, motoras (...) (Federal Register, 1977, citado por Correia, 1991)

Sabendo que a audição é essencial para a comunicação verbal interpessoal bem como para a aquisição da linguagem, fácil se torna perceber a sua relevância para a aprendizagem. Além de ser um sistema de alerta e de atenção pluridirecional. Com todo esta interferência na percepção e conseqüentemente nos mecanismos de aprendizagem, a criança que apresenta dificuldades a este nível deverá ser acompanhada não apenas a nível escolar como médico, para se perceber o grau de dificuldade auditiva e tentar compensa-la de modo a que progrida. Mesmo com a capacidade de leitura labial o Daniel não consegue captar a totalidade do que se diz. Segundo vários autores o melhor leitor não consegue perceber mais do que 50% do que o emissor produz.

Estudos demonstram que mesmo o leitor labial mais experiente consegue captar apenas em torno de 50% do que se é dito. Boa parte de sua habilidade está ligada à sua capacidade de intuir o que esta sendo dito, completando o restante, proferido de maneira ilegível, ou mesmo naturalmente irreconhecível. Sons como “p” e “m”, “d” e “n” e “s” e “z”, podem ser facilmente confundidos entre si. (wikipedia-Leitura labial)

Conforme explicado acima toda esta caracterização teve como base as fichas de avaliação elaboradas pela professora residente. Partindo dos quadros informativos das 6 crianças aplicou-se o acompanhamento individual e a abordagem mais adequada às necessidades demonstradas por cada uma delas.

Desta forma as Notas de Campo vêm corroborar o historial académico destes alunos, permitindo ir formando algumas ideias mais concretas sobre as questões inicialmente colocadas.

Em comum estas 6 crianças têm o facto de o seu ingresso no 1º ciclo ter ocorrido aos 5 anos de idade, e apresentarem graus de dificuldade de aprendizagem mais ou menos acentuados, mas que prevalece em todas elas. Todas beneficiam de apoio educativo e plano de apoio pedagógico. É igualmente comum a todas a presença e consequente apoio familiar, de notar no entanto que nesta matéria em particular existem graus diferenciados desse mesmo apoio já que o *background* das crianças é também ele diferente nos 6 casos. Foram crianças que receberam estímulos de diversa natureza na tentativa de as auxiliar a ultrapassar as suas dificuldades superando-se a si próprias. Quanto aos resultados obtidos as divergências são mais notórias, já que cada uma dela reagiu de maneira diferente muito de acordo com as suas personalidades e o seu *background* sociocultural e económico. De salientar no entanto que foram detetados alguns progressos em todos estes estudo-caso.

Capítulo 4

Considerações Finais

A Prática de Ensino Supervisionada, que me permitiu encontrar o problema para a elaboração deste Relatório Final, foi realizada na E.B1/J.I Monte Abraão 2, onde me inseri como professora estagiária numa turma de 2º ano constituída por 25 crianças e a professora cooperante.

Como se percebeu ao longo do trabalho supra, o presente Relatório trata de um estudo de caso de 6 crianças com graves dificuldades de aprendizagem, que se tornam preocupantes.

Desde o início do meu estágio que ouvi a professora cooperante referir e justificar que o principal problema para estas 6 crianças apresentarem estas dificuldades se deve ao facto de terem entrado com 5 anos para o 1º Ciclo do Ensino Básico. Assim sendo, decidi tentar perceber a essência do problema, não apenas pela curiosidade que me despertou, mas também para saber como agir perante este tipo de situações.

Após as pesquisas e o respetivo estudo de todo o material compilado, pode constatar-se que as dificuldades observáveis nas 6 crianças que formam este estudo de caso têm a ver diretamente com competências cognitivas que não foram atingidas e não propriamente com a falta de empenho. Por outro lado, é importante referir que a ideia inicial relativamente à entrada de crianças com 5 anos para o 1º Ciclo do Ensino Básico está comprovada. Pretende-se com isto dizer que não é de todo aconselhável que as crianças entrem com essa idade para a escola pois existem competências, nomeadamente a nível cognitivo, que devem ser devidamente desenvolvidas antes de entrar nesta etapa/processo tão importante na vida do ser humano. Caso estes processos cognitivos não estejam consolidados, a criança irá revelar dificuldades a diversos níveis, não só de aprendizagem mas também comportamentais.

Neste último Capítulo são então de notar vários fatores como por exemplo a imaturidade da criança que tem um efeito prejudicial na sua postura em sala de aula, no seu relacionamento com adultos, com a sociedade e com os seus pares. Um dos aspetos mais reveladores dessa imaturidade encontra-se na excessiva agressividade que

demonstram. É sem dúvida nesta fase que se adquirem as bases para todo o percurso de vida.

Nos primeiros anos de vida, por não dominar os recursos da linguagem e, conseqüentemente, não conseguir exprimir verbalmente as suas contrariedades, a criança expressa a sua agressividade através de gritos, choro ou até com agressões físicas. Portal de educação/educare.pt (Agressividade Infantil)

Como se constata pelo supra citado, existe uma altura na vida do ser humano em que a agressividade é evidente. Mas apenas quando a incapacidade de dar resposta às necessidades de forma autónoma se revela. Nesta fase etária (7 anos) já não é de todo normal, o que revela a grande imaturidade da criança.

Existem crianças que se esforçam muito para atingir resultados positivos mas simplesmente não os obtêm e outras que não se empenham por imaturidade que não devia estar tão presente nestas idades. Claro que não se espera que uma criança seja totalmente responsável ou madura nesta fase de crescimento, mas tendo em conta tudo o que seria suposto a nível psicológico e cognitivo para este estágio, estas crianças não correspondem aos padrões esperados. É pois neste campo que os educadores têm um papel fundamental no que diz respeito ao aconselhamento dos pais. Dar-lhes a entender que os filhos podem não estar devidamente preparados para o ingresso no 1º Ciclo e que ao forçar-se a criança a entrar num mundo mais exigente irá trazer poucos benefícios para não dizer que será prejudicial tanto a nível cognitivo, como psicológico ou social.

Cada vez mais a escola é fundamental no processo evolutivo da criança. Hoje em dia, os pais têm cada vez menos tempo para o acompanhamento e estimulação dos filhos e como tal, a escola tem vindo a “substituir” esse papel. Antigamente à escola cabia apenas o papel de formar as crianças, transmitindo conhecimentos de leitura, escrita, cálculos, para citar apenas alguns. Atualmente a escola não tem apenas essa função de transmissão de conhecimentos e aprendizagens formais, mas sim a de complementar a educação no geral. Parte-se do princípio que as crianças têm uma educação não formal em casa. Todavia a situação real não é bem essa. Não raro se nota que os pais incumbem os educadores e professores de realizar um papel que na

realidade deveria ser o deles. Nomeadamente no que concerne à transmissão de princípios e valores tais como as regras sociais e não só.

É de suma importância que exista uma boa relação entre os professores e os alunos, bem como com as famílias, pois assim o trabalho de equipa será muito mais produtivo e mais facilmente se detetarão os obstáculos que possam eventualmente surgir, tornando-se a sua gerência bem mais simples. As relações cordiais e assíduas entre professores e famílias permitem que flua uma passagem de informações fundamentais para o benefício da criança. Com isto pretende-se dizer que o professor deve sempre transmitir aos pais ou ao encarregado de educação da criança tudo aquilo que sente, deteta e observa em relação à mesma. O mesmo deve acontecer por parte das famílias. Qualquer problema, situação menos normal ou dificuldade que encontrem nas crianças devem, para salvaguarda e benefício das mesmas, dar conhecimento a quem as acompanha diariamente. Desta forma, as crianças poderão ter a oportunidade de usufruírem de um melhor acompanhamento tanto em meio escolar como fora dele.

Para aprender é necessário que exista uma relação de condições entre fatores externos e internos. Há necessidade de estabelecer uma mediação entre o educador e o educando. (Guedes, 2010, pp.15)

Tal como a escola tem vindo a ganhar mais ênfase e importância na sociedade, visto que é nela que se adquirem todas as bases necessárias para a vida futura, também o papel do professor tem ganho grande relevância.

Um professor tem que ser, tal como as famílias, um modelo a seguir. Como as crianças passam grande parte do seu dia na escola, a tendência natural nesta fase da infância é a de seguir os exemplos que lhes são dados. Assim sendo, toda a comunidade escolar deve estar vocacionada e empenhada em seguir todas as normas, regras e ensinamentos que transmite aos educandos, sob pena de se tornar alheia da realidade social do presente e esvaziada de conteúdos.

A meu ver, um professor não deve ser muito rígido mas também não muito flexível. Deve sempre procurar encontrar e estabelecer um meio-termo. No entanto, ao nível da exigência, o grau da mesma deve ser mantido num parâmetro elevado para o benefício da turma no seu todo e individualmente com cada elemento da mesma, com

vista a estimular e despertar o interesse e o gosto pela aprendizagem e conhecimento. Quer apresentem ou não dificuldades de aprendizagem, uma vez que, como já ficou exposto, todas as crianças têm capacidades e potenciais a estimular, descobrir e desenvolver.

É certo que hoje em dia existe uma pressão enorme sobre os professores já que os programas a serem lecionados são complexos e bastante extensos mas que, apesar de tudo, têm de ser cumpridos. Já existem provas a nível nacional que englobam toda a matéria presente nos programas com vista a avaliar o nível de aprendizagem do país. No entanto, um professor não se deve esquecer de que o mais importante são os alunos. É urgente e essencial que aprendam e consolidem bem as matérias que vão sendo dadas ao longo do percurso de aprendizagem. Do meu ponto de vista é mais relevante que a turma assimile tudo corretamente do que um programa ser cumprido à risca e ser lecionado à pressa correndo-se o risco de deixar dúvidas, matéria mal explicada ou apenas mencionada. Até porque cada criança é única, tem o seu próprio ritmo de aprendizagem que não deve ser forçado sob pena de prejuízo grave para ela.

No decorrer deste curso foi-me inculcada a importância da felicidade e bem-estar dos alunos. Tentando sempre motivá-los da melhor maneira para que estejam aptos e disponíveis para absorver novas informações e conhecimentos. As atividades lúdicas também têm um papel importantíssimo na nossa prática profissional. Está mais que comprovado que as crianças aprendem através da brincadeira e de momentos mais descontraídos. Desta forma as aulas não têm que ser sempre formais. Tendo em conta que quando se realiza o seu ingresso no Ensino Básico o choque é enorme já que vêm de um local onde o tempo era maioritariamente ocupado a brincar. Este facto não pode ser esquecido nem escamoteado pelos docentes, muito pelo contrário, deve ser levado em consideração e “aligeirar-se” o programa já que a transição é dura para os alunos. Daí resulta então ser tão difícil o ingresso no Ensino Básico e a adaptação ao mesmo.

No 1º Ciclo as crianças já são obrigadas a passar bastante tempo sentadas e são estimuladas a treinar a sua capacidade de concentração para conseguirem captar tudo o que o professor trabalha com eles. Assim é importante que logo nos primeiros momentos em que a criança frequenta o 1º Ciclo, que haja uma disponibilidade por parte do professor para conhecer cada criança na sua individualidade e tentar adaptar as suas aulas aos seus gostos.

Faz parte das capacidades e exigências de um professor que esteja em constante aperfeiçoamento e aprendizagem. Existem sempre coisas novas a acrescentar à sua formação bem como a melhorar na sua prestação profissional.

Naturalmente, o ensino – como a prática da medicina – é sobretudo uma arte, que exige talento e criatividade. Mas como a medicina é também – ou deverá ser – uma ciência, por isso, implica um repertório de técnicas, processos e competências que podem ser sistematicamente estudadas e descritas e, por isso, transmitidas, ensinadas e melhoradas. O grande professor, como o grande médico, é o que junta criatividade e inspiração ao repertório básico. (Charles Silberman. 1966: 124 citado em O Professor faz a diferença, p.XV)

É de sobeja importância que se dê a entender aos alunos que o professor não tem que saber tudo. Tem dúvidas e lacunas que irá colmatar para dar respostas adequadas às solicitações a que está sujeito.

Os maiores efeitos sobre a aprendizagem dos alunos ocorrem quando os professores se tornam aprendizes do seu próprio ensino e quando os alunos se tornam professores de si próprios. (Hattie, 2008:2 citado em O Professor faz a diferença, p. 161)

E que acima de tudo é apenas um companheiro mais velho e que adquiriu um pouco mais de conhecimento da vida do que eles mas que, não obstante, também aprende com os mais pequenos. Esta ideia era defendida por um autor que para mim traduz muito do papel de um professor: - Sebastião da Gama.

Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos. (Sebastião da Gama, Diário, 13ª edição, 2005, p. 23-24)

Após a leitura do seu livro senti-me mais completa e esclarecida em relação a diversas situações que podem ocorrer a qualquer docente enquanto leciona. Julgo que todos os professores deveriam ter em consideração as ideias defendidas por este autor,

porque na maior parte das vezes os professores têm tendência a esquecer-se da sua própria humanidade e restrições.

Não há professores infalíveis. Não há professores perfeitos. Há professores que são pessoas, imperfeitas, com falhas e aspetos menos bons como qualquer ser humano. O que não invalida que cada um de nós, que preparamos o futuro em cada um dos nossos alunos, não devamos ter em atenção como aspeto primordial da função que detemos na sociedade, que a disponibilidade e a recetividade para com eles é essencial. Bem como mostrar a disponibilidade para aprender com os alunos e ouvir as suas experiências e frustrações a nível pessoal. É fundamental que exista uma relação de confiança entre o professor e o aluno. Assim é possível chegar até eles de uma forma mais precisa e adequada às suas necessidades.

E pedi, mais que tudo, uma coisa que eu costumo pedir aos meus alunos: lealdade. Lealdade que não se limita a não enganar o professor ou o companheiro: lealdade activa, que nos leva, por exemplo, a contar abertamente os nossos pontos fracos ou a rir só quando temos vontade (e então rir mesmo, porque não é lealdade deixar de rir) ou a não ajudar falsamente o companheiro. (Sebastião da Gama, Diário, 13ª edição, 2005, p. 23)

Este tipo de relação foi bastante visível ao longo da minha Prática de Ensino Supervisionada. Foi desta experiência que resultou a postura e convicções para a minha conduta profissional.

Como já foi referido anteriormente, a turma onde fiquei inserida é composta por 25 crianças e algumas das quais revelam dificuldades ao nível da aprendizagem. É uma turma muito difícil de gerir porque têm dois programas a serem lecionados em simultâneo. No entanto, a professora tem uma enorme capacidade de adaptação e consegue dar resposta, dentro dos possíveis, a todos os alunos. A docente não tem muito tempo para realizar tantas atividades lúdicas como gostaria, mas ainda assim esforça-se por realizar o máximo que o tempo disponível permite, nomeadamente em matérias que sejam lecionadas de igual forma para todos os alunos.

No que concerne aos alunos com dificuldades ao nível da leitura tem aplicado, este ano letivo, o método silábico. Apesar de se defender que não é um método atual é, a meu ver, um método que trás vantagens para as crianças. Ao aprenderem as letras e em

simultâneo as famílias silábicas crescem as facilidades na aprendizagem da leitura uma vez que vão juntando as sílabas que já conhecem e sabem ler. Não obstante o facto destes alunos com dificuldades estarem com um nível equivalente ao primeiro ano, vão ser avaliados como estando inseridos num segundo ano. Pretende-se com isto dizer que os resultados que vão obter no final serão negativos como tal, será necessária a repetição do 2º ano.

A professora residente apesar de se mostrar muito preocupada com estes alunos, defende que não é de todo viável a sua transição. Tendo esta situação em mente, já teve várias conversas com os pais de forma a prepará-los para esta realidade dos filhos bem como a explicação das razões pelas quais é necessário tomar esta postura em relação à evolução das crianças. A forma de ser e agir desta professora foi uma fonte de inspiração para mim porque no fundo defende tudo aquilo que sempre idealizei para um professor. E que se foi acentuando após ter lido a obra *Diário de Sebastião da Gama*. Tal como o autor dizia, o importante é que as crianças sejam felizes e tenham interesse pelo que se passa dentro da sala, e não fora dela. “O que eu quero, principalmente, é que vivam felizes.” (Sebastião da Gama, *Diário*, 13ª edição, 2005)

Este é um ponto fundamental que defendo e que me foi dado a constatar na sala onde estive inserida. A professora fazia todos os possíveis para que as aulas fossem de encontro aos interesses dos alunos e que estes se sentissem bem e felizes com aquilo que estavam a fazer.

Que cada criança tem o seu ritmo é uma realidade. Pese embora o facto de que os programas devam ser cumpridos, o fundamental não é dar a matéria à pressa, apenas e só para cumprir horário e programa estipulado. É muito mais cativar os alunos fazendo-os sentir-se motivados de forma a ganharem gosto pelo saber e se empenhem na sua própria evolução. Conclui-se portanto que o mais importante é o bem-estar das crianças e o seu desempenho, e que isso tenha um papel ativo na sua aprendizagem e não se traduza na mera transição para um nível mais avançado do que aquilo que na realidade estão aptas e preparadas para enfrentar. De toda a temática que foi proposta para a elaboração deste Relatório Final podem então extrair-se as seguintes ilações:

O ingresso precoce no Ensino Básico não é de todo uma mais-valia para as crianças uma vez que o seu potencial cognitivo e de desenvolvimento intelectual não

atingiu a maturidade suficiente para obter resultados positivos de acordo com os padrões estabelecidos.

A entrada forçada num nível escolar que está acima das suas capacidades concretas pode acarretar graves consequências na vida futura e no desenvolvimento correto e adequado das crianças.

Uma proximidade entre educadores, pais (encarregados de educação) e alunos será o ideal para um trabalho de equipa produtivo e responsável, adequado e com resultados positivos e visíveis.

As DA - Dificuldades de Aprendizagem, podem ter várias origens. Podem ser do foro mental, podem surgir por desadequação dos programas à criança (ingresso extemporâneo no Ensino Básico), por problemas físicos (mudez, surdez, outros) ou simplesmente por falta de aplicação e empenho do aluno.

As dificuldades de aprendizagem específica significa que uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever soletrar ou fazer cálculos matemáticos (...) O seu turno não engloba as crianças com problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiências visuais, auditivas, motoras (...) (Federal Register, 1977, citado por Correia, 1991)

As DA podem ser colmatadas com um acompanhamento individual que tenha em conta os problemas existentes e os trabalhe de forma sistemática e intensiva dotando o aluno de ferramentas para os superar, ou no mínimo para os enfrentar com maior confiança.

(...) Abrange crianças e adolescentes com aprendizagens atípicas, isto é, que não conseguem acompanhar o currículo normal, sendo necessário proceder a adaptações curriculares, mais ou menos generalizadas, de acordo com o quadro em que se insere a problemática da criança ou do adolescente. (...) (Correia, 1993:48, citado em O Professor faz a diferença, p. 23)

Qualquer criança mesmo apresentando um quadro de DA, tem a seu favor o facto de ser um ser em desenvolvimento e como tal, apto a absorver tudo o que o rodeia

e assimilar tudo o que lhe é proposto. Pese embora o facto de que as suas respostas possam ser menos rápidas e eficazes do que as de um aluno dito normal. Apesar disso este aluno tem um grau de inteligência e capacidade de aprendizagem que tem e deve ser aproveitado e respeitado, bem como gerido corretamente pelo docente.

Foi uma experiência muito positiva este contato direto com alunos com DA.

Foram fonte de aprendizagem e motivação, de empenho e de certa forma um incentivo para fazer mais e melhor na vida profissional junto das crianças, num futuro que, espera-se, não seja longínquo. Igualmente o desempenho e atenção, carinho e preocupação constante da professora residente foram exemplos que pretendo ter bem presentes quando chegar o momento de lecionar e ser responsável por uma turma. E por fim as perguntas formuladas no início deste desafio que abracei obtiveram se não uma resposta concreta, pelo menos vários caminhos abertos à busca de conhecimentos mais profundos sobre esta temática.

Uma realidade constata-se no final deste trabalho:

A idade cognitiva correta para o ingresso no Ensino Básico é, sem dúvida, a dos 6/7 anos, altura em que a criança tem capacidades suficientes para descobrir um novo mundo de saberes até então desconhecidos.

Referências Bibliográficas

Bandura, A. (1977). *“Social learning theory”*. Englewood Cliffs, Nj: Prentice-Hall

Bee, H. (2008). *“A Criança em Desenvolvimento”*. 9ª Edição. Artmed Editora

Bogdman, R., C. & Biklen, S., K. (1994). *“Investigação Qualitativa em Educação”*. Porto, Porto Editora

Camilo E. A. (2006). *“Desejo e Fetiche na Publicidade”*. Tese de Bacharelato. Centro Universitário de Brasília – UniCEUBBrasilia

Correia, L. M. (1997). *“Alunos com NEE nas classes regulares”*. Porto, Porto Editora

Craidy, C & Kaercher, G. (2001). *“Educação Infantil, para que te quero?”*. Porto Alegre, Artmed

Daiute, C., Hartup, W. W., Sholl, W., Zajac, R. (1993). *“Peer collaboration and written language development: A study of friends and acquaintances.”*. Paper presented at the meeting of the Society for Research in Child Development, New Orleans, LA.

Dias, Maria Manuela C B, Chaves, José H S. - Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho – *“V CONGRESO GALEGO-PORTUGUÉS DE PSICOPEDAGOXÍA ACTAS”* (COMUNICACIÓNS E POSTERS) Nº 4 (Vol. 6) Ano 4º-2000 ISSN: 1138-1663

Erickson, E. H., Erickson, J. M., & Kivnick, H.Q. (1986). *“Vital involvement in old age: The experience of old age in our time.”*. New York, Norton

Gauvain, M. (1993). *“The development of spatial tinkering in everyday activity”*. Development Review

Guedes, C. (2010). Tese de Mestrado- *“Sinalização das dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência mental em crianças da pré-escola e do 1º ciclo, através de dois instrumentos de Victoria de la Cruz”*. Porto

Hammill, D. (1990). "On defining LD: An emerging consensus". Journal of Learning Disabilities, 23 (2), 97-113.

Lopes, J. & Silva, H.S. (2010). *“O Professor Faz a Diferença”*. Lisboa: Lindel Edições Técnicas

Cole, M & Schribner, V. (1974). *“Mind in society: the development of higher psychological processes”*. Cambridge: UK: Harvard University Press

Paasche, C.L, Gorrill, L & Strom, B. (2010). *“Crianças com Necessidades Especiais em Contextos de Educação de Infância”*. Lisboa: Porto Editora

Papalia, D. E., Olds, S. W., Feldman, R. D. (2001). *“O Mundo da Criança”*. Lisboa: Mc Graw Hill

Psathas, G. (1973). *“Conversation Analysis; The study of talk in interaction”*. Qualitative reaserch methods series 35. Boston: A Sage University paper

Spodek, B. (2002) – “*Manual de Investigação em educação de infância*”. Lisboa: Função Calouste Gulbenkian

2002 – “*Manual da Educação Infantil*”. Vol. 1, 2 e 3. Setúbal, Marina Editores

2001 - “*Cadernos de Educação Infância*”. nº 58/1, Abril, Maio, Junho, Edição APEI

Webgrafia

<http://www.ige.min-edu.pt/> - (online) em 9-04-13 pelas 15.30h

<https://www.box.com/s/e4e3d25520b845bbd4db> - (online) em 14-04-13 pelas 20.45h

[Http://gavetadefichas.blogspot.pt/search/label/m%C3%A9todo%2028%20palavras](http://gavetadefichas.blogspot.pt/search/label/m%C3%A9todo%2028%20palavras) - (online) em 14-04-13 pelas 21.15h

[Http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30528](http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30528) -- (online) em 14-04-13 pelas 21.15h

[Http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=BFA9FD9EA20333E7E0400A0AB8002B36&opsel=2&channelid=0](http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=BFA9FD9EA20333E7E0400A0AB8002B36&opsel=2&channelid=0) – (online) em 17-04-13 pelas 19.45h

[.Http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1635/2/DM_14123.pdf](http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1635/2/DM_14123.pdf) (online) em 17-04-13 pelas 23.20h

[Http://pt.wikipedia.org/wiki/Leitura_labial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Leitura_labial)- (online) em 19-04-13 pelas 11.15h

<http://www.drec.min-edu.pt/download.aspx?do=bQRL3Ry5CVs=> - (online) em 13-06-2013 pelas 17h

Anexos

Nota de Campo - 1

NOTA DE CAMPO	
Nº da Nota de Campo: Instituição	
Situação: Aula	2
Data: 05/12/2012	
Hora: 11h 55m	
Local: Sala de aula	
Intervenientes: Eduardo	
Sexo do Observado: Masculino	
Idade do Observado: 7 anos	
Outros indicadores de Contexto:	
Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none"> - Eduardo, depois de ter estado a fazer uma colagem no seu caderno, foi mostrar à professora o trabalho. - Depois de ter obtido um elogio por parte da professora, voltou para o seu lugar, orgulhoso de si, e ficou sentado a observar durante algum tempo o trabalho concretizado. - Em seguida pegou no lápis de carvão e começou a furar o tubo de cola que tinha em cima da secretária. - Passou algum tempo a fazer isso, sem qualquer medo de estragar o trabalho que tinha feito no caderno. - Acabou por estragar a colagem e disse - "Professora, o meu trabalho estragou-se!". - A professora que o tinha estado a 	<ul style="list-style-type: none"> - O Eduardo é uma criança que necessita de ver o seu trabalho ser reconhecido por parte dos adultos. - Porque terá tido esta atitude? Foi uma distração e não pensou nas consequências que poderia vir a ter?

<p>observar respondeu “Eduardo, o trabalho não se estraga sozinho. Eu vi o que tu fizeste. Agora vais voltar a fazer de novo.”</p> <ul style="list-style-type: none">- “Mas eu não tive culpa!”- Disse Eduardo.- A professora olhou para ele e nem sequer foi necessário dizer mais nada.- Eduardo virou-se para a frente e revoltado, com as lágrimas nos olhos voltou a fazer o trabalho.	<ul style="list-style-type: none">- O Eduardo não tem a capacidade de reconhecer os erros que comete.
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p>	

Nota de Campo - 2

NOTA DE CAMPO	
Nº da Nota de Campo: Instituição	
Situação: Aula	4
Data: 06/12/2012	
Hora: 11h 55m	
Local: Sala de aula	
Intervenientes: Eduardo e Castanheira	
Sexo do Observado: Masculino	
Idade do Observado: 7 anos	
Outros indicadores de Contexto:	
Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none"> - Castanheira acabou de fazer um trabalho e mostrou à professora. - Esta disse – “A letra está tão grande que não percebo nada do que está aqui escrito. Faz lá uma letra mais pequena e bem feitinha, que eu sei que tu consegues.”. - Castanheira baixa o livro, pega na borracha e começa a apagar. - Logo de seguida o Eduardo começa a rir, grita e diz – “Deixa lá ver Castanheira!”. - A professora chama-o à atenção e este senta-se novamente, mas sempre a falar baixinho e a gozar com o colega. 	<ul style="list-style-type: none"> - Castanheira não é muito esforçado naquilo que faz, mas espera sempre ouvir uma apreciação positiva. Quando tal não acontece fica entristecido e envergonhado. - O Eduardo não tem a capacidade de reconhecer os erros que comete mas está sempre pronto a gozar com os colegas, que acabam por estar na mesma situação que ele a nível de desenvolvimento de aprendizagem.

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

O Castanheira é uma criança com baixa auto-estima, e por isso, apesar de não se empenhar tanto quanto devia nas atividades, precisa de ver o seu trabalho reconhecido.

A auto-estima é um processo muito importante que ajuda no desenvolvimento de aprendizagens na criança, como tal, é importante que o professor reconheça também as coisas boas que a criança faz e não só as negativas.

Piaget, Vigotsky e Wallon tentaram mostrar que a capacidade de conhecer e aprender se constrói a partir de trocas estabelecidas entre o sujeito e o meio. As teorias sóciointeracionistas concebem, portanto, o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contacto com o seu próprio corpo, com as coisas do ambiente, bem como através da interacção com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo capacidade afectiva, a sensibilidade e a auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. (CRAIDY & KAERCHEER, 2001, p. 27)

www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37668/000821795.pdf?sequence=1

Nota de Campo – 3

NOTA DE CAMPO	
<p>Nº da Nota de Campo: Instituição</p> <p>Situação: Aula</p> <p>Data: 07/12/2012</p> <p>Hora: 13h 35m</p> <p>Local: Sala de aula</p> <p>Intervenientes: Eduardo e Diogo</p> <p>Sexo do Observado: Masculino</p> <p>Idade do Observado: 7 anos</p> <p>Outros indicadores de Contexto:</p>	
<div style="border: 1px solid black; padding: 2px 10px; display: inline-block;">5</div>	
Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none"> - Viemos todos em comboio, por ordem alfabética, até à sala. - Assim que entrámos na sala, cada um foi-se sentar no respetivo lugar e o Eduardo coloca-se de joelhos em cima da cadeira e diz – “O Diogo trouxe um urso para a escola por isso é um bebé.” - “Não sou não! Bebé és tu que não sabes falar e só bates.” – Respondeu Diogo. - Eduardo ia a levantar-se da cadeira para se dirigir ao colega, quando intervenho colocando a mão à sua frente. - “Onde vais Eduardo?” – Pergunto. - “Ele chamou-me bebé!” – Diz Eduardo. - “Mas eu ouvi que tu lhe chamaste primeiro” – respondo. - Eduardo baixou a cabeça e voltou a 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta situação é recorrente no Eduardo. Quando se sente pressionado com alguma coisa torna-se agressivo.

<p>sentar-se, enquanto os colegas falavam todos ao mesmo tempo, fazendo queixas.</p> <p>- “Todos nós já tivemos peluches. Eu tenho um em casa e gosto muito dele. É por isso que sou uma bebé?” – Pergunto ao Eduardo.</p> <p>- Eduardo responde negativamente com a cabeça.</p> <p>- “Então não digas essas coisas aos teus colegas. É muito feio gozar com os outros. Entendido?” – Digo eu.</p> <p>- Eduardo responde afirmativamente com a cabeça e iniciou o seu trabalho.</p>	<p>- Eduardo depois de fazer asneiras, mostra-se envergonhado e arrependido, no entanto volta a cometer os mesmos erros</p> <p>- Será normal nesta idade? Será imaturidade ou existirá outra razão para tal acontecer?</p>
---	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

O Eduardo é uma criança que tem uma certa dificuldade em expressar aquilo que pensa ou sente. Como muitas vezes não consegue dar resposta às mais diversas provocações dos colegas, parte para a agressividade.

Ao longo do processo de desenvolvimento da criança, há tendências agressivas inatas que emergem, embora estas possam ser diferentes, consoante a criança em questão. Nos primeiros anos de vida, por não dominar os recursos da linguagem e, consequentemente, não conseguir exprimir verbalmente as suas contrariedades, a criança expressa a sua agressividade através de gritos, choro ou até com agressões físicas. Nesta fase, a agressividade é essencialmente manipulativa, porque o seu objectivo é alcançar determinados fins, por exemplo, ganhar um brinquedo ou defender-se. Este comportamento é a forma que a criança encontra para controlar o ambiente, ou seja, é a forma mais eficaz para satisfazer as suas necessidades.

<http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=BFA9FD9EA20333E7E0400A0AB8002B36&opsel=2&channelid=0>

Apesar destas situações ocorrerem mais quando a criança ainda não tem adquirida a linguagem verbal e usa a força para se exprimir, o Eduardo apesar de ter 7 anos revela imaturidade, nomeadamente a este nível.

Nota de Campo – 4

NOTA DE CAMPO	
<p>Nº da Nota de Campo: Instituição</p> <p>Situação: Aula 10</p> <p>Data: 20/12/2012</p> <p>Hora: 13h 35m</p> <p>Local: Sala de aula</p> <p>Intervenientes: Tiago Sousa</p> <p>Sexo do Observado: Masculino</p> <p>Idade do Observado: 7 anos</p> <p>Outros indicadores de Contexto:</p>	
Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none"> - Logo pela manhã os alunos iniciaram uma ficha de preparação para as provas de aferição. - Apesar de haver alunos com nível equivalente ao 1º ano, também tiveram de a realizar. - A ficha foi interrompida pelo intervalo da manhã e da hora de almoço. - Quando regressámos à sala depois do almoço, o Tiago Sousa cheirava bastante mal. - Dirigi-me a ele e perguntei em segredo – “Tiago fez cocó nas cuecas?”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta situação é recorrente neste aluno, principalmente quando há testes.

<p>- Tiago olhou para mim envergonhado e respondeu – “Sim professora!”.</p> <p>- Olhei para ele e disse – “ Tiago não te preocupe, sim? Vamos ligar para a tua mãe e ela vem buscar-te. Está bem?”.</p> <p>- O Tiago respondeu afirmativamente com a cabeça.</p> <p>- Dirigimo-nos às auxiliares e pedi que ligassem à mãe do aluno para o vir buscar.</p> <p>- Em seguida fomos à sala arrumar as coisas do Tiago e ele saiu para ir esperar a mãe.</p>	<p>- Será nervosismo por saber que não irá alcançar resultados positivos, apesar do seu esforço?</p>
--	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

Como já foi referido, o Tiago é uma criança com dificuldades de aprendizagem, usufrui de terapia da fala e tem uma baixa auto-estima.

“As dificuldades de aprendizagem específica” significa que uma perturbação num ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização de linguagem falada ou escrita que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos. O termo inclui condições como problemas perceptivos, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia de desenvolvimento. O seu turno não engloba as crianças com problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiências visuais, auditivas, motoras, deficiência mental, de perturbação emocional ou de desvantagens ambientais, culturais ou económicas. (Federal Register, 1977, citado por Correia, 1991).

Este tipo de situações são recorrentes neste aluno, pois ele apesar do esforço, tem noção que não sabe o suficiente para conseguir obter resultados positivos nas avaliações,

independentemente da sua baixa Auto estima não ser a razão para as suas dificuldades.

Esta criança é muito nervosa e por isso acontecem este tipo de situações com frequência.

bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1635/2/DM_14123.pdf

Nota de Campo – 5

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: Instituição

11

Situação: Aula

Data: 16/01/2013

Hora: 09h 30m

Local: Sala de aula

Intervenientes: Deila

Sexo do Observado: Feminino

Idade do Observado: 7 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none"> - Entrámos na sala, cada aluno sentou-se no seu respetivo lugar e foram distribuídos os cadernos diários. - Sentei-me ao lado da Deila para lhe dar uma aula sobre a letra Z. - Dei-lhe uma imagem com a letra e uma Zebra desenhada. - Assim que viu a imagem do animal, a Deila identificou-o dizendo o nome. - Em seguida tivemos uma conversa sobre a letra, onde a aluna mostrou conhecimento de outras palavras onde a letra trabalhada se encontrava inserida. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esta aluna ingressou o segundo ano, sem saber ler e escrever mas mostra-se muito empenhada em aprender e tem mostrado resultados muito positivos.

<p>- Depois fizemos alguns exercícios escritos, mas mantivemos sempre diálogo entre as duas.</p>	<p>- Revela ser uma criança com bastantes capacidades e inteligente.</p>
<p>Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)</p> <p>Ao contrário dos colegas, a Deila é uma criança que não se sente satisfeita somente com aquilo que vai aprendendo, por isso revela iniciativa em saber mais e isso nota-se nos trabalhos realizados com ela. Sempre que se inicia uma nova etapa de aprendizagem, esta demonstra que consegue relacionar a matéria nova com as mais variadas coisas.</p> <p><i>Segundo RUDEL (2007, p.35), “um impulso não satisfeito em tempo leva ao surgimento de uma tensão – que caracteriza o desejo.” E sempre que “... o individuo pensa na coisa desejada, está criando ou aumentando tensão psíquica, e ficando assim como alvo de motivação que o levará a agir no sentido de satisfazer o desejo surgido.” O desejo é próprio dos seres inacabados, pois um ser não carecesse de nada não desejaria nada, seria um ser perfeito, um deus.</i></p> <p><i>(www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf)</i></p>	

Nota de Campo – 6

NOTA DE CAMPO

Nº da Nota de Campo: Instituição

12

Situação: Aula

Data: 22/02/2013

Hora: 09h 30m

Local: Sala de aula

Intervenientes: Afonso

Sexo do Observado: Masculino

Idade do Observado: 7 anos

Outros indicadores de Contexto:

Descrição	Inferência
<ul style="list-style-type: none"> - Entrámos na sala e fiquei incumbida de voltar a dar uma aula sobre um caso de leitura ao Afonso. - Foram distribuídos os cadernos e sentei-me ao lado do Afonso de forma a dar-lhe apoio individualizado. - O caso de leitura trabalhado foi o <u>nh</u> e o <u>ch</u>, que já tinha sido dado anteriormente. - Pedi ao Afonso que escrevesse o seu nome completo e a data, no início da folha em seguida escrevesse o abecedário. - O aluno demorou quase a manhã inteira 	

<p>para fazer esta tarefa, porque ia olhando para o ar, para o abecedário que está exposto na parede da sala e para o que já tinha escrito.</p> <p>- Escrevi exercícios no caderno e relembrei os casos de leitura.</p> <p>- O Afonso não se lembrava de nada.</p> <p>- Pedi que lesse comigo os exercícios que tinha copiado no caderno.</p> <p>- Esperou que eu lesse para repetir.</p> <p>- Em seguida quando foi a vez de ler sozinho, não conseguiu.</p> <p>- Esta aula durou o dia inteiro.</p>	<p>- Esta situação é recorrente neste aluno. Não se empenha nem mostra vontade em aprender.</p> <p>- O Afonso neste momento está referenciado como NEE, mas não se sabe apurar ao certo a causa. O que é evidente é que o aluno não retém qualquer tipo de informação.</p>
---	--

Comentário: (informações / justificações / fundamentação teórica)

O Afonso é uma criança que revela grandes dificuldades de aprendizagem, nomeadamente na retenção de informação, seja ela qual for. Independentemente disso, não demonstra qualquer tipo de interesse em aprender ou esforçar-se para ultrapassar as suas dificuldades.

A professora já dá este aluno quase como uma causa perdida.

No entanto, este tipo de caso é mais usual do que se pensa, visto que o número de casos de crianças com dificuldades de aprendizagem tem vindo a aumentar nos últimos 20 anos. Segundo Correia, 1997, estes alunos constituem cerca de metade da população estudantil com Necessidade Educativas Especiais.

Numa perspectiva orgânica, as dificuldades de aprendizagem são desordens neurológicas que interferem com a recepção, integração ou expressão de informação, caracterizando-se, em geral por uma discrepância acentuada entre o potencial

estimulado do aluno e a sua realização escolar. Numa perspectiva educacional, as dificuldades de aprendizagem reflectem uma incapacidade ou impedimento para a aprendizagem de leitura, escrita ou cálculo. Os alunos com dificuldades de aprendizagem podem apresentar problemas na resolução de algumas tarefas escolares e serem “brilhantes” na resolução de outra.

bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1635/2/DM_14123.pdf

PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO - Daniel



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

<p>PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO</p> <p>Despacho Normativo n.º 24-A/2012</p> <p>Ano letivo: 2012/ 2013</p>	<p>1.º CICLO</p>
<p>Aluno:Daniel Filipe da Cruz Alfredo</p> <p>Professor titular de turma: Anabela Almeida Lopes</p>	<p>Ano:2º</p> <p>Turma: B</p>

1. Assinalar, com um X, as áreas disciplinares que integram o Plano

	PORT/PL NM	MAT	EMEIO	Outra
/ /	X		X	
/ /				
/ /				

2. Problemas/dificuldades diagnosticadas

		Especifique as dificuldades diagnosticadas
aprendizagem oral	Compreensão oral	
	Expressão oral	X
	Leitura	X

Domínio social e cidadania	Compreensão leitora	X	O aluno mostra dificuldades na expressão oral. A sua dicção em algumas palavras não é correta. Copia pequenos textos com alguns erros de ortografia; lê com algumas incorreções; mostra muitas dificuldades na interpretação dos textos; mostra dificuldades em concentrar-se e na aquisição e aplicação de conhecimentos.
	Expressão escrita	X	
	Conhecimento explícito da língua	X	
	Números e operações		
	Geometria e medida		
	Organização e tratamento de dados		
	Resolução de Problemas		
	Localização no espaço e no tempo	X	
	Conhecimento do meio natural e social		
	Dinamismo das inter-relações natural/social		
	Expressão e comunicação plástica		
	Expressão e comunicação musical		
	Expressão e comunicação motora		
	Aquisição de conhecimentos	X	
	Aplicação de conhecimentos	X	
	Pesquisa, seleção e organização de informação		
	Hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo	X	
	Empenho		
	Concentração/atenção		
	Participação		
Cumprimento de tarefas			
Organização do material escolar			

Pontualidade	
Assiduidade	
Autonomia	X
Cooperação com os outros	
Relacionamento com colegas	
Relacionamento com adultos	
Cumprimento do regulamento interno	

3. Medidas de promoção do sucesso escolar

Estratégias de recuperação			Observações
Medidas de apoio ao estudo	Desenvolver hábitos de trabalho, de organização e de estudo	X	
	Consolidar as matérias lecionadas	X	
	Acompanhar a realização dos TPC	X	
	Melhorar os hábitos de leitura	X	
	Incrementar atividades de recuperação	X	
	Tutoria visando o ensino de estratégias de estudo, organização de trabalho, orientação e aconselhamento do aluno		
	Plano de trabalho (faltas injustificadas)		
Frequência do Apoio Educativo	Colmatar insuficiências detetadas	X	
	Otimizar o desempenho de alunos com elevada capacidade de aprendizagem		
Coadjuvação em sala de aula			

Acompanhamento extraordinário (só a partir de 2013/2014)		
Acompanhamento ao aluno (que progrediu ao 2º ou ao 3º ciclos, com nível inferior a 3 a Português ou Matemática no ano escolar anterior)		
Adoção, em condições excecionais, de percursos específicos		
<input type="checkbox"/> PCA <input type="checkbox"/> CEF <input type="checkbox"/> Outro percurso. Qual <hr/>		

Outras estratégias que se pretendem implementar:

4. Intervenientes

<ul style="list-style-type: none"> • Aluno <input type="checkbox"/> • Encarregado de educação <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Técnicos especializados. Quais <hr/> 	<ul style="list-style-type: none"> • Professore <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Professor(es) de apoio educativo 	<ul style="list-style-type: none"> • Diretor de turma
---	--	--

4.1. Técnicos especializados (SPO; Técnica do SAS; Terapeutas;)

(Definição de atividades em articulação com o encarregado de educação e com outros intervenientes)
--

Data ____ / ____ / ____ Ass. _____

5. O aluno deve responsabilizar-se por

- melhorar a assiduidade e a pontualidade
- trazer o material necessário (cadernos, livros, caderneta, ...)
- realizar as tarefas propostas na totalidade e com qualidade
- manter os cadernos limpos e organizados
- reforçar a atenção/concentração
- não prejudicar a aprendizagem dos outros
- participar nas aulas e atividades escolares
- estudar diariamente e de forma sistemática as matérias (escola/casa)
- ter um comportamento digno e respeitador mantendo bom relacionamento com colegas, professores e funcionários
- se empenhar na realização de todas as tarefas, a fim de ultrapassar as suas dificuldades
- apresentar dúvidas e solicitar esclarecimentos aos professores
- melhorar a autonomia e a responsabilidade

6. O encarregado de educação deve responsabilizar-se por

- controlar a assiduidade e a pontualidade do seu educando
- supervisionar os materiais escolares (cadernos, testes, fichas, caderneta, ...)
- dialogar com o seu educando sobre os seus progressos/dificuldades verificados na escola
- estabelecer um horário de estudo
- fazer cumprir as normas escolares/o regulamento interno
- cooperar com os professores
- estabelecer contactos com o diretor de turma
- valorizar os comportamentos positivos na aprendizagem do seu educando

7. Assinaturas

Elaborado em ____ / ____ / ____ Professor titular de turma

Declaro que tomei conhecimento do plano de acompanhamento pedagógico e me responsabilizo pelo cumprimento das medidas estipuladas.

Enc. _____ Queluz, _____ de
 educ. _____ de _____
 Aluno _____ Queluz, _____ de
 _____ de _____

8. Evolução do aluno (assinalar com NS, S, SB e E e no 4º ano utilizar a escala de 1 a 5)

	PORT/P LNM	MAT	EMEIO	Outra
/ ____ / ____				
/ ____ / ____				
/ ____ / ____				
/ ____ / ____				

9. Avaliação do plano

O professor titular de turma considera que:

- o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.
- o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.
- o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.
- o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.

Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)

_____/_____/_____ Professor titular de turma _____

Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.

Enc.	_____	Queluz, _____ de
educ.	_____	_____ de _____
Aluno	_____	Queluz, _____ de
	_____	_____ de _____

O professor titular de turma considera que:

- o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.
- o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.
- o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.
- o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.

Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)

_____/_____/_____ Professor titular de turma _____

Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.

Enc. _____ Quéluz, _____ de
educ. _____ de _____
Aluno _____ Quéluz, _____ de
_____ de _____

Avaliação nofinal do ano letivo

O conselho de turma considera que o aluno:

- ultrapassou a totalidade das insuficiências detetadas.
- ultrapassou parcialmente as insuficiências detetadas.
- não ultrapassou as insuficiências detetadas.

Avaliação global:

- com aproveitamento
- sem aproveitamento

_____/_____/_____ Professor titular de turma _____

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Daniel



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS

Decreto-lei n.º 139/2012 de 5 de julho, art.º 25.º, ponto 8

Aluno: Daniel Filipe da Cruz Alfredo

1.º
ciclo

► Situação escolar em 2012/2013

N.º 7, 2.º ano - turma BX Ensino regular NEE

Avaliação obtida no terceiro período

PORT/PLNM	MAT	E. MEIO	EXP. ARTÍSTICAS	EXP. FÍSICO- MOTORAS
NS	NS	S	S	S

Data: 26 /06 /2013 Professor titular de turma : Anabela Lopes

Identificação de conhecimentos não adquiridos e de capacidades não desenvolvidas pelo aluno

		Especifique
Expressão oral	X	O aluno mostra muitas dificuldades nas áreas assinaladas porque esteve integrado na turma do 2º ano de escolaridade, mas a realizar aprendizagens do 1º ano.
Compreensão oral		
Expressão escrita	X	

Compreensão escrita	X	Conseguiu adquirir alguns conhecimentos do 2º ano, mas não atingiu as aprendizagens correspondentes ao proposto para este ano de escolaridade.
Expressão e comunicação plástica		
Expressão e comunicação musical		
Expressão e comunicação motora		
Domínio de técnicas expressivas		
Compreensão de ideias e conceitos		
Aquisição de conhecimentos	X	
Aplicação de conhecimentos	X	
Resolução de problemas	X	
Pesquisa, seleção e organização de informação	X	
Utilização das TIC para recolha de informação		
Domínio do vocabulário específico da disciplina	X	
Interpretação e utilização de mapas, gráficos, tabelas e imagens, entre outros		
Utilização da referência temporal		
Apropriação de relações de espacialidade		
Cumprimento das diferentes fases do processo de trabalho		
Aquisição de hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo	X	
Concretização das tarefas propostas		

		Especifique
Empenho		O aluno ainda mostra alguma imaturidade, só realiza trabalho quando está acompanhado por um adulto, não conseguindo realizar um trabalho autónomo.
Concentração/atenção		
Criatividade		
Responsabilidade		

Autonomia	X	
Rigor		
Trabalho individual, a pares e em grupo	X	
Intervenção/participação oportuna e ordenada		
Respeito pelo professor e pelos colegas tendo em conta: tolerância, cooperação, cidadania e solidariedade, sabendo ouvir		

Observações gerais sobre o aluno

O Daniel conseguiu superar algumas dificuldades na área curricular do Português, mas mantém um nível de primeiro ano de escolaridade. Em relação ao ano em que se encontrava matriculado fez algumas aquisições, mas não as necessárias para a sua transição ao ano escolar seguinte. O aluno mostra muitas dificuldades ao nível da linguagem, apresentando um vocabulário reduzido e uma construção frásica com alterações morfo - sintáticas (confirmado pelo relatório enviado pela terapeuta da fala que segue o Daniel). É um aluno pouco autónomo, mostra muitas dificuldades na expressão escrita, dando muitos erros ortográficos e mostrando também, muitas dificuldades em desenvolver e organizar as ideias que pretende transmitir. Ao nível da área da matemática só mostra dificuldades na leitura dos enunciados porque mostra um bom raciocínio lógico- matemático.

O professor titular de turma

PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO - Deila



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO Despacho Normativo n.º 24-A/2012 Ano letivo: 2012/ 2013		1.º CICLO
Aluno: Deila Juceila de Oliveira Cardoso Professor titular de turma: Anabela Almeida Lopes		Ano:2º Turma: B

1. Assinalar, com um X, as áreas disciplinares que integram o Plano

	PORT/PL NM	MAT	EMEIO	Outra
/ /	X	X	X	
/ /				
/ /				

2. Problemas/dificuldades diagnosticadas

		Especifique as dificuldades diagnosticadas
apreciação dos sintomas	Compreensão oral	
	Expressão oral	
	Leitura	X

	Compreensão leitora	X	<p>As suas dificuldades são muitas e variadas uma vez que a aluna integrou a turma sem bases do primeiro ano de escolaridade. Neste momento está a trabalhar conteúdos do ano transato e está a mostrar resultados positivos.</p> <p>Em relação ao ano em que está integrada (2ºano), a aluna ainda não fez qualquer aquisição e aplicação de conhecimentos.</p>
	Expressão escrita	X	
	Conhecimento explícito da língua	X	
	Números e operações	X	
	Geometria e medida	X	
	Organização e tratamento de dados	X	
	Resolução de Problemas	X	
	Localização no espaço e no tempo	X	
	Conhecimento do meio natural e social		
	Dinamismo das inter-relações natural/social		
	Expressão e comunicação plástica		
	Expressão e comunicação musical		
	Expressão e comunicação motora		
	Aquisição de conhecimentos	X	
	Aplicação de conhecimentos	X	
	Pesquisa, seleção e organização de informação	X	
	Hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo	X	
Domínio social e cidadania	Empenho		
	Concentração/atenção		
	Participação		
	Cumprimento de tarefas		
	Organização do material escolar		

Pontualidade	
Assiduidade	
Autonomia	X
Cooperação com os outros	
Relacionamento com colegas	
Relacionamento com adultos	
Cumprimento do regulamento interno	

3. Medidas de promoção do sucesso escolar

Estratégias de recuperação			Observações
Medidas de apoio ao estudo	Desenvolver hábitos de trabalho, de organização e de estudo	X	
	Consolidar as matérias lecionadas	X	
	Acompanhar a realização dos TPC	X	
	Melhorar os hábitos de leitura	X	
	Incrementar atividades de recuperação	X	
	Tutoria visando o ensino de estratégias de estudo, organização de trabalho, orientação e aconselhamento do aluno		
	Plano de trabalho (faltas injustificadas)		
Frequência do Apoio Educativo	Colmatar insuficiências detetadas	X	
	Otimizar o desempenho de alunos com elevada capacidade de aprendizagem		
Coadjuvação em sala de aula			

Acompanhamento extraordinário (só a partir de 2013/2014)		
Acompanhamento ao aluno (que progrediu ao 2º ou ao 3º ciclos, com nível inferior a 3 a Português ou Matemática no ano escolar anterior)		
Adoção, em condições excecionais, de percursos específicos <input type="checkbox"/> PCA <input type="checkbox"/> CEF <input type="checkbox"/> Outro percurso. Qual <hr/>		

Outras estratégias que se pretendem implementar:

4. Intervenientes

<ul style="list-style-type: none"> • Aluno <input type="checkbox"/> • Encarregado de educação <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Técnicos especializados. Quais <hr/>	<ul style="list-style-type: none"> • Professore <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Professor(es) de apoio educativo 	<ul style="list-style-type: none"> • Diretor de turma
---	--	--

4.1. Técnicos especializados (SPO; Técnica do SAS; Terapeutas;)

(Definição de atividades em articulação com o encarregado de educação e com outros intervenientes)
--

Data _____/_____/_____ Ass. _____

5. O aluno deve responsabilizar-se por

- melhorar a assiduidade e a pontualidade
- trazer o material necessário (cadernos, livros, caderneta, ...)
- realizar as tarefas propostas na totalidade e com qualidade
- manter os cadernos limpos e organizados
- reforçar a atenção/concentração
- não prejudicar a aprendizagem dos outros
- participar nas aulas e atividades escolares
- estudar diariamente e de forma sistemática as matérias (escola/casa)
- ter um comportamento digno e respeitador mantendo bom relacionamento com colegas, professores e funcionários
- se empenhar na realização de todas as tarefas, a fim de ultrapassar as suas dificuldades
- apresentar dúvidas e solicitar esclarecimentos aos professores
- melhorar a autonomia e a responsabilidade

6. O encarregado de educação deve responsabilizar-se por

- controlar a assiduidade e a pontualidade do seu educando
- supervisionar os materiais escolares (cadernos, testes, fichas, caderneta, ...)
- dialogar com o seu educando sobre os seus progressos/dificuldades verificados na escola
- estabelecer um horário de estudo
- fazer cumprir as normas escolares/o regulamento interno
- cooperar com os professores
- estabelecer contactos com o diretor de turma
- valorizar os comportamentos positivos na aprendizagem do seu educando

7. Assinaturas

Elaborado em ____ / ____ / ____ Professor titular de turma

Declaro que tomei conhecimento do plano de acompanhamento pedagógico e me responsabilizo pelo cumprimento das medidas estipuladas.

Enc. _____ Queluz, _____ de

educ.	_____	_____ de _____
Aluno	_____	Queluz, _____ de _____
	_____	_____ de _____

8. Evolução do aluno (assinalar com NS, S, SB e E e no 4º ano utilizar a escala de 1 a 5)

	PORT/P LNM	MAT	EMEIO	Outra
/ _____ /				
/ _____ /				
/ _____ /				
/ _____ /				

9. Avaliação do plano

O professor titular de turma considera que:

- o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.
- o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.
- o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.
- o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.

Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)

--	--

____ / ____ / ____ Professor titular de turma _____	
Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.	
Enc. _____	Queluz, _____ de _____
educ. _____	_____ de _____
Aluno _____	Queluz, _____ de _____
_____	_____ de _____

<p>O professor titular de turma considera que:</p> <p><input type="checkbox"/> o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.</p> <p><input type="checkbox"/> o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.</p> <p><input type="checkbox"/> o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.</p> <p><input type="checkbox"/> o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.</p>

<p>Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)</p>
--

____ / ____ / ____ Professor titular de turma _____	
Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.	
Enc. _____ educ. _____	Queluz, ____ de _____ de _____
Aluno _____ _____	Queluz, ____ de _____ de _____

Avaliação nofinal do ano letivo

O conselho de turma considera que o aluno: <input type="checkbox"/> ultrapassou a totalidade das insuficiências detetadas. <input type="checkbox"/> ultrapassou parcialmente as insuficiências detetadas. <input type="checkbox"/> não ultrapassou as insuficiências detetadas.	Avaliação global: <input type="checkbox"/> com aproveitamento <input type="checkbox"/> sem aproveitamento
____ / ____ / ____ Professor titular de turma _____	

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Deila



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS

Decreto-lei n.º 139/2012 de 5 de julho, art.º 25.º, ponto 8

Aluno: Deila Juceila de Oliveira Cardoso

1.º
ciclo

► Situação escolar em 2012/2013

N.º 8, 2.º ano – turma: Ensino regular NEE

Avaliação obtida no terceiro período

PORT/PLNM	MAT	E. MEIO	EXP. ARTÍSTICAS	EXP. FÍSICO- MOTORAS
NS	NS	S	S	S

Data: **26 /06 /2013** Professor titular de turma : Anabela Lopes

Identificação de conhecimentos não adquiridos e de capacidades não desenvolvidas pelo aluno

		Especifique
Expressão oral	X	A aluna mostra muitas dificuldades nas áreas assinaladas porque esteve integrada na turma do 2º ano de escolaridade, mas a
Compreensão oral		

Expressão escrita	X	realizar aprendizagens do 1º ano. Conseguiu adquirir alguns conhecimentos do 2º ano, mas não atingiu as aprendizagens correspondentes ao proposto para este ano de escolaridade.
Compreensão escrita	X	
Expressão e comunicação plástica		
Expressão e comunicação musical		
Expressão e comunicação motora		
Domínio de técnicas expressivas		
Compreensão de ideias e conceitos		
Aquisição de conhecimentos	X	
Aplicação de conhecimentos	X	
Resolução de problemas	X	
Pesquisa, seleção e organização de informação	X	
Utilização das TIC para recolha de informação		
Domínio do vocabulário específico da disciplina	X	
Interpretação e utilização de mapas, gráficos, tabelas e imagens, entre outros		
Utilização da referência temporal		
Apropriação de relações de espacialidade		
Cumprimento das diferentes fases do processo de trabalho	X	
Aquisição de hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo		
Concretização das tarefas propostas	X	

		Especifique
Empenho		A aluna ainda mostra muita imaturidade, só realiza trabalho quando está acompanhada por um adulto, não conseguindo se concentrar e realizar um trabalho autónomo.
Concentração/atenção	X	
Criatividade		

Responsabilidade	X	
Autonomia	X	
Rigor		
Trabalho individual, a pares e em grupo	X	
Intervenção/participação oportuna e ordenada		
Respeito pelo professor e pelos colegas tendo em conta: tolerância, cooperação, cidadania e solidariedade, sabendo ouvir		

Observações gerais sobre o aluno

A Deila conseguiu superar algumas dificuldades na área curricular do Português, mas mantém um nível de primeiro ano de escolaridade. Em relação ao ano em que se encontrava matriculada fez algumas aquisições, mas não as necessárias para a sua transição ao ano escolar seguinte. Durante este ano escolar teve apoio Educativo e beneficiou de aulas do Português Língua Não Materna. O seu vocabulário é pouco diversificado e como consequência a sua escrita é pouco criativa e não tem uma estrutura frásica correta. Mostra muitas dificuldades na interpretação dos enunciados escritos necessitando que esteja alguém a fazer a leitura com ela. O seu raciocínio matemático é satisfatório, mas ao nível do primeiro ano de escolaridade.

O professor titular de turma

PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO -

Eduardo



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO Despacho Normativo n.º 24-A/2012 Ano letivo: 2012/ 2013		1.º CICLO
Aluno: Eduardo Onions Barreira Professor titular de turma: Anabela Almeida Lopes		Ano: 2º Turma: B

1. Assinalar, com um X, as áreas disciplinares que integram o Plano

	PORT/PL NM	MAT	EMEIO	Outra
/ /	X	X	X	
/ /				
/ /				

2. Problemas/dificuldades diagnosticadas

		Especifique as dificuldades diagnosticadas
m e	Compreensão oral	
	Expressão oral	

	Leitura	X	
	Compreensão leitora	X	Copia pequenos textos com alguns erros de ortografia; lê palavras simples; não consegue assimilar os casos da língua e por isso não lê palavras com os mesmos; não consegue ler palavras com mais de duas sílabas e não cria frases simples. Na área curricular de matemática só realiza trabalhos quando acompanhado individualmente por um adulto. Na resolução de situações problemáticas simples só as realiza se quem o acompanhar fizer a leitura pausada do enunciado e o acompanhar no raciocínio do mesmo. A sua concentração, empenho e participação nas atividades letivas é muito reduzida.
	Expressão escrita	X	
	Conhecimento explícito da língua	X	
	Números e operações	X	
	Geometria e medida	X	
	Organização e tratamento de dados	X	
	Resolução de Problemas	X	
	Localização no espaço e no tempo	X	
	Conhecimento do meio natural e social		
	Dinamismo das inter-relações natural/social		
	Expressão e comunicação plástica		
	Expressão e comunicação musical		
	Expressão e comunicação motora		
	Aquisição de conhecimentos	X	
	Aplicação de conhecimentos	X	
	Pesquisa, seleção e organização de informação	X	
	Hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo	X	
Domínio social e cidadania	Empenho	X	
	Concentração/atenção	X	
	Participação		
	Cumprimento de tarefas	X	
	Organização do material		

escolar	
Pontualidade	
Assiduidade	
Autonomia	X
Cooperação com os outros	
Relacionamento com colegas	
Relacionamento com adultos	
Cumprimento do regulamento interno	

3. Medidas de promoção do sucesso escolar

Estratégias de recuperação			Observações
Medidas de apoio ao estudo	Desenvolver hábitos de trabalho, de organização e de estudo	X	
	Consolidar as matérias lecionadas	X	
	Acompanhar a realização dos TPC	X	
	Melhorar os hábitos de leitura	X	
	Incrementar atividades de recuperação	X	
	Tutoria visando o ensino de estratégias de estudo, organização de trabalho, orientação e aconselhamento do aluno		
	Plano de trabalho (faltas injustificadas)		
Frequência do Apoio Educativo	Colmatar insuficiências detetadas	X	
	Otimizar o desempenho de alunos com elevada capacidade de aprendizagem		

Coadjuvação em sala de aula		
Acompanhamento extraordinário (só a partir de 2013/2014)		
Acompanhamento ao aluno (que progrediu ao 2º ou ao 3º ciclos, com nível inferior a 3 a Português ou Matemática no ano escolar anterior)		
Adoção, em condições excepcionais, de percursos específicos		
<input type="checkbox"/> PCA <input type="checkbox"/> CEF <input type="checkbox"/> Outro percurso. Qual <hr/>		

Outras estratégias que se pretendem implementar:

4. Intervenientes

<ul style="list-style-type: none"> • Alun <input type="checkbox"/> • Encarregado de educação <input type="checkbox"/> Técnicos especializados. Quais 	<ul style="list-style-type: none"> • Professore <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Professor(es) de apoio educativo 	<ul style="list-style-type: none"> • Diretor de turma
<hr/>		

4.1. Técnicos especializados (SPO; Técnica do SAS; Terapeutas;)

(Definição de atividades em articulação com o encarregado de educação e com outros interveniente)

Data ____ / ____ / ____ Ass. _____

5. O aluno deve responsabilizar-se por

- melhorar a assiduidade e a pontualidade
- trazer o material necessário (cadernos, livros, caderneta, ...)
- realizar as tarefas propostas na totalidade e com qualidade
- manter os cadernos limpos e organizados
- reforçar a atenção/concentração
- não prejudicar a aprendizagem dos outros
- participar nas aulas e atividades escolares
- estudar diariamente e de forma sistemática as matérias (escola/casa)
- ter um comportamento digno e respeitador mantendo bom relacionamento com colegas, professores e funcionários
- se empenhar na realização de todas as tarefas, a fim de ultrapassar as suas dificuldades
- apresentar dúvidas e solicitar esclarecimentos aos professores
- melhorar a autonomia e a responsabilidade
- _____
- _____
- _____

6. O encarregado de educação deve responsabilizar-se por

- controlar a assiduidade e a pontualidade do seu educando
- supervisionar os materiais escolares (cadernos, testes, fichas, caderneta, ...)
- dialogar com o seu educando sobre os seus progressos/dificuldades verificados na escola
- estabelecer um horário de estudo
- fazer cumprir as normas escolares/o regulamento interno
- cooperar com os professores
- estabelecer contactos com o diretor de turma
- valorizar os comportamentos positivos na aprendizagem do seu educando

7. Assinaturas

Elaborado em ____ / ____ / ____ Professor titular de turma

Declaro que tomei conhecimento do plano de acompanhamento pedagógico e me responsabilizo pelo cumprimento das medidas estipuladas.

Enc. _____

Queluz, _____ de

educ. _____

_____ de _____

Aluno _____	Queluz, _____ de _____
_____	_____ de _____

8. Evolução do aluno (assinalar com NS, S, SB e E e no 4º ano utilizar a escala de 1 a 5)

	PORT/P LNM	MAT	EMEIO	Outra
/ /				
/ /				
/ /				
/ /				

9. Avaliação do plano

O professor titular de turma considera que:

- o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.
- o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.
- o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.
- o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.

Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)

/ /	Professor titular de turma _____
-----	----------------------------------

Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.

Enc. _____ Quéluz, _____ de
 educ. _____ de _____
 Aluno _____ de _____
 _____ de _____

O professor titular de turma considera que:

- o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.
 o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.
 o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.
 o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.

Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)

_____/_____/_____ Professor titular de turma _____

Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.

Enc. _____ Quéluz, _____ de
 educ. _____ de _____
 Aluno _____ de _____
 _____ de _____

Avaliação no final do ano letivo

O conselho de turma considera que o aluno:

ultrapassou a totalidade das insuficiências detetadas.
 ultrapassou parcialmente as insuficiências detetadas.
 não ultrapassou as insuficiências detetadas.

Avaliação global:

- com aproveitamento
 sem aproveitamento

_____/_____/_____ Professor titular de turma _____

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Eduardo



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS

Decreto-lei n.º 139/2012 de 5 de julho, art.º 25.º, ponto 8

Aluno : Eduardo Onions Barreira

1.º
ciclo

► Situação escolar em 2012/2013

N.º10 , 2.º ano - turma B

X Ensino regular NEE

Avaliação obtida no terceiro período

PORT/PLNM	MAT	E. MEIO	EXP. ARTÍSTICAS	EXP. FÍSICO- MOTORAS
NS	S	S	S	S

Data: 26 /06 /2013 Professor titular de turma : Anabela Lopes

Identificação de conhecimentos não adquiridos e de capacidades não desenvolvidas pelo aluno

		Especifique
Expressão oral		O aluno mostra muitas dificuldades nas áreas assinaladas porque esteve integrado na turma do 2º ano de escolaridade, mas a realizar aprendizagens do 1º ano.
Compreensão oral		
Expressão escrita	X	

Compreensão escrita	X	Conseguiu adquirir alguns conhecimentos do 2º ano, mas não atingiu as aprendizagens correspondentes ao proposto para este ano de escolaridade.
Expressão e comunicação plástica		
Expressão e comunicação musical		
Expressão e comunicação motora		
Domínio de técnicas expressivas		
Compreensão de ideias e conceitos		
Aquisição de conhecimentos	X	
Aplicação de conhecimentos	X	
Resolução de problemas	X	
Pesquisa, seleção e organização de informação	X	
Utilização das TIC para recolha de informação		
Domínio do vocabulário específico da disciplina	X	
Interpretação e utilização de mapas, gráficos, tabelas e imagens, entre outros		
Utilização da referência temporal		
Apropriação de relações de espacialidade		
Cumprimento das diferentes fases do processo de trabalho		
Aquisição de hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo	X	
Concretização das tarefas propostas		

		Especifique
Empenho		O aluno ainda mostra muita imaturidade, só realiza trabalho quando está acompanhado por um adulto, não conseguindo se concentrar e realizar um trabalho autónomo.
Concentração/atenção	X	
Criatividade		
Responsabilidade	X	

Autonomia	X	
Rigor		
Trabalho individual, a pares e em grupo	X	
Intervenção/participação oportuna e ordenada		
Respeito pelo professor e pelos colegas tendo em conta: tolerância, cooperação, cidadania e solidariedade, sabendo ouvir		

Observações gerais sobre o aluno

O Eduardo conseguiu superar algumas dificuldades na área curricular do Português, mas mantém um nível de primeiro ano de escolaridade. Em relação ao ano em que se encontrava matriculado fez algumas aquisições, mas não as necessárias para a sua transição ao ano escolar seguinte. O aluno mostra muitas dificuldades visuais e os seus progressos na aprendizagem têm sido muito lentos. Devido a este seu problema só no final deste ano letivo é que começou a ler frases simples e a escrever algumas palavras. É um aluno pouco concentrado e autónomo na execução das atividades escolares. Mostra uma boa capacidade de memorização e tem um raciocínio lógico ou matemático muito bom, no entanto como mostra grandes dificuldades na leitura dos enunciados, não consegue responder corretamente ao que lhe é pedido.

O professor titular de turma

PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO - Gonçalo



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

<p>PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO</p> <p>Despacho Normativo n.º 24-A/2012</p> <p>Ano letivo: 2012/ 2013</p>	<p>1.º CICLO</p>
<p>Aluno: Gonçalo Ramos Castanheira</p> <p>Professor titular de turma: Anabela Almeida Lopes</p>	<p>Ano: 2º</p> <p>Turma: B</p>

1. Assinalar, com um X, as áreas disciplinares que integram o Plano

	PORT/PL NM	MAT	EMEIO	Outra
/ /	X	X	X	
/ /				
/ /				

2. Problemas/dificuldades diagnosticadas

		Especifique as dificuldades diagnosticadas
Aprendizagem dos	Compreensão oral	
	Expressão oral	X
	Leitura	X
	Compreensão leitora	X
		<p>O aluno mostra dificuldades na expressão oral.</p> <p>A sua dicção em algumas palavras não é correta.</p>

Domínio social e de cidadania	Expressão escrita	X	Copia pequenos textos com alguns erros de ortografia; lê com algumas incorreções; mostra muitas dificuldades na interpretação dos textos; mostra dificuldades em concentrar-se e na aquisição e aplicação de conhecimentos. Não conhece alguns números, apesar de fazer a contagem sem erros; só realiza operações simples de adição e subtração de números naturais; a resolução de situações problemáticas simples só as realiza se quem o acompanhar fizer a leitura pausada do enunciado e o acompanhar no raciocínio do mesmo. Na expressão plástica realiza trabalhos muito simples, com pouco rigor técnico e só os executa por ser uma tarefa integrada nas atividades letivas.
	Conhecimento explícito da língua	X	
	Números e operações	X	
	Geometria e medida	X	
	Organização e tratamento de dados	X	
	Resolução de Problemas	X	
	Localização no espaço e no tempo	X	
	Conhecimento do meio natural e social		
	Dinamismo das inter-relações natural/social		
	Expressão e comunicação plástica	X	
	Expressão e comunicação musical		
	Expressão e comunicação motora		
	Aquisição de conhecimentos	X	
	Aplicação de conhecimentos	X	
	Pesquisa, seleção e organização de informação	X	
Hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo	X		
Empenho			
Concentração/atenção			
Participação			
Cumprimento de tarefas			
Organização do material escolar			
Pontualidade			

Assiduidade	
Autonomia	X
Cooperação com os outros	
Relacionamento com colegas	
Relacionamento com adultos	
Cumprimento do regulamento interno	

3. Medidas de promoção do sucesso escolar

Estratégias de recuperação			Observações
Medidas de apoio ao estudo	Desenvolver hábitos de trabalho, de organização e de estudo	X	
	Consolidar as matérias lecionadas	X	
	Acompanhar a realização dos TPC	X	
	Melhorar os hábitos de leitura	X	
	Incrementar atividades de recuperação	X	
	Tutoria visando o ensino de estratégias de estudo, organização de trabalho, orientação e aconselhamento do aluno		
	Plano de trabalho (faltas injustificadas)		
Frequência do Apoio Educativo	Colmatar insuficiências detetadas	X	
	Otimizar o desempenho de alunos com elevada capacidade de aprendizagem		
Coadjuvação em sala de aula			
Acompanhamento extraordinário (só a partir de 2013/2014)			

Acompanhamento ao aluno (que progrediu ao 2º ou ao 3º ciclos, com nível inferior a 3 a Português ou Matemática no ano escolar anterior)	
Adoção, em condições excepcionais, de percursos específicos <input type="checkbox"/> PCA <input type="checkbox"/> CEF <input type="checkbox"/> Outro percurso. Qual _____	

Outras estratégias que se pretendem implementar:

4. Intervenientes

• Alun <input type="checkbox"/>	• Professore <input type="checkbox"/>	• Diretor de turma
<input type="checkbox"/>	▪ Professor(es) de apoio educativo	
• Encarregado de educação		
<input type="checkbox"/> Técnicos especializados. Quais		

4.1. Técnicos especializados (SPO; Técnica do SAS; Terapeutas;)

(Definição de atividades em articulação com o encarregado de educação e com outros intervenientes)
Data ____ / ____ / ____ Ass. _____

5. O aluno deve responsabilizar-se por

- melhorar a assiduidade e a pontualidade
- trazer o material necessário (cadernos, livros, caderneta, ...)
- realizar as tarefas propostas na totalidade e com qualidade
- manter os cadernos limpos e organizados
- reforçar a atenção/concentração
- não prejudicar a aprendizagem dos outros
- participar nas aulas e atividades escolares
- estudar diariamente e de forma sistemática as matérias (escola/casa)
- ter um comportamento digno e respeitador mantendo bom relacionamento com colegas, professores e funcionários
- se empenhar na realização de todas as tarefas, a fim de ultrapassar as suas dificuldades
- apresentar dúvidas e solicitar esclarecimentos aos professores
- melhorar a autonomia e a responsabilidade

6. O encarregado de educação deve responsabilizar-se por

- controlar a assiduidade e a pontualidade do seu educando
- supervisionar os materiais escolares (cadernos, testes, fichas, caderneta, ...)
- dialogar com o seu educando sobre os seus progressos/dificuldades verificados na escola
- estabelecer um horário de estudo
- fazer cumprir as normas escolares/o regulamento interno
- cooperar com os professores
- estabelecer contactos com o diretor de turma
- valorizar os comportamentos positivos na aprendizagem do seu educando

7. Assinaturas

Elaborado em ____ / ____ / ____ Professor titular de turma

Declaro que tomei conhecimento do plano de acompanhamento pedagógico e me responsabilizo pelo cumprimento das medidas estipuladas.

Enc. _____

Queluz, _____ de

educ. _____

_____ de _____

Aluno _____	Queluz, _____ de _____
_____	_____ de _____

8. Evolução do aluno (assinalar com NS, S, SB e E e no 4º ano utilizar a escala de 1 a 5)

	PORT/P LNM	MAT	EMEIO	Outra
/ /				
/ /				
/ /				
/ /				

9. Avaliação do plano

O professor titular de turma considera que:

- o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.
- o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.
- o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.
- o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.

Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)

_____/_____/_____	Professor titular de turma _____
-------------------	----------------------------------

Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.

Enc. _____	Queluz, _____ de _____
educ. _____	_____ de _____

Aluno _____	Queluz, _____ de _____
_____	_____ de _____

O professor titular de turma considera que:

o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.

o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.

o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.

o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.

Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)

_____/_____/_____	Professor titular de turma _____
-------------------	----------------------------------

Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.

Enc. educ. _____	Queluz, _____ de _____
_____	_____ de _____
Aluno _____	Queluz, _____ de _____
_____	_____ de _____

Avaliação no final do ano letivo

<p>O conselho de turma considera que o aluno:</p> <p><input type="checkbox"/> ultrapassou a totalidade das insuficiências detetadas.</p> <p><input type="checkbox"/> ultrapassou parcialmente as insuficiências detetadas.</p> <p><input type="checkbox"/> não ultrapassou as insuficiências detetadas.</p>	<p>Avaliação global:</p> <p><input type="checkbox"/> com aproveitamento</p> <p><input type="checkbox"/> sem aproveitamento</p>
_____/_____/_____	Professor titular de turma _____

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Gonçalo



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS

Decreto-lei n.º 139/2012 de 5 de julho, art.º 25.º, ponto 8

Aluno : Gonçalo Ramos Castanheira

1.º
ciclo

► Situação escolar em 2012/2013

N.º 16 , 2.º ano - turma B

X Ensino regular NEE

Avaliação obtida no terceiro período

PORT/PLNM	MAT	E. MEIO	EXP. ARTÍSTICAS	EXP. FÍSICO- MOTORAS
NS	NS	S	S	S

Data: 26 /06 /2013 Professor titular de turma : Anabela Lopes

Identificação de conhecimentos não adquiridos e de capacidades não desenvolvidas pelo aluno

		Especifique
Expressão oral	X	O aluno mostra muitas dificuldades nas áreas assinaladas porque esteve integrado na turma do 2º ano de escolaridade, mas a realizar aprendizagens do 1º ano.
Compreensão oral	X	
Expressão escrita	X	

Compreensão escrita	X	Conseguiu adquirir alguns conhecimentos do 2º ano, mas não atingiu as aprendizagens correspondentes ao proposto para este ano de escolaridade.
Expressão e comunicação plástica	X	
Expressão e comunicação musical		
Expressão e comunicação motora		
Domínio de técnicas expressivas		
Compreensão de ideias e conceitos	X	
Aquisição de conhecimentos	X	
Aplicação de conhecimentos	X	
Resolução de problemas	X	
Pesquisa, seleção e organização de informação	X	
Utilização das TIC para recolha de informação		
Domínio do vocabulário específico da disciplina	X	
Interpretação e utilização de mapas, gráficos, tabelas e imagens, entre outros	X	
Utilização da referência temporal		
Apropriação de relações de espacialidade		
Cumprimento das diferentes fases do processo de trabalho		
Aquisição de hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo	X	
Concretização das tarefas propostas	X	

		Especifique
Empenho		O aluno ainda mostra alguma imaturidade, só realiza trabalho quando está acompanhado por um adulto, não conseguindo realizar um trabalho autónomo.
Concentração/atenção		
Criatividade	X	
Responsabilidade		

Autonomia	X	
Rigor	X	
Trabalho individual, a pares e em grupo	X	
Intervenção/participação oportuna e ordenada		
Respeito pelo professor e pelos colegas tendo em conta: tolerância, cooperação, cidadania e solidariedade, sabendo ouvir		

Observações gerais sobre o aluno

O aluno mostra dificuldades na expressão oral.

A sua dicção em algumas palavras não é correta.

Copia pequenos textos com alguns erros de ortografia; lê com algumas incorreções; mostra muitas dificuldades na interpretação dos textos; mostra dificuldades na aquisição e aplicação de conhecimentos.

Não conhece alguns números, apesar de fazer a contagem sem erros; só realiza operações simples de adição e subtração de números naturais; a resolução de situações problemáticas simples só as realiza se quem o acompanhar fizer a leitura pausada do enunciado e o acompanhar no raciocínio do mesmo.

Na expressão plástica realiza trabalhos muito simples, com pouco rigor técnico e só os executa por ser uma tarefa integrada nas atividades letivas. Conseguiu superar algumas dificuldades na área curricular do Português, mas mantém um nível de primeiro ano de escolaridade. Em relação ao ano em que se encontrava matriculado fez algumas aquisições, mas não as necessárias para a sua transição ao ano escolar seguinte. O aluno está a ser acompanhado por uma psicóloga, extra – escola, que já realizou um relatório que serviu de base para a proposta de observação por parte dos professores do Ensino Especial. O aluno foi encaminhado para uma consulta de desenvolvimento no Hospital “Amadora – Sintra”. O Gonçalo precisa de apoio Educativo, Psicológico e de Terapia da fala.

O professor titular de turma

PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO -Tiago



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

<p>PLANO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO</p> <p>Despacho Normativo n.º 24-A/2012</p> <p>Ano letivo: 2012/ 2013</p>	<p>1.º CICLO</p>
<p>Aluno: Tiago Filipe Ferreira de Sousa</p> <p>Professor titular de turma: Anabela Almeida Lopes</p>	<p>Ano: 2º</p> <p>Turma: B</p>

1. Assinalar, com um X, as áreas disciplinares que integram o Plano

	PORT/PL NM	MAT	EMEIO	Outra
/ /	X	X	X	
/ /				
/ /				

2. Problemas/dificuldades diagnosticadas

		Especifique as dificuldades diagnosticadas
Gravidade em e das	Compreensão oral	
	Expressão oral	X
	Leitura	X

	Compreensão leitora	X	
	Expressão escrita	X	O aluno mostra dificuldades na expressão oral.
	Conhecimento explícito da língua	X	A sua dicção em algumas palavras não é correta.
	Números e operações		Copia pequenos textos com alguns erros de ortografia; lê com algumas incorreções; mostra muitas dificuldades na interpretação dos textos; mostra dificuldades na aquisição e aplicação de conhecimentos.
	Geometria e medida		
	Organização e tratamento de dados		
	Resolução de Problemas	X	
	Localização no espaço e no tempo	X	Na resolução de situações problemáticas simples só as realiza se quem o acompanhar fizer a leitura pausada do enunciado e o acompanhar no raciocínio do mesmo.
	Conhecimento do meio natural e social	X	
	Dinamismo das inter-relações natural/social	X	
	Expressão e comunicação plástica		
	Expressão e comunicação musical		
	Expressão e comunicação motora		
	Aquisição de conhecimentos	X	
	Aplicação de conhecimentos	X	
	Pesquisa, seleção e organização de informação		
	Hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo	X	
Domínio social e cívico cidadania	Empenho		
	Concentração/atenção		
	Participação		
	Cumprimento de tarefas		
	Organização do material escolar		

Pontualidade	
Assiduidade	
Autonomia	X
Cooperação com os outros	
Relacionamento com colegas	
Relacionamento com adultos	
Cumprimento do regulamento interno	

3. Medidas de promoção do sucesso escolar

Estratégias de recuperação			Observações
Medidas de apoio ao estudo	Desenvolver hábitos de trabalho, de organização e de estudo	X	
	Consolidar as matérias lecionadas	X	
	Acompanhar a realização dos TPC	X	
	Melhorar os hábitos de leitura	X	
	Incrementar atividades de recuperação	X	
	Tutoria visando o ensino de estratégias de estudo, organização de trabalho, orientação e aconselhamento do aluno		
	Plano de trabalho (faltas injustificadas)		
Frequência do Apoio Educativo	Colmatar insuficiências detetadas	X	
	Otimizar o desempenho de alunos com elevada capacidade de aprendizagem		
Coadjuvação em sala de aula			

Acompanhamento extraordinário (só a partir de 2013/2014)		
Acompanhamento ao aluno (que progrediu ao 2º ou ao 3º ciclos, com nível inferior a 3 a Português ou Matemática no ano escolar anterior)		
Adoção, em condições excecionais, de percursos específicos <input type="checkbox"/> PCA <input type="checkbox"/> CEF <input type="checkbox"/> Outro percurso. Qual _____		

Outras estratégias que se pretendem implementar:

4. Intervenientes

• Alun <input type="checkbox"/>	• Professor <input type="checkbox"/>	• Diretor de turma
<input type="checkbox"/>	• Professor(es) de apoio educativo	
• Encarregado de educação		
<input type="checkbox"/> Técnicos especializados. Quais		

4.1. Técnicos especializados (SPO; Técnica do SAS; Terapeutas;)

(Definição de atividades em articulação com o encarregado de educação e com outros intervenientes)	
Data _____ / _____ / _____	Ass. _____

5. O aluno deve responsabilizar-se por

- melhorar a assiduidade e a pontualidade
- trazer o material necessário (cadernos, livros, caderneta, ...)
- realizar as tarefas propostas na totalidade e com qualidade
- manter os cadernos limpos e organizados
- reforçar a atenção/concentração
- não prejudicar a aprendizagem dos outros
- participar nas aulas e atividades escolares
- estudar diariamente e de forma sistemática as matérias (escola/casa)
- ter um comportamento digno e respeitador mantendo bom relacionamento com colegas, professores e funcionários
- se empenhar na realização de todas as tarefas, a fim de ultrapassar as suas dificuldades
- apresentar dúvidas e solicitar esclarecimentos aos professores
- melhorar a autonomia e a responsabilidade

6. O encarregado de educação deve responsabilizar-se por

- controlar a assiduidade e a pontualidade do seu educando
- supervisionar os materiais escolares (cadernos, testes, fichas, caderneta, ...)
- dialogar com o seu educando sobre os seus progressos/dificuldades verificados na escola
- estabelecer um horário de estudo
- fazer cumprir as normas escolares/o regulamento interno
- cooperar com os professores
- estabelecer contactos com o diretor de turma
- valorizar os comportamentos positivos na aprendizagem do seu educando

7. Assinaturas

Elaborado em ____ / ____ / ____ Professor titular de turma

Declaro que tomei conhecimento do plano de acompanhamento pedagógico e me responsabilizo pelo cumprimento das medidas estipuladas.

Enc. _____

Queluz, _____ de

educ. _____

_____ de _____

Aluno _____	Queluz, _____ de _____
_____	_____ de _____

8. Evolução do aluno (assinalar com NS, S, SB e E e no 4º ano utilizar a escala de 1 a 5)

	PORT/P LNM	MAT	EMEIO	Outra
/ /				
/ /				
/ /				
/ /				

9. Avaliação do plano

O professor titular de turma considera que:

- o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.
- o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.
- o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.
- o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.

Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)

_____/_____/_____	Professor titular de turma _____
Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.	
Enc. educ. _____	Queluz, _____ de _____ de _____
Aluno _____	Queluz, _____ de _____

_____ de _____

<p>O professor titular de turma considera que:</p> <p><input type="checkbox"/> o plano se tem revelado eficaz, pois o aluno ultrapassou a maioria das suas dificuldades.</p> <p><input type="checkbox"/> o plano se tem revelado parcialmente eficaz, pois o aluno ultrapassou algumas das suas dificuldades.</p> <p><input type="checkbox"/> o plano não se tem revelado eficaz, pois o aluno não ultrapassou as suas dificuldades.</p> <p><input type="checkbox"/> o aluno revelou dificuldades a outras disciplinas que passam a integrar o plano.</p>

<p>Aspetos a melhorar, modo de superar dificuldades e valorização das aprendizagens (se necessário, em articulação com os técnicos)</p>
--

____ / ____ / ____ Professor titular de turma _____
<p>Tomei conhecimento da avaliação do plano de acompanhamento pedagógico.</p> <p>Enc. educ. _____ Queluz, _____ de _____ de _____</p> <p>Aluno _____ Queluz, _____ de _____ de _____</p>

Avaliação no final do ano letivo

<p>O conselho de turma considera que o aluno:</p> <p><input type="checkbox"/> ultrapassou a totalidade das insuficiências detetadas.</p> <p><input type="checkbox"/> ultrapassou parcialmente as insuficiências detetadas.</p> <p><input type="checkbox"/> não ultrapassou as insuficiências detetadas.</p>	<p>Avaliação global:</p> <p><input type="checkbox"/> com aproveitamento</p> <p><input type="checkbox"/> sem aproveitamento</p>
____ / ____ / ____ Professor titular de turma _____	

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS - Tiago



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas Ruy Belo

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

CONHECIMENTOS NÃO ADQUIRIDOS E CAPACIDADES NÃO DESENVOLVIDAS

Decreto-lei n.º 139/2012 de 5 de julho, art.º 25.º, ponto 8

Aluno : Tiago Filipe Ferreira de Sousa

1.º
ciclo

► Situação escolar em 2012/2013

N.º 24 , 2.º ano - turma B

X Ensino regular NEE

Avaliação obtida no terceiro período

PORT/PLNM	MAT	E. MEIO	EXP. ARTÍSTICAS	EXP. FÍSICO- MOTORAS
NS	NS	S	S	S

Data: 26 /06 /2013 Professor titular de turma : Anabela Lopes

Identificação de conhecimentos não adquiridos e de capacidades não desenvolvidas pelo aluno

		Especifique
Expressão oral	X	O aluno mostra muitas dificuldades nas áreas assinaladas porque esteve integrado na turma do 2º ano de escolaridade, mas a realizar aprendizagens do 1º ano.
Compreensão oral		
Expressão escrita	X	
Compreensão escrita	X	

Expressão e comunicação plástica		do 2º ano, mas não atingiu as aprendizagens correspondentes ao proposto para este ano de escolaridade.
Expressão e comunicação musical		
Expressão e comunicação motora		
Domínio de técnicas expressivas		
Compreensão de ideias e conceitos		
Aquisição de conhecimentos	X	
Aplicação de conhecimentos	X	
Resolução de problemas	X	
Pesquisa, seleção e organização de informação	X	
Utilização das TIC para recolha de informação		
Domínio do vocabulário específico da disciplina	X	
Interpretação e utilização de mapas, gráficos, tabelas e imagens, entre outros	X	
Utilização da referência temporal		
Apropriação de relações de espacialidade		
Cumprimento das diferentes fases do processo de trabalho		
Aquisição de hábitos e métodos de trabalho e/ou estudo	X	
Concretização das tarefas propostas		

		Especifique
Empenho		O aluno ainda mostra alguma imaturidade, só realiza trabalho quando está acompanhado por um adulto, não conseguindo realizar um trabalho autónomo.
Concentração/atenção		
Criatividade		
Responsabilidade		

Autonomia	X	
Rigor	X	
Trabalho individual, a pares e em grupo	X	
Intervenção/participação oportuna e ordenada		
Respeito pelo professor e pelos colegas tendo em conta: tolerância, cooperação, cidadania e solidariedade, sabendo ouvir		

Observações gerais sobre o aluno

O aluno mostra dificuldades na expressão oral.

A sua dicção em algumas palavras não é correta.

Copia pequenos textos com alguns erros de ortografia; lê com algumas incorreções; mostra muitas dificuldades na interpretação dos textos; mostra dificuldades na aquisição e aplicação de conhecimentos.

Na resolução de situações problemáticas simples só as realiza se quem o acompanhar fizer a leitura pausada do enunciado e o acompanhar no raciocínio do mesmo.

Conseguiu superar algumas dificuldades na área curricular do Português, mas mantém um nível de primeiro ano de escolaridade. Em relação ao ano em que se encontrava matriculado fez algumas aquisições, mas não as necessárias para a sua transição ao ano escolar seguinte. O aluno está a ser acompanhado por uma psicóloga, extra – escola, que o encaminhou para uma consulta de desenvolvimento no Hospital “Amadora – Sintra”. Logo que se consiga ter um relatório completo das suas problemáticas o aluno será proposto para observação por parte dos professores do Ensino especial.

O Tiago deverá ter acompanhamento psicológico; aulas de apoio educativo e seções de terapia da fala.

O professor titular de turma

Relatório de aprendizagem do primeiro período do segundo B

– 1º período



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RUY BELO

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

EB1/ JI Monte Abraão 2

Relatório de aprendizagem do primeiro período do segundo B

--- A turma do **segundo B** da professora **Anabela Lopes**, neste momento é constituída por vinte e seis alunos, sendo sete do sexo feminino e dezanove do sexo masculino. Uma das alunas do sexo feminino não tem comparecido às aulas desde o início do ano letivo. A aluna Joseana Jonaina M.Lemos, desde o segundo período do ano letivo transato, que não tem comparecido às aulas, no entanto já se seguiram alguns dos trâmites legais correspondentes. Até ao momento não se obteve qualquer resposta das entidades oficiais. -----

--- No decorrer deste primeiro período escolar, a turma mostrou ser muito heterogénea. A maioria dos alunos está a acompanhar, com sucesso, o programa do segundo ano de escolaridade, no entanto seis alunos ainda não conseguiram acompanhar a restante turma. Os alunos que se seguem mostram dificuldades várias nas áreas Curriculares Disciplinares. O aluno **Afonso Teixeira** está a ter um acompanhamento individualizado pela parte da professora titular de turma e apoio educativo com a professora Isabel Talefe duas vezes por semana. Este aluno está a trabalhar conteúdos do primeiro ano mas sem conseguir ter sucesso. Foi proposto para avaliação especializada e será avaliada em janeiro por um professor do ensino especial. A aluna **Deila Cardoso** integrou a turma no dia dezanove de setembro vinda de outro agrupamento. A Deila não mostrou reconhecer qualquer letra do alfabeto e por isso tem estado a trabalhar conteúdos do primeiro ano de escolaridade. Tem tido acompanhamento individualizado por parte da professora titular de turma, pela professora de apoio educativo, Isabel Talefe, duas vezes por semana e pela professora de Português Língua Não Materna,

Lurdes Abreu, também duas vezes por semana. Os alunos **Daniel Alfredo** e **Tiago Sousa** estão a usufruir de acompanhamento em Terapia da fala extra escola. Demonstram muitas dificuldades na leitura e na escrita e estão a ter apoio educativo com a professora Isabel Talefe, duas vezes por semana. Desde o início do ano letivo que têm vindo a usufruir desse apoio e já se consegue observar algum sucesso na sua aprendizagem, apesar de ainda terem muito trabalho a realizar para conseguirem atingir o nível da maioria da turma. O aluno **Eduardo Barreira** mostra uma grande imaturidade e mostra grandes dificuldades em Português. Não consegue fazer uma leitura correta, porque não sabe os casos da língua e recusa-se a aprender, preferindo estar sempre a brincar ou a incomodar os colegas da sala. Atrasa-se muito na realização das tarefas pedidas e muitas das vezes nem as consegue realizar por completo. O aluno está a usufruir de apoio educativo com a professora Isabel Talefe, duas vezes por semana, mas também não tem evoluído como se pretendia que tivesse evoluído. O aluno **Gonçalo Castanheira** é muito esforçado e mostra muita motivação para aprender, no entanto não tem tido muito sucesso. Mostra muitas dificuldades na leitura e escrita de palavras, o seu vocabulário é pouco rico e pronuncia mal algumas palavras. Usufrui de apoio educativo com a professora Isabel Talefe duas vezes por semana, mas tem mostrado pouca evolução na sua aprendizagem. O aluno necessitava de ter apoio em Terapia da fala. -----

--- Os alunos: Fátima Djau, Fátima Baldé e Bernardino Lopes estão a usufruir de aulas de Português Língua Não Materna duas vezes por semana com a professora Lurdes Abreu. -----

--- Nas áreas Curriculares Disciplinares cumpriu-se a planificação anual e mensal para este período escolar, e os resultados da aprendizagem da maioria da turma foram muito positivos. -----

--- Na área do Português a maioria da turma já lê textos em prosa e em verso; faz a interpretação oral e escrita dos textos que leem; Sabem distinguir sinónimos e antónimos das palavras; Distinguem o singular e o plural das palavras; Sabem escrever um recado; Escrevem pequenos textos com alguns erros ortográficos. -----

--- Na área da Matemática, a maioria da turma reconhece e identifica números naturais até trezentos; fazem decomposição e leitura dos números conhecidos; fazem leitura de

números por ordens e por extenso; mostram um bom cálculo operatório; realizam operações de adição, subtração e multiplicação (simples); reconhecem as tabuadas do dois e do três e resolvem situações problemáticas simples. -----

--- Na área de Estudo do meio, os conhecimentos transmitidos foram bem assimilados pela maioria da turma.-----

--- Em relação às áreas Curriculares Não Disciplinares não existem dificuldades a registrar. -----

--- A turma realizou trabalhos para o dia das bruxas; para o dia de São Martinho; Fez a leitura e exploração do livro do plano nacional de leitura “ Bichos, bichinhos e bicharocos” e participou com sucesso na festa de Natal que foi aberta a toda a comunidade educativa. -----

--- No geral a turma correspondeu positivamente, com motivação e empenho, ao que lhe foi proposto este período. -----

A Professora titular de turma

Queluz, 17 de dezembro de 2012

Relatório de aprendizagem do segundo período do segundo B – 2º período



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RUY BELO

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

EB1/ JI Monte Abraão 2

Relatório de aprendizagem do segundo período do segundo B

--- A turma do **segundo B** da professora **Anabela Lopes**, neste momento é constituída por vinte e seis alunos, sendo sete do sexo feminino e dezanove do sexo masculino. Uma das alunas do sexo feminino não tem comparecido às aulas desde o início do ano letivo. A aluna **Joseana Jonaina M.Lemos**, desde o segundo período do ano letivo transato, que não tem comparecido às aulas, no entanto já se seguiram alguns dos trâmites legais correspondentes. Até ao momento não se obteve qualquer resposta das entidades oficiais. O aluno **Thalys Silva** foi institucionalizado no decurso deste período e não efetuou as fichas de avaliação. Até ao momento a sua situação mantém-se a mesma, por isso o aluno não tem comparecido às aulas desde o dia dezanove de fevereiro.

--- No decorrer deste segundo período escolar, a turma mostrou ser muito heterogénea. A maioria dos alunos está a acompanhar, com sucesso, o programa do segundo ano de escolaridade, no entanto seis alunos continuam a não conseguirem acompanhar a restante turma. Os alunos que se seguem mostram dificuldades várias nas áreas Curriculares Disciplinares. O aluno **Afonso Teixeira** continua a ter um acompanhamento individualizado pela parte da professora titular de turma e apoio educativo com a professora Isabel Talefe duas vezes por semana. Este aluno está a trabalhar conteúdos do primeiro ano mas sem conseguir ter sucesso. O aluno já foi avaliado por um professor do ensino especial, professor Luís Alves, e vai beneficiar de um Plano Educativo Individual. A aluna **Deila Cardoso** continua a trabalhar conteúdos

do primeiro ano de escolaridade e tem mostrado uma boa evolução na sua aprendizagem. Continua a ter acompanhamento individualizado por parte da professora titular de turma, pela professora de apoio educativo, Isabel Talefe, duas vezes por semana e pela professora de Português Língua Não Materna, Lurdes Abreu, também duas vezes por semana. Os alunos **Daniel Alfredo** e **Tiago Sousa** continuam a beneficiar de acompanhamento em Terapia da fala extra escola e o Tiago também está a ter acompanhamento psicológico com a Psicóloga Alice do Agrupamento de escolas. Estes alunos estão a trabalhar os conteúdos do primeiro ano de escolaridade na área de Português. Demonstram muitas dificuldades na leitura e na escrita e estão a ter apoio educativo com a professora Isabel Talefe, duas vezes por semana. Têm mostrado estarem a melhorar as suas aprendizagens, mas continuam a ter entraves devido à dificuldade na articulação de algumas palavras. O aluno **Eduardo Barreira** continua a mostrar uma grande imaturidade e mostra grandes dificuldades em português. Continua a mostrar grandes dificuldades na leitura e na escrita, e apesar de estar a integrado no grupo de alunos que estão a trabalhar conteúdos do primeiro ano, não tem mostrado grandes progressos na sua aprendizagem. Mostra resistência na aquisição de conhecimentos e só trabalha quando está a acompanhado pela professora titular de turma, não executando nada sozinho. Levanta-se frequentemente e exige sempre atenção individualizada, quando isso não é possível, fica demasiado agitado e destabiliza a restante turma. Por opção dos seus encarregados de educação o aluno deixou de frequentar as atividades de enriquecimento curricular e o apoio educativo, estando no momento, a frequentar um colégio após as atividades letivas. O aluno **Gonçalo Castanheira** continua a mostrar-se muito esforçado e mostra muita motivação para aprender, no entanto não tem tido muito sucesso. Mostra muitas dificuldades na leitura e escrita de palavras, o seu vocabulário é pouco rico e pronuncia mal algumas palavras. Está a ser apoiado por uma psicóloga e uma terapeuta da fala no Hospital da Estefânia e ainda beneficia de apoio educativo com a professora Isabel Talefe duas vezes por semana. Na sala de aula está integrado no grupo que está a trabalhar os conteúdos do primeiro ano na área do português, mas tem mostrado pouca evolução na sua aprendizagem. -----

--- Os alunos: **Fátima Djau, Fátima Baldé e Bernardino Lopes** continuam a beneficiar de aulas de Português Língua Não Materna duas vezes por semana com a professora Lurdes Abreu. O aluno **Rui Ximenes** vai ser proposto para beneficiar deste apoio em virtude dos seus progenitores serem Timorenses e ele dominar muito mal a língua portuguesa. -----

--- Para os alunos: **Deila Cardoso, Daniel Alfredo, Tiago Sousa, Eduardo Barreira e Gonçalo Castanheira**, foram elaborados planos de acompanhamento pedagógico. -----

--- Nas áreas Curriculares Disciplinares cumpriu-se a planificação anual e mensal para este período escolar, e os resultados da aprendizagem da maioria da turma foram positivos. -----

--- Na área do Português a maioria da turma já lê textos em prosa, em verso e peças de teatro; fazem a interpretação oral e escrita dos textos que leem; sabem distinguir sinónimos e antónimos das palavras; distinguem o singular e o plural das palavras; sabem escrever um recado; reconhecem famílias de palavras; reconhecem os tempos verbais lecionados e escrevem pequenos textos ainda com alguns erros ortográficos. -----

--- Na área da Matemática, a maioria da turma reconhece e identifica números naturais até quinhentos; fazem decomposição e leitura dos números conhecidos; fazem leitura de números por ordens e por extenso; mostram um bom cálculo operatório; realizam operações de adição, subtração e multiplicação (simples); reconhecem as tabuadas dos dois até aos cinco; percebem e sabem resolver operações com o dobro, o triplo, o quádruplo e o quántuplo e resolvem situações problemáticas simples. -----

--- Na área de Estudo do meio, os conhecimentos transmitidos foram bem assimilados pela maioria da turma. -----

--- Em relação às áreas Curriculares Não Disciplinares não existem dificuldades a registar. -----

--- A turma realizou trabalhos para o dia de Carnaval; fez a leitura e exploração do livro do plano nacional de leitura “O Grande livro dos medos do pequeno rato”; realizou trabalhos para a semana da amizade; participou nos projetos dos professores das atividades de enriquecimento curricular, as Janeiras, o dia das panquecas e na atividade de final do período relacionado com a Páscoa. -----

--- No geral a turma correspondeu positivamente, com motivação e empenho, ao que lhe foi proposto este período. -----

A Professora titular de turma

Queluz, 18 de março de 2013

Relatório de aprendizagem do terceiro período do segundo B - 3º período



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RUY BELO

E.B. 1 /J.I MONTE ABRAÃO

E.B.1 /J.I MONTE ABRAÃO 2

EB1/ JI Monte Abraão 2

Relatório de aprendizagem do terceiro período do segundo B

--- A turma do **segundo B** da professora **Anabela Lopes**, neste momento é constituída por vinte e cinco alunos, sendo sete do sexo feminino e dezoito do sexo masculino. Uma das alunas do sexo feminino não tem comparecido às aulas desde o início do ano letivo. A aluna **Joseana Jonaina M.Lemos**, desde o segundo período do ano letivo transato, que não tem comparecido às aulas, no entanto já se seguiram alguns dos trâmites legais correspondentes. Até ao momento não se obteve qualquer resposta das entidades oficiais. Em virtude do acontecido a aluna não transitará ao terceiro ano. -----

--- No decorrer deste terceiro período escolar, a turma continuou muito heterogénea. A maioria dos alunos acompanhou, com sucesso, o programa do segundo ano de escolaridade, no entanto seis alunos não conseguiram acompanhar a restante turma. Os alunos que se seguem mostram dificuldades várias nas áreas Curriculares Disciplinares. O aluno **Afonso Teixeira** continuou a ter um acompanhamento individualizado pela parte da professora titular de turma e apoio educativo com a professora Isabel Talefe duas vezes por semana. Este aluno beneficiou de um Plano Educativo Individual, mas evoluiu muito pouco, ficando retido no segundo ano de escolaridade. A aluna **Deila Cardoso** trabalhou conteúdos do primeiro ano de escolaridade e conseguiu atingir as aprendizagens pretendidas para este ano escolar, no entanto como se encontra matriculada no segundo ano de escolaridade, e não fez aprendizagens para este nível de ensino, ficará retida este ano. Esta aluna teve acompanhamento individualizado por

parte da professora titular de turma, pela professora de apoio educativo, Isabel Talefe, duas vezes por semana e pela professora de Português Língua Não Materna, Lurdes Abreu, também duas vezes por semana. Os alunos **Daniel Alfredo** e **Tiago Sousa** continuam a beneficiar de acompanhamento em Terapia da fala extra escola e o Tiago ainda teve acompanhamento psicológico com a Psicóloga Alice do Agrupamento de escolas. Fez uma avaliação psicológica e foi encaminhado para consultas de desenvolvimento no hospital “Amadora-Sintra”, visto que o lado direito do seu cérebro deixou de evoluir a partir da faixa etária dos três anos de idade. Estes alunos trabalharam os conteúdos do primeiro ano de escolaridade na área de Português. Demonstraram muitas dificuldades na leitura e na escrita e tiveram apoio educativo com a professora Isabel Talefe, duas vezes por semana. Mostraram alguma evolução nas suas aprendizagens, mas mostraram muitas dificuldades na articulação de algumas palavras e como consequência muitas dificuldades na escrita. Estes alunos mostraram muitas dificuldades na interpretação de textos escritos e na expressão escrita não conseguindo obter resultados positivos nos testes de avaliação de conhecimentos. Vai ser proposta para análise a sua avaliação final ao grupo de docentes do segundo ano de escolaridade. O aluno **Eduardo Barreira** mostrou ao longo do ano, uma grande imaturidade e mostrou grandes dificuldades em todas as matérias da área curricular de português. Esteve integrado no grupo de alunos que trabalharam conteúdos do primeiro ano, mas não mostrou grandes progressos na sua aprendizagem. Mostrou resistência na aquisição de conhecimentos e só trabalhava quando estava acompanhado pela professora titular de turma, não executando nada sozinho. Levantava-se frequentemente do seu lugar e exigia sempre atenção individualizada, quando isso não era possível, ficava demasiado agitado e destabiliza a restante turma. O aluno mostra uma grande deficiência visual, mesmo com os óculos o aluno não consegue ver bem, daí, talvez a sua dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita. O Eduardo ficará retido no segundo ano de escolaridade. O aluno **Gonçalo Castanheira** mostrou-se muito esforçado e com muita motivação para aprender, no entanto não obteve muito sucesso. Mostrou muitas dificuldades na leitura e escrita de palavras, o seu vocabulário é pouco rico e pronuncia mal algumas palavras. Esteve a ser apoiado por uma psicóloga e uma terapeuta da fala no Hospital da Estefânia e ainda beneficiou de apoio educativo com a professora Isabel Talefe duas vezes por semana. Na sala de aula esteve integrado no grupo que esteve a trabalhar os conteúdos do primeiro ano na área do português, mas mostrou pouca evolução na sua aprendizagem. O aluno foi sinalizado para beneficiar de um Plano

Educativo Individual. Este aluno ficará retido no segundo ano de escolaridade por não ter conseguido obter as aprendizagens propostas para este ano letivo.-----

--- Os alunos: **Fátima Djau, Fátima Baldé, Bernardino Lopes e Rui Ximenes**, beneficiaram de aulas de Português Língua Não Materna duas vezes por semana com a professora Lurdes Abreu. Propõem-se para estes alunos a continuação deste benefício no próximo ano escolar. -----

--- Para os alunos: **Deila Cardoso, Daniel Alfredo, Tiago Sousa, Eduardo Barreira e Gonçalo Castanheira**, foram elaborados planos de acompanhamento pedagógico que foram parcialmente bem sucedidos. -----

--- Nas áreas Curriculares Disciplinares cumpriu-se a planificação anual e mensal para este período escolar, e os resultados da aprendizagem da maioria da turma foram positivos. -----

--- Em relação às áreas Curriculares Não Disciplinares não existiram dificuldades dignas de registo. -----

--- A turma, neste período, fez a leitura e exploração do livro do plano nacional de leitura “O Incrível rapaz que comia livros”; participou nos projetos dos professores das atividades de enriquecimento curricular, a semana Olímpica e o dia da mulher; participaram na festa de final do ano escolar com um projeto elaborado e executado em parceria entre a professora titular de turma e os professores das atividades de enriquecimento curricular. -----

--- No geral a turma correspondeu positivamente, com motivação e empenho, ao que lhe foi proposto este período, transitando ao terceiro ano de escolaridade. ---

A Professora titular de turma

Queluz, 18 de junho de 2013